



atos

do conselho geral

ano LXXX janeiro-março, 1999

N. 366

**Órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
Congregação Salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO-GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

**do Conselho Geral
da Sociedade Salesiana
de São João Bosco**

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**Nº 366
ano LXXX
janeiro-março
1999**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1. P. Juan E. VECCHI "UM AMOR SEM LIMITES A DEUS E AOS JOVENS"	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1. P. Antonio MARTINELLI LEIGOS DA FAMÍLIA SALESIANA E RENOVAÇÃO CAPITULAR	46
	2.2. P. Luciano ODORICO OS CENTROS DE FORMAÇÃO PARA CATEQUISTAS EM TERRITÓRIO DE MISSÃO	60
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>	
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor	68
	4.2. Crônica dos Conselheiros Gerais	78
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Estréia 1999	102
	5.2. Intervenção do Reitor-Mor no Encontro Mundial de Diretores de Boletins Salesianos	102
	5.3. Bispos Salesianos	125
	5.4. Irmãos falecidos	127

Tradução: *P. José Antenor Velho*



Rua Dom Bosco, 441

03105-020 — São Paulo - SP

Fone: (011) 277-3211 • Fax: (011) 279-0329

Fax/Vendas: (011) 279-4084

Telex: (011) 32 431 ESPS BR

E-mail: sdbmooca@salesianos.org.br

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

“UM AMOR SEM LIMITES A DEUS E AOS JOVENS”¹

1. A castidade pelo Reino. O que professamos. – O clima cultural. – A certeza inspiradora: um amor que anuncia o Ressuscitado e o espera.

2. Castidade e carisma salesiano. No sulco de uma tradição. – A serviço do amor educativo. – Sinal de doação total. – “Como um postulado da educação”. – Complementaridade enriquecedora.

3. O caminho para a maturidade. Uma emergência que desafia e interpela. – Um caminho a assumir. – Discernimento vocacional e formação inicial. – O papel da comunidade.

Conclusão: a força de uma profecia.

Roma, 8 de dezembro de 1998

Solenidade da Imaculada Conceição de Maria

Queridos irmãos,

Estou escrevendo no início do ano jubilar dedicado ao Pai, do qual provêm todos os dons. Entre os dons maiores recebidos em nossa existência está, depois do Batismo e da vida cristã, a graça especial da consagração sobre a qual vos convidei a refletir na carta anterior.

Nela «sobressai o precioso dom (...) dado pelo Pai a alguns (cf. *Mt* 19,11; *1Cor* 7,7) de votar-se a Deus somente, mais facilmente e com coração indiviso (cf. *1Cor* 7,32-33) na virgindade e no celibato»².

Pareceu-me oportuno continuar, então, o discurso iniciado propondo-vos algumas idéias sobre esta dimensão da nossa consagração.

¹ C 81

² LG 42

As Constituições apresentam a manifestação singular que este dom tem em nosso carisma, quando afirmam que é «um amor sem limites a Deus e aos jovens»³. Ele inclui a doação total de si e dispõe a enfrentar com maior liberdade e prontidão também o risco de vida nas fronteiras da missão *ad gentes*, a solidariedade com os pobres, as situações de conflito.

Enquanto estou concluindo a redação desta carta, tornaram-se públicos os nomes dos missionários e missionárias mortos em 1998 em contextos de guerra, fundamentalismo religioso e conflitos étnicos: um total de trinta e um, que se somam aos numerosíssimos que formam o martirologio do século XX.

Sobre esse fundo, marcado pela história de irmãs e irmãos que não hesitaram em dar a vida, gostaria de colocar a minha reflexão sobre «um modo intensamente evangélico de amar a Deus e aos irmãos»⁴ realizado através do voto de castidade. Proponho-me, com esta reflexão, evidenciar «o valor educativo da nossa consagração religiosa na vida cotidiana»⁵, segundo quanto nos propusemos na programação do sexênio.

1. A CASTIDADE PELO REINO

O que professamos

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* não trata cada um dos conselhos evangélicos em separado. Une-os na graça única da seqüela, limitando-se a explicitar cá e lá significados, valores ou exigências particulares de cada um deles. Sublinha, assim, o caráter de relação pessoal com o Senhor que tem a profissão e a dimensão mística dos votos. Cada conselho compreende atitudes e empenhos específicos, mas acaba por

³ C 81

⁴ C 80

⁵ cf. ACG 358, Número especial, n. 310, p. 16

compreender os outros dois. É difícil pensar numa castidade coerente e luminosa destacada da pobreza, que consiste na oferta total dos próprios bens materiais e pessoais, ou de uma obediência do coração, que coloca a si mesmo a qualquer custo à disposição da missão. E vice-versa.

Vita Consecrata não apresenta nem mesmo um discurso extensivo sobre o conjunto dos conselhos, mas insere algumas idéias sobre eles quando trata da consagração, da missão e da comunidade fraterna. Os conselhos são condições para a realização serena e coerente desses aspectos fundamentais da nossa vida e refletem-se em cada um deles.

A clareza com que o evangelho fala da castidade, a freqüência com que os documentos da Igreja e da Congregação, mesmo em tempos recentes, estudaram o argumento ajudaram-nos a adquirir um quadro suficientemente seguro sobre o sentido da castidade consagrada: é um dom do Pai e, da nossa parte, uma resposta livre de amor que nos leva a conformar-nos ao gênero de vida virginal escolhido por Jesus. E são assim também alguns compromissos que ela comporta: o celibato como estado de vida e a prática da continência própria de tal estado, a vontade de doação sem limites a Deus e aos jovens. Doutrinalmente adquirida é também a ascese exigida pela prática da castidade, expressa quase sempre numa série de indicações que compreendem meios humanos e sobrenaturais.

O clima cultural em que vivemos sugere, contudo, que se faça uma reflexão pessoal e contextualizada sobre este conselho⁶.

Estamos, de fato, quase submersos por imagens, mensagens, opiniões e explicações que se referem à sexualidade, enquanto o silêncio sobre a castidade é quase total.

⁶ Percebeu-se dessa forma o Grupo dos dezesseis Superiores Gerais que em sua reunião com a CIVCSVA desenvolveram o tema: *Viver a castidade – celibato hoje: os problemas e as nossas responsabilidades*

Isso leva a interrogar-nos sobre a atual prática da castidade, sobre as condições a serem exigidas e criadas para que seja amadurecedora e serena, sobre a sua força de testemunho, sobre os percursos pedagógicos e espirituais que nos possam levar à sua significativa realização num mundo que parece não levá-la em consideração.

O clima cultural

Um certo silêncio sobre a castidade cristã, também de nossa parte, pode derivar da mudança cultural que torna mais difícil hoje do que ontem perceber o seu significado humano e falar, em termos realísticos e delicados, sobre alguns problemas que ela suscita, como as expressões legítimas do amor, a forma do casal, as práticas que se referem à vida, a culpabilidade ou não de determinados comportamentos pessoais.

A reflexão católica é submetida a esforços particulares pela complexidade das questões e pela variedade das opiniões. Procura respostas às interpelações, aprofundando o caráter da pessoa, o papel da consciência, o influxo da situação, a orientação existencial. Juízos sumários, portanto, também formalmente corrigidos, mas sem suficiente análise ou aprofundamento, acabam por não resolver interrogativos urgentes levantados pela castidade.

Entre os elementos que marcam a presente evolução está, sem dúvida, a valorização da sexualidade. Ela é complexa. A ela é reconhecido um influxo determinante no desenvolvimento da personalidade. É considerada uma riqueza a explorar, mais do que um instinto a debelar. É colocada em relação com aspectos muito sentidos da pessoa como a maturidade, a realização completa, a capacidade de relação, o prazer, o equilíbrio interior que sabe superar complexos, sentimentos de culpa e inseguranças. Essa perspectiva positiva é assumida também pelo pensamento

da Igreja, como demonstram a abundante catequese de João Paulo II e a vasta literatura moral e espiritual.

Por outro lado, caíram os controles sociais e, às vezes, também os familiares. Há tolerância pública e defende-se o direito de opções diversas; antes, imprensa, literatura, espetáculos exaltam muitas vezes a transgressão e apresentam os desvios como opções possíveis, conseqüências de condições pessoais. Qualquer dimensão ética, mesmo apenas humanística, é desvalorizada quando não ignorada, até em programas oficiais amplamente difundidos. Existe a preocupação de viver a sexualidade apenas de modo gratificante e seguro de riscos para a saúde física ou psíquica, separada de componentes que lhe dão sentido transcendente e dignidade humana.

O corpo é valorizado e quase exaltado em suas diversas possibilidades: saúde, forma, beleza, expressão artística, prazer. Está no centro de muitas preocupações e relativas indústrias que respondem e estimulam novos interesses: ginástica, esporte, cosmética, dança. O pensamento cristão sublinha que o corpo é chamado a integrar-se sempre mais no projeto vocacional, que o homem não tem só um corpo, mas é corpo capaz de exprimir o que o espírito sente e quer comunicar: amor e alegria, ânsia e raiva, atenção pelo outro ou exclusivo interesse por si.

A evolução cultural em seu conjunto e as contribuições de um feminismo equilibrado colocaram às claras a originalidade da mulher, as riquezas do seu gênio e a complementaridade recíproca com o homem. As intervenções de João Paulo II a respeito são sinal também de uma mudança eclesial. A conseqüência, para nós, é maior proximidade com a mulher, que se expressa na presença comum em todos os âmbitos, na colaboração, na relação mais livre, que não poucas vezes leva à confiança, à familiaridade e à amizade.

Nossas sociedades tornaram-se, ainda, alérgicas a controles e leis que pretendam adentrar naquela que é tida a

esfera do privado, e, por isso, as mesmas normas morais suscitam reações e têm dificuldade de encontrar espaço em âmbito civil para expressar nele o seu profundo valor humano e religioso. A sexualidade, o amor e, em certo sentido, a família são privatizadas. Não poucos comportamentos e opções pessoais sobre isso deixaram de ser avaliados a partir de uma consideração moral, aceita de modo comum, mas dos direitos da pessoa, considerada ora em sua irredutível dignidade ora confundida com uma liberdade arbitrária.

A transformação cultural em ato comporta desenvolvimentos positivos e custos pesados. Entre os primeiros, podemos enumerar a maior liberdade no viver as próprias opções, a percepção de vazios que pedem para ser preenchidos, sendo-o de fato através da volta do desejo de um amor autêntico, da busca e da oferta do gratuito, isto é, do que não pode ser comprado, mas descoberto e vivido fora dos intercâmbios.

Entre os custos pesados, existe uma insistência exagerada da subjetividade em matéria sexual; o enfraquecimento ou desaparecimento do liame matrimonial e o temor de assumi-lo, com as conseqüentes “adolescências prolongadas”; a proliferação de imagens e material sexual de baixo teor, praticamente à mão de todos, através dos canais e redes autorizadas ou clandestinas.

Tudo isso produz uma ambigüidade que desafia, não só a capacidade de avaliação, mas também o controle dos desejos. Se, de um lado, defende-se tenazmente a dignidade da mulher, que é bem mais do que seu corpo, de outro, continua-se a apresentá-la como objeto erótico na publicidade e no cinema. Estimula-se a expressão livre da sexualidade, mas reage-se com dureza quando, descontrolada, ela não reconhece limites. Insiste-se na “emoção”, particularmente dos jovens, através de imagens e *slogans*, e pretende-se deles constância e fidelidade, fruto de capacidade reflexiva e projetual. A conquista dos mercados leva a mídia a voltar-se para a eficácia

comunicativa, quando não sobre a esperteza tecnológica, mais do que sobre a oferta de uma visão verdadeira e profunda da realidade.

O clima envolve os jovens aos quais a primeira informação sobre a sexualidade e a castidade chega confusa e ambígua. E não poupa os religiosos, nem sequer aqueles que anteriormente tinham interiorizado a sua visão cristã. Pode derivar daí, também para nós, uma queda de sensibilidade, que nos torna quase indiferentes quanto às avaliações ou comportamentos e diminui o valor específico da nossa opção consagrada. Pode desaparecer o rigor da vigilância, que evita expor-se em ocasiões negativas, por parte de quem escolheu colocar Jesus no centro do próprio coração. Podem ser geradas, nos pastores e educadores, uma incerteza na orientação das consciências em comunhão com a Igreja, e na proposição, de modo convincente, da castidade como valor essencial na construção do homem e do cristão.

Isso pode tornar-se muito arriscado, se a educação recebida por nós, que teve seus limites ao lado de inegáveis méritos, não nos tenha munido suficientemente dos instrumentos necessários de avaliação, de atitudes consolidadas de vida, de honestidade interior capaz de desmascarar as racionalizações de que o mal frequentemente se reveste.

Vita Consecrata convida a responder às provocações da cultura com «a prática alegre da castidade perfeita, como testemunho do poder do amor de Deus na fragilidade da condição humana»⁷.

Nós Salesianos advertimos a necessidade de uma mobilização interior, pessoal e comunitária, para viver, com mais alegria e com transparência mais irradiante, esta virtude que configura os membros de Cristo à total liberdade e capacidade de dom de sua Cabeça.

⁷ VC 88

Só com o olhar voltado para ele, seremos capazes de perceber o significado da castidade, sobretudo na forma profética e peculiar que brilha no dom da virgindade, professada pelo Reino dos céus, nas comunidades religiosas.

A certeza inspiradora: um amor que anuncia o Ressuscitado e o espera

É impossível enfrentar qualquer questão específica da castidade cristã sem buscar suas raízes mais profundas na Palavra de Deus. E, mais do que em textos particulares, que certamente não faltam, o fundamento da castidade consagrada e o seu significado devem ser buscados na pessoa mesma de Jesus, Palavra total e definitiva de Deus. Ele é celibatário pelo Reino, para manifestar visivelmente o amor de Deus por todos e cada um. Inaugura assim um outro modo de ser pessoa, em quem a sexualidade realiza, com total liberdade, a pertença plena ao Pai e a doação até o extremo pelos homens.

Tomo da Bíblia apenas algum estímulo que julgo particularmente adequado ao nosso presente. Servirá como convite a vos aproximardes da Palavra de forma pessoal e tranqüila para colocar a reflexão toda em seu contexto pleno de luz e graça.

O Antigo Testamento entrevê a revelação futura da virgindade pelo Reino quando Jeremias, colocando o seu celibato a serviço da missão profética⁸, introduz a imagem da *virgem de Israel*⁹. A expectativa normal do Antigo Testamento, porém, é a fecundidade, abençoada por Deus com filhos que chegam, de geração em geração, para confirmar as promessas de Javé e a esperança de dar condições, na própria carne e no próprio sangue, à vinda do Messias.

⁸ cf. Jr 16,1-2

⁹ cf. Jr 18,13; 31,4.21

O dom da virgindade pertence ao Novo Testamento e traz em seu cerne – como dizíamos – a memória de Jesus, que a viveu com simplicidade e exprimiu seus conteúdos com a própria existência, entregue ao Pai e ao serviço dos irmãos.

É fácil perceber no Novo Testamento uma acentuação da relação personalíssima que liga o discípulo a Jesus: aparece particularmente forte e propositiva no evangelho de João; desenvolve-se no diálogo de Jesus com Nicodemos e com a Samaritana; torna-se familiaridade na casa de Lázaro, Marta e Maria; demonstra-se fiel na hora da cruz, num entrelaçamento de recíproca entrega e paixão, que vê como protagonistas Jesus, a Virgem Maria, o discípulo predileto.

É justamente o ícone do *discípulo que Jesus amava*¹⁰ que demonstra a centralidade do amor pessoal. O “discipulado” tem sua origem e expressão no amor crente e obediente. Ele é o fundamento do “apostolado”. É esse o sentido do diálogo com Pedro no capítulo 21 do evangelho de São João: nele, o amor pessoal pelo Mestre é exigido como condição imprescindível, em vista da entrega do ministério pastoral: «Amas-me mais do que estes?»¹¹.

Trata-se de um amor marcado pela intimidade imediata entre Jesus e o discípulo predileto, que, na última ceia, repousa a cabeça sobre o coração do Mestre. É amor contagioso, que lhe fica ao lado na prova. É amor iluminado, que no dia da Ressurreição “crê sem ver”, e mantém o olhar aguçado, capaz de reconhecer o Ressuscitado à margem do lago, mesmo em meio às brumas da manhã. É amor que dura «até que Ele venha»¹².

Acredita-se, hoje, que o *discípulo que Jesus amava* seja também o “tipo” do cristão maduro, que fez de Cristo o centro, a causa, o “primeiro amor” da própria vida. Existe também uma tradição eclesial, antiga e sempre viva, que vê no

¹⁰ Jo 20,2

¹¹ Jo 21,15

¹² 1Cor 11,26

discípulo predileto o “símbolo” da virgindade e do “coração indiviso”, como uma premonição da vida consagrada, que faz de Cristo o amor único e soberano da própria existência, capaz de dar vigor e regra a todos os outros amores. Sua casa é com Maria, no coração da Igreja. Sua família é a companhia dos irmãos e das irmãs, aos quais é dado o dom do mesmo chamado. Seu destino é durar “até o Seu retorno”, escrevendo, de modo sempre novo, a longa história dos amigos e seguidores de Jesus.

A compreensão dessa novidade não foi fácil. A mudança introduzida por Jesus no costume corrente, em homenagem ao plano originário de Deus – «no princípio não era assim»¹³ – era por demais radical. Jesus mesmo afirma – respectivamente diante da fidelidade matrimonial e do celibato pelo Reino – que «nem todos entendem este ensinamento, mas somente aqueles aos quais Deus dá a capacidade de fazê-lo»¹⁴: «outros, não se casam para melhor servir o reino de Deus. Quem puder entender procure entender»¹⁵.

«O que é, então, este Reino de Deus que habilita até mesmo a renunciar ao matrimônio? É o amor paterno, materno, sponsal de Deus pelo homem, de que fala toda a Escritura; o doce senhorio do Pai, através de Cristo, no Espírito, sobre quem se decide a responder com amor filial e sponsal. É a percepção da irrupção do Reino: essa é a raiz da virgindade cristã»¹⁶.

Se Jesus prega o Reino, os apóstolos pregam Cristo, que encarna a sua plenitude definitiva. A virgindade faz memória dele. Ele é o Reino que, em espírito e verdade, reinicia a humanidade no destino de Graça, preparado pelo Pai.

¹³ Mt 19,8

¹⁴ Mt 19,11

¹⁵ Mt 19,12

¹⁶ AA.VV. *Parola de Dio e spirito salesiano. Ricerca sulla dimensione biblica delle Costituzioni della Famiglia Salesiana*, p. 137

O Apocalipse vê na virgindade o sinal da esposa, “que desce do céu, de Deus”¹⁷ e que, da terra, sobe até Ele. Ela significa, pois, proximidade a Cristo Senhor, a felicidade de acompanhá-lo em comunidades alegres, que se exprimem com um cântico novo, carregado de beleza e de mistério, tensão sustentada pela esperança de um encontro definitivo. Pela entusiasmante descoberta de Cristo, «o estado religioso mais fielmente imita e continuamente representa na Igreja a forma de vida, que o Filho de Deus abraçou, quando veio ao mundo para fazer a vontade do Pai, e que propôs aos discípulos que o seguiam»¹⁸.

O nosso voto é um sinal indicativo de Cristo: vivo, ressuscitado, presente na Sua Igreja, capaz de enamorar os corações, com aquele “amor”, que a Igreja canta há séculos em sua história e na liturgia.

Pela castidade, o religioso faz-se imagem e primícias da Igreja, entregue toda – só e para sempre – ao Seu Senhor. A sua identificação com a Igreja acontece e expressa-se sobretudo no dom total de si. «Não há virgindade que seja fecunda e cheia de significado em si (...); ela adquire o seu sentido e a sua fecundidade unicamente a partir da total entrega na Igreja»¹⁹.

A virgindade cristã surge com o mistério da cruz, com a abertura da ferida no peito de onde nasce a Igreja, como “corpo e esposa de Cristo”. Esta expressividade eclesial é a razão pela qual em cada voto se recapitulam também os outros dois. «A obediência é a pobreza do espírito por amor, e a virgindade, que é a pobreza do corpo por amor, torna-se fecunda somente lá onde tem como pressuposto o sacrifício espiritual»²⁰. A castidade – também nesta linha – configura-nos a Cristo que, “de rico que era, fez-se pobre por nós”²¹. O religioso – a exemplo

¹⁷ cf. Ap 21,2

¹⁸ LG 44

¹⁹ Von Balthasar, *Gli stati di vita del cristiano* (Jaca Book 1995) p. 204

²⁰ ib.

²¹ cf. 2Cor 8,9

de Cristo, morto numa cruz – encontrar-se-á no final da sua existência, como homem sem família e sem fortuna, que não construiu nada por própria conta, cujos olhos estão fixos em Deus, que, unicamente, dá significado à sua existência.

A castidade exprime assim uma forma madura de liberdade, que é a opção de doar-se sem economia, de realizar de forma insólita a dimensão pessoal, de entregar-se totalmente à própria missão sem nada buscar nem reter para si. Esse é o testemunho que tantos missionários de ontem e de hoje – e muitos irmãos salesianos entre eles – deram e dão à Igreja, quando, nos postos avançados da missão, entregam continuamente tudo, também a própria vida, exposta com freqüência a riscos mortais, pela fidelidade ao povo a eles confiado. Descobre-se dessa forma a presença operosa do Mistério Pascal no coração da Congregação e de nossos irmãos melhores. A história da Igreja, especialmente nos países de missão, e as crônicas dramáticas dos últimos anos confirmam amplamente que não estamos brincando com palavras, mas apenas esforçando-nos por ler “fatos de Evangelho”.

A totalidade incondicional da oblação é o âmago da castidade de Maria, que – no ato de dizer *Ecce ancilla Domini*, «Eis aqui a serva do Senhor»²² – entrelaça a castidade mais alta com a autoentrega total ao projeto de Deus.

2. CASTIDADE E CARISMA SALESIANO

No sulco de uma tradição

Basta recordar a atenção de Dom Bosco pela virtude da pureza, em que ele via um componente essencial do crescimento cristão do jovem, a garantia do clima educativo da casa salesiana, a premissa da autoentrega do salesiano e do jovem a Cristo e à Igreja.

²² Lc 1,38

É unânime o testemunho dos contemporâneos sobre o fascínio que o exercício dessa virtude conferia a Dom Bosco, tornando-se um dos mais límpidos lineamentos da sua santidade. Não causa estupor, portanto, que o nosso santo Fundador sonhe os Salesianos caracterizados pela castidade e coloque essa virtude na encruzilhada de exigências educativas, de caminhos de santificação pessoal na seqüela de Cristo, de urgências proféticas ao serviço dos jovens e do povo de Deus.

Nosso Pai gozou certamente de um dom extraordinário para ajudar os jovens a viver a castidade com alegria. Em uma nota pessoal o P. Giovanni Bonetti, falando de Dom Bosco, observa: «Ouvi-o falar muitas vezes do púlpito sobre o assunto, mas confesso que, sempre, cada vez mais do que as outras, experimentava a força de suas palavras, e sentia-me impelido a qualquer sacrifício por amor de tão inestimável tesouro»²³.

Relendo a práxis de Dom Bosco²⁴, chega-se à convicção de que a qualidade global do ambiente educativo, a paternidade amorável do próprio Dom Bosco, educador e confessor, a contínua proposta serena dos meios sobrenaturais (Eucaristia, Penitência, amor a Maria), o espírito de mortificação e a fuga das ocasiões, um estilo de vida cheio de alegria, vivido e proposto positivamente eram as pistas sobre as quais o nosso Fundador insistia de preferência e indicava com convicção aos educadores, para formar os jovens à castidade.

Não foi apenas um traço da sua santidade pessoal, mas elemento do carisma. Dom Bosco inaugura uma tradição. No 20º aniversário da sua morte, o Bem-aventurado Miguel Rua escreve uma das suas cartas mais acaloradas, intitulando-a *Vigilância*. Sua preocupação é dar a conhecer «aquilo que aos

²³ P. Ricaldone, *Santità è purezza*, in ACS n. 69 (31 de janeiro de 1935), p. 11

²⁴ cf. a análise atenta do P. P. Stella, in *Don Bosco*, II (Roma 1981), pp. 240-274; o tratado do P. P. Braido, in *Il sistema preventivo di Don Bosco* (PAS-Verlag 1964), pp. 289-311; F. Desramaut, *Don Bosco et la vie spirituelle* (Paris 1967), especialmente o capítulo "*L'ascèse indispensable*"

poucos a experiência nos ensina ou que as necessidades dos tempos presentes nos sugerem»²⁵. A carta foi publicada no dia seguinte à difícil prova, conhecida na história da Congregação como *os fatos de Varazze*²⁶. «Uma avalanche de calúnias e de acusações horríveis fundiu-se num instante como névoa ao sol» – escreve o P. Rua – evocando as palavras de Dom Bosco: *Est Deus in Israel. Niente ti turbi*. Fazendo tesouro da dolorosa experiência, o Bem-aventurado acrescenta, porém, com sereno realismo: «Não podemos ter ilusões: os nossos pensamentos são escrutados, as nossas ações são recolhidas e avaliadas». Parece claro o propósito de infundir coragem num momento de prova, mas também de prevenir fatos que pudessem dar lugar a críticas e acusações num campo tão delicado, como o juvenil e educativo.

Sob esse aspecto, é preciso dizer que – desde então até hoje, em muitas partes do mundo – o clima tornou-se ainda mais sensível e exigente.

O P. Paulo Albera, igualmente, em 1916, achou oportuno escrever uma carta *Sobre a castidade*²⁷, densa de elementos, derivados da tradição salesiana, e atenta em fornecer os grandes meios de fidelidade: Eucaristia e Penitência, oração e devoção a Maria, mortificação, humildade e prudência. A carta é também colocada num determinado contexto. Iniciava-se então a propor, como parte da educação dos jovens, uma informação mais sistemática e fundada sobre as questões sexuais. Nada mais natural que recordar a delicadeza de Dom Bosco e apresentar as expressões usadas por ele ao propô-la e os caminhos que indicava para desenvolvê-la.

P. Albera insiste no caráter *ofertorial* da castidade, com referência à Carta de São Paulo aos Romanos: «Exorto-vos, pois, irmãos, que ofereçais os vossos corpos como oferta viva,

²⁵ cf. *Lettere circolari di don Michele Rua ai Salesiani* (Turim 1965), pp. 461-73

²⁶ cf. *Annali della Società salesiana*, vol. III, pp. 684-702

²⁷ cf. *Lettere circolari di don Paolo Albera ai Salesiani* (Turim 1965), *Sulla castità*, pp. 212-229

santa e agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto espiritual»²⁸.

Seu segundo sucessor – tido como caríssimo por Dom Bosco – colheu bem o fundamento evangélico da castidade, que o nosso Fundador anunciava mais com o estilo de vida, totalmente entregue aos jovens, do que com os discursos: a oferta eucarística prolonga-se na vida, que repete humilde, mas firmemente: «Este é o meu corpo dado por vós»²⁹.

O P. Pedro Ricaldone, com o coração ainda muito cheio das celebrações da Páscoa de 1934, que vira a canonização de Dom Bosco, oferecia a sua carta *Santidade é pureza*, como coroação daquele ano inesquecível. Tratava-se de uma escolha calculada e radicada na certeza de tocar um dos pontos mais nevrálgicos do espírito salesiano. P. Ricaldone dizia-se convencido de não fazer a Dom Bosco «coisa mais agradável do que exortar todos os Salesianos a refletirem sem trégua que a nossa santidade deve manifestar-se especialmente com uma vida de candura e pureza virginal»³⁰.

Em 1977, o P. Luigi Ricceri, com a carta *Viver hoje a castidade consagrada*, propunha de novo, «obedecendo a um preciso ditame» da consciência, «o testemunho típico da castidade salesiana». É uma carta interessante, ainda de grande atualidade, que vos convido a reler como complemento desta. Coloca-se no contexto do clima dos inícios destes anos que estamos vivendo plenamente: contexto novo e desafios novos por parte do mundo e interpelações por parte da Igreja: um contexto marcado no interior da Congregação pelo doloroso problema das defecções frequentemente tocadas, embora não unicamente, por vazios, por faltas de fundamento, por imprudências ou descuidos neste campo.

Talvez, muito sumariamente, as severas palavras de

²⁸ Rm 12,1

²⁹ Lc 22,19

³⁰ P. Pedro Ricaldone, *Santità è purezza*, in ACS n. 69 (31 de janeiro de 1935), p. 6

Dom Bosco sobre a castidade, tenham sido atribuídas ao contexto cultural e ascético da sua época, certamente não sem limitações igualmente sérias. Hoje compreendemos melhor que somos chamados a ler, também nelas, a sabedoria de um santo, profundo conhecedor do coração humano, que via com preocupação as conseqüências negativas, mesmo distantes, de algumas tendências e atitudes. Tornam-se atuais – à luz de quanto, com freqüência, é publicamente denunciado hoje – as reflexões de Dom Bosco durante o terceiro Capítulo Geral de 1883: «Faltando contra a moralidade, perde-se diante de Deus a alma, diante do mundo a honra»³¹. «O Senhor – observa em outra ocasião – dispersaria a Congregação, caso faltássemos à castidade»³².

Os dramas educativos da nossa época, os abusos contra menores dentro e fora da família, a prostituição de menores, organizada e transformada em nova escravidão no contexto de um turismo depravado, as formas atrozes de pedofilia, o renovado “tráfico de escravos” em relação a mulheres indefesas, jovens adultos e adolescentes, confirma-nos que esse não é um problema apenas de religião, mas de urgência ética, não é uma questão de virtude privada, mas de necessidade de justiça pública, não é problema exclusivo da Igreja, mas responsabilidade de uma sociedade civil que se preocupe com o próprio futuro e dignidade.

A serviço do amor educativo

Quando buscamos os motivos profundos da insistência que percorre a nossa tradição vêm-nos à mente algumas expressões com que Dom Bosco expressa o seu amor aos jovens e que, talvez, nós hoje tenhamos dificuldade de repetir: «Eu vos amo, caros jovens, e por vós estou disposto a dar a vida!». Ou aquelas que lemos no prólogo do *Jovem Instruído*: «Meus

³¹ MB XVI, 417

³² MB XIII, 83

caros, eu vos amo a todos de coração. (...) Posso-vos garantir que encontrareis livros com propostas de pessoas muito mais virtuosas e mais doudas do que eu, mas dificilmente podereis encontrar quem mais do que eu vos ame em Jesus Cristo e que mais deseje a vossa felicidade»³³.

«O celibato... é *um estado de amor*»³⁴, que faz de nós «sinais e portadores do amor de Deus aos jovens»³⁵. Professam-se os votos para amar evangélica e educativamente, com maior liberdade e eficácia. É coisa adquirida que a castidade não deve ser separada da caridade. São Francisco de Sales afirma-o com a sua costumeira simplicidade e elegância: «Saberemos que a nossa oração foi boa e que nela nós progrediremos se, depois dela, o nosso rosto resplender de caridade e o nosso corpo de castidade»³⁶.

Sabe-se que a caridade pastoral, que constitui o coração da missão salesiana em âmbito educativo, exprime-se de forma “sensível”: «Procura fazer-te amar», «Que os jovens vejam que os amais». Não se trata, então, só de proximidade e profissionalismo, mas de amizade, afeto paterno e materno que eleva, suaviza e, muitas vezes, supre o que faltou aos jovens. E isso tudo, olhando para o bem deles e não para a nossa satisfação, sem mecanismos de captação ou posse, sem ambigüidade ou cansaço nas inevitáveis provas de falta de correspondência ou incompreensão. Quem fez experiência disso entende o peso das palavras de Dom Bosco: «Aquele que gasta a vida em prol dos jovens abandonados deve certamente fazer todos os esforços para enriquecer-se de todas as virtudes. Mas a virtude que se deve sumamente cultivar... é a virtude da castidade»³⁷.

Também neste âmbito central do nosso ministério

³³ Dom Bosco, *Opere edite* II, p. 1886

³⁴ Congregação para a Educação Católica: *Orientações educativas para a Formação ao celibato sacerdotal*

³⁵ C 2

³⁶ *Dictionnaire de spiritualité*, voz SFDSales, 1085

³⁷ Constituições de 1875, V, 1 (cf. Motto F., p. 109)

educativo vem-nos dada uma “graça de unidade”, pela qual a caridade torna-se geradora de pureza e a delicadeza, comunicação ótima do afeto.

«A chave da castidade salesiana – nota o P. Ricceri – é a *caridade salesiana*»³⁸. O estilo da caridade salesiana é profundamente marcado pela castidade. Ela liberta e exprime, tempera e protege, confere originalidade ao amor do educador e pastor.

Antes de tudo torna-o capaz de gratuidade. Sua alegria consiste em ver crescer cada um dos jovens e por isso “dá a vida” no paciente acompanhamento cotidiano. Deseja a correspondência e fica contente porque vê nela o sinal de que o jovem acolheu aquilo que o educador lhe vai propondo; mas, diante da resistência, é também capaz de esperar e de oferecer novas oportunidades de salvação.

A castidade inspira, ainda, um carinho transparente e puro como o modelo de Dom Bosco, de quem cada um sentia-se predileto, de acordo com os sinais de um amor que se faz legível com inexaurível criatividade: «um amor sem um mínimo movimento de retorno sobre si»³⁹, que não se corrompe e nem sequer sugere de longe qualquer tipo de ambigüidade.

Este tipo de amor educativo dá origem ao espírito de família, autêntica forja da casa e da obra salesiana⁴⁰. A caridade mantém o fogo aceso; mas a castidade exalta a sua luz e calor. Estimula a acolhida pronta dos irmãos e dos jovens, cultiva o gosto pelo serviço da casa, abre o coração a amizades límpidas e profundas⁴¹ e, no encontro de corações tranqüilos, faz-se escudo e apoio da perseverança e da alegria de Salesianos e jovens. «Aqueles que Deus leva a separar-se de seus parentes próximos pelo Seu amor – observa J. H.

³⁸ *Lettere circolari di don Ricceri ai Salesiani* (Roma 1966), *Vivere oggi la castità consacrata*, II, p. 984.

³⁹ *ib.* p. 979

⁴⁰ cf. P. Pedro Ricaldone: *Santità è purezza*, in ACS n. 69 (31 de janeiro de 1935), pp. 57-58

⁴¹ cf. C 83

Newman – encontram ao seu lado irmãos no espírito. Aqueles que permanecem sozinhos pelo Seu amor têm filhos no espírito, criados por eles»⁴².

Dom Bosco «adverte-nos que o seu método exige que amemos a juventude não só santamente e sobrenaturalmente, mas também de modo sensível; e este amor deve ter todo o perfume da vida de família e as expansões santas da amabilidade»⁴³. O P. Ricaldone hesita⁴⁴ em falar de “caridade sensível”, e não é o único; mas compreende que se trata da palavra justa para exprimir a intenção de Dom Bosco, que “desejava que o aluno não só percebesse, mas sentisse a caridade do seu educador”.

Essa dimensão é tão central, que o CG24 a retoma sob o título *Espiritualidade da relação: espírito de família*. Para livrar a relação educativa de possíveis aspectos de captação ou manipulação, ela «deve ser cheia de caridade, até ser transformada em expressão de autêntica espiritualidade. Seu fruto e sinal é a castidade serena, tão cara a Dom Bosco, que rege o equilíbrio afetivo e a fidelidade oblativa»⁴⁵.

Situações graves, que colocam em risco a vocação salesiana, podem ter o seu início na dificuldade de conjugar ao mesmo tempo caridade generosa e castidade prudente, audácia apostólica e regularidade comunitária. A parábola de determinados caminhos, iniciados com sincero desejo de serviço, mas progressivamente falidos, convida cada um a sentir-se responsável pela alegre perseverança do irmão, dando-lhe o calor da amizade, a alegria da família, a ajuda da correção fraterna.

⁴² J. H. Newman, *Parrochial and plain Sermons*, V, 280

⁴³ P. Pedro Ricaldone, *Santità è purezza* in ACS n. 69 (31 de janeiro de 1935), pp. 59-60

⁴⁴ cf. P. Pedro Ricaldone, *Santità è purezza*, in ACS n. 69 (31 de janeiro de 1935), pp. 59-60: «Confesso-vos, filhos caríssimos, que minhas mãos tremem ao escrever estas coisas, embora estando persuadido de transmitir no modo mais exato, porque no mais das vezes não faço outra coisa que repetir expressões suas, o pensamento do nosso Pai. Tremo porque não há quem não veja o quanto possa ser perigosa a prática da caridade com as características com que ele quer vê-la adornada».

⁴⁵ CG24, 93

Sinal de doação total

«Por vós estou disposto a dar a vida», «quem gasta a vida pelos jovens...» são expressões de Dom Bosco para definir o propósito interior que garante a prática do Sistema Preventivo.

A virgindade de Jesus, de Sua Mãe, de José seu esposo é o sinal da própria autoentrega incondicional ao projeto do Pai pela salvação dos homens. Eles não tiveram um projeto pessoal ou, se tiveram, abandonaram-no no mesmo momento em que receberam a sua vocação especial. Tornaram próprio o plano de Deus. Não tiveram uma família própria, mas só a Família de Deus; nem uma descendência, mas apenas aquela incluída na Promessa de Deus.

Maria “*Tota pulchra*” vive radicalmente entregue a Deus. «Não só participa da forma de vida que consiste na entrega de si, mas é implantada nela como sua alma»⁴⁶. É o seu modelo, motor, impulso e ponto de atração.

O “*Totus Tuus*” – repetido por João Paulo II – é a atitude interior de Cristo, que veio fazer a vontade do Pai até à morte, e à morte de cruz.

Diante destes parâmetros sentimo-nos pequenos e tornamo-nos sempre mais conscientes da nossa pobreza. Jesus ama-nos, por isso, com amor de predileção. O essencial é que, em nossa resposta ao Seu amor eterno, lhe damos tudo, quem sabe apenas dois trocados, como a viúva do Evangelho⁴⁷. Desde que seja tudo o que somos, tudo o que temos. Será difícil para nós compreender totalmente os votos religiosos, a não ser no interior desse contexto, em que se coloca a nossa paciente navegação até a plenitude da doação a Deus na missão.

Os votos são três sinais da atitude total e única com que nos abandonamos à fidelidade do Senhor, e que transfigura evangelicamente todos os valores da nossa existência.

⁴⁶ V. Balthasar, *Gli stati di vita del cristiano* (Jaca Book 1995), p. 248

⁴⁷ Lc 21,2

«Dom Bosco viveu a castidade como amor sem limites a Deus e aos jovens»⁴⁸. Eles tornaram-se – pela força do dom do Espírito – a sua família. Consumiu-se para encontrá-los, recolhê-los e educá-los. Gastou o seu tempo para alcançá-los, onde quer que estivessem, nas prisões e nas ruas, através das *Leituras Católicas* e as coleções de livros escolares. Construiu para eles uma casa, para dar-lhes alimento e roupas, uma família e uma escola, apesar da exigüidade dos meios.

Há na tradição espiritual do Ocidente, um significado da locução *pureza evangélica*, que merece ser novamente descoberta⁴⁹. Ela refere-se, de um lado, à profundidade com que os anjos contemplam a Deus e, de outro, à prontidão com que se fazem mensageiros de salvação junto aos homens e se transformam em companheiros daqueles que Ele ama, acompanhando-os em meio às dramáticas vicissitudes do mundo. Trata-se de uma virtude missionária, que deve ser recuperada e explicitada, por analogia, a respeito da vocação dos Salesianos, chamados a serem companheiros e educadores dos jovens. A castidade torna totalmente disponíveis: a estar aqui ou correr até lá, a levar uma vida recolhida de estudo e educação ou a ousar quando e onde corre-se risco de vida; a entregar-se à “obediência” religiosa (virtude missionária, por excelência), como nos abandonamos aos braços da Providência de Deus.

A alegria expressa por muitas populações, por aquele que “permanece” – também nos momentos mais difíceis – compartilhando e arriscando tudo com elas, a enorme ressonância que teve, em todos os lugares, a morte de Madre Teresa de Calcutá, mostram-nos os frutos maduros daquela “entrega total” à causa do Reino, de que a castidade é sinal.

Quem olhava para Dom Bosco ou para Madre Teresa não se interrogava sobre a vida de castidade deles, mas

⁴⁸ C 81

⁴⁹ cf. 34^a *Congregazione della Compagnia di Gesù. Castità*, número 11 e nota 5

percebia-a e apreciava-a como um fogo que acendia todos os dias uma vida totalmente doada.

Quando perguntados, durante a jornada mundial da juventude de Paris 1997, qual o fascínio que encontravam em João Paulo II, velho e cadente, dois jovens responderam: «Vimos porque compreendemos que ele dá a sua vida por nós».

Colocar a vida totalmente à disposição não é um movimento espontâneo. Contudo, não era difícil para os melhores jovens de Valdocco (entre os quais existiam muitos moleques...), dizer: «Eu quero ficar com Dom Bosco». Ficavam não só para “estar com ele”, mas também para “fazer como ele”, o que comportava inevitavelmente “viver como ele”.

Estou convencido de que a castidade de Dom Bosco para aqueles jovens, não era percebida como problema, dificuldade, ou sacrifício – e certamente terá sido assim alguma vez para o santo dos jovens – mas sempre como dom do Senhor, alegria de amar, plenitude de vida, olhar cheio de gáudio, que lhe permitia ser “tudo” para eles. Por isso, embora tratando-se de uma virtude exigente, eles abraçavam-na, juntamente com tudo o que torna bela a vida salesiana, mas ao mesmo tempo empenhativa.

“Como um postulado da educação”

A expressão é do P. Alberto Caviglia, que assim define o papel da pureza no projeto educativo pensado por Dom Bosco.

A nossa castidade, dissemos acima, é fecunda ao inspirar um amor paterno pelos jovens, particularmente por aqueles que dele mais precisam, e ao sugerir os gestos que o possam tornar imediatamente compreensível.

É igualmente fecunda quanto aos objetivos e conteúdos da educação pela visão de vida, de pessoa e de cultura que supõe, testemunha e comunica.

A sexualidade compreende, decerto, uma constelação

de manifestações específicas: sentido justo do corpo, relacionamento, imagem de si e dos outros, domínio e orientação do prazer, valores como amor, amizade, doação. Amadurece e expressa-se, porém, no contexto da pessoa inteira e jamais como função separada. Interage com todos os outros aspectos da personalidade. Torna-se, pois, indispensável educar a totalidade da pessoa em conformidade com uma certa visão.

Isso faz perceber o influxo cotidiano que a presença, as palavras, a amizade, as ações de educadores e educadoras podem ter sobre os jovens que freqüentam nossos ambientes. Educamos mais por aquilo que somos do que por aquilo que dizemos.

Sente-se hoje a necessidade difusa de individuar caminhos adequados, para ajudar os jovens a serem capazes de viver e integrar a sexualidade no projeto de vida ao qual se sentirem chamados, o que comporta processos delicados e trabalhosos, muitas vezes destinados a irem contra a corrente; não nos podemos iludir que eles possam amadurecer sozinhos, sem iluminações, propostas e esforço.

Se – como foi justamente observado – “castidade é liberdade” é preciso individuar, então, no amar e no ser amados, as etapas sucessivas de um “processo de libertação”, que leva progressivamente a orientar os recursos afetivos da pessoa, colocando-as a serviço da amizade e do amor, num projeto estável de vida.

Para realizar tal processo, é preciso, antes de tudo, recolocar no centro da atenção educativa a pessoa com as suas múltiplas possibilidades e, particularmente, a sua destinação a Deus. Isso levará a esclarecer o justo valor do corpo e da virtude, não comum hoje, que se chama pudor. Com ele o homem e a mulher reconhecem que são mais do que o próprio corpo e habitua-se a perceber a inédita riqueza dos outros.

A presença de rapazes e moças em muitos de nossos ambientes, empenha-nos a levar muito a sério o caminho da

coeducação, em que cada pessoa acolhe a própria sexualidade como vocação, descobre e aprecia a originalidade do outro sem transformá-lo em *objeto de desejo*, aprende a organizar diálogos livres e maduros, numa dinâmica relacional, em que se expande a amizade serena e o intercâmbio de dons.

Os jovens são, hoje, inseridos à força em campos de alta tensão emocional (mídia, grupos de amizade, discotecas, cultura ambiente...), que exige um *surplus* de empenho para educar à castidade do coração, ensinando sobriedade e regularidade de vida, controle e orientação dos desejos, reflexão permanente sobre as próprias opções e atitudes afetivas, capacidade forte e serena de espera, à qual é chamado um jovem cristão, em preparação aos empenhos vocacionais e matrimoniais.

Acompanhemos os nossos jovens, desde os primeiros anos, a compreenderem que a pessoa se realiza *na experiência do amor*: Amor que é encontro e projeto, oferta e dom, alegria e sacrifício, vontade de fazer feliz mais do que sê-lo, quem sabe, às custas alheias.

Somente o amor *oblativo* pode ser o porto sereno do impulso sexual. Quanto mais a sexualidade girar sobre si mesma – o jovem deve entendê-lo – ela não conseguirá ser retribuída, e será enlouquecida na busca de variações às quais se pedirá, em vão, que satisfaçam o anélito do coração. A nossa sociedade oferece-nos, mesmo sem sabê-lo, mil confirmações do drama que envolve quem não entra no caminho justo do amor. Um amor que ignore o sacrifício, que não dê espaço à cruz de Cristo, corre o risco de transformar-se continuamente em possessividade, que subjuga e instrumentaliza.

Aprender a amar, porém, é aprender a viver, é começar a ser cristão. Sabia-o Dom Bosco, e ensinava-o aos seus jovens. Por isso, a um convite que não admitia dúvidas, acrescentava sábias indicações de guarda dos próprios movimentos e sentidos, de reforço interior, de purificação.

O CG23 considerou particularmente influente sobre a manutenção ou queda da fé a educação ao amor, e convidou-nos a retomá-la com decisão e de modo atualizado, mediante alguns itinerários: clima educativo rico de amizade, atenção integral à pessoa, qualidade humana na presença em comum de rapazes e moças, educação da sexualidade, testemunho de Salesianos e leigos que vivam serenamente a doação, catequese que oriente para o Senhor e forme a consciência, vida espiritual que sublinhe a força transformadora dos Sacramentos⁵⁰.

Complementaridade enriquecedora

O CG24 sancionou um tipo de ambiente educativo que se vinha formando há tempo, mas cujas características ainda não estavam plenamente expressas, nem explicitadas suas conseqüências sobre nossas atitudes e possibilidades. Uma dessas características é a complementaridade entre educadores e pais, que se traduz em diálogo, colaboração, iluminação e troca de experiências. «Intensifique-se a colaboração com a família enquanto primeira educadora de seus filhos e filhas. Com essa finalidade, é preciso oferecer em nossas obras um clima educativo rico de valores familiares e, particularmente, uma equipe de educação integrada harmoniosamente de presenças masculinas e femininas»⁵¹.

O amor entre os esposos, da mesma forma que dá origem à vida, constitui a primeira e principal energia educativa da família. Ora, os esposos, protagonistas da família cristã, e os celibatários, protagonistas da vida consagrada, exprimem o dom de Cristo à sua Igreja na fidelidade corajosa e na oferta total a uma missão típica. O matrimônio cristão e a castidade consagrada manifestam de dois modos excelentes, embora diversos, o mesmo mistério de totalidade, expresso no “pacto

⁵⁰ cf. CG23 195-202

⁵¹ CG24 177

de amor”, animado pelo mesmo Espírito Santo⁵². «O sim da promessa matrimonial e o sim do voto religioso correspondem àquilo que Deus espera do homem: a entrega de si sem condições, assim como o Senhor sobre a cruz ofereceu tudo, alma e corpo, pelo Pai e pelo mundo»⁵³.

No intercâmbio de dons entre vocações e estados de vida, a fidelidade dos esposos encoraja os consagrados, enquanto a sua virgindade fecunda sustenta o caminho dos esposos, hoje muito mais insidiado e exposto do que ontem. Testemunham reciprocamente aquela força que não vem da carne e do sangue, mas do Espírito de Cristo, que anima a Sua Igreja. Associa-os a única fidelidade ao Senhor, abrindo entre eles profundos diálogos de comunhão.

O diálogo no encontro e na colaboração torna-se, para os jovens, comunicação de valores e exemplo de vida cristã. «Nesse contexto – afirma o CG24 – é necessário destacar o significado e a força profética do salesiano: ele não só concorre à educação com os valores masculinos mas, vivendo o celibato com alegria e fidelidade, testemunha uma qualidade particular do amor e da paternidade»⁵⁴

Por outro lado, somos chamados a exprimir, hoje, nos ambientes educativos, a riqueza educativa da complementaridade masculino-feminino. Religiosos e educadores projetam, trabalham e verificam juntos. O percurso de co-educação interpela-nos juntos e, talvez, antes que os jovens. Devem ser superados o temor, a distância, a timidez, a falta de comunicação. Como também as levandades, a superficialidades, o ofuscamento do sentido pastoral e do testemunho consagrado.

A exigência de co-educação toca o coração, os pensamentos, as atitudes profundas, mais do que apenas as maneiras.

⁵² cf. *Familiaris Consortio*, n. 11

⁵³ Von Balthasar, *Gli stati di vita del cristiano* (Jaca Book 1995), p. 206

⁵⁴ CG24 178

O olhar de Jesus e a pessoa de Maria dão-nos os parâmetros para orientar e modelar pensamentos, sentimentos e atitudes. É claro que as relações humanas e a colaboração educativa fundada e expressa de acordo com tais parâmetros dá um toque de qualidade humana e de testemunho cristão ao ambiente e a cada intervenção educativa.

O CG24 no-lo recorda em muitas passagens. Apresento uma delas: «A presença da mulher ajuda os Salesianos não só a interpretar o universo feminino, mas a viver uma relação educativa mais completa: de fato, homem e mulher ajudam o menino e a menina a descobrir a própria identidade, a aceitar como enriquecedora a própria especificidade que deve ser oferecida como dom na reciprocidade»⁵⁵.

A caridade virginal unindo-se ao amor conjugal, a originalidade masculina em diálogo com o gênio feminino confluem com inédita fecundidade na “caridade educativa”, que se torna capaz de estruturar unitariamente os caminhos de crescimento humano e cristão de jovens e adultos.

3. O CAMINHO PARA A MATURIDADE

Uma emergência que desafia e interpela⁵⁶

Não posso silenciar sobre a dolorosa experiência, que está colocando a dura prova algumas Igrejas locais e Institutos religiosos, em diversas partes do mundo. Encontraram-se – aqui e ali – casos de sacerdotes e religiosos acusados de “abusos e moléstias sexuais” em relação a menores ou mulheres indefesas. É conhecida a devastação – muitas vezes irremediável – acarretada por esses traumas numa jovem

⁵⁵ CG24 53

⁵⁶ cf. Documento de trabalho do Conselho Geral: *Di fronte alle accuse di abusi e di molestie sessuali*

vida. Isso explica a severidade de muitas legislações diante desses lamentáveis episódios e a severidade dos tribunais diante dos imputados. Os fatos em questão remontam, às vezes, até mesmo a dezenas de anos antes: nem por isso deixaram de tornar-se objeto de procedimentos penais, com grave prejuízo da missão da Igreja, com repercussões dolorosas sobre o acusado e sua comunidade, e também com danos ingentes de natureza econômica.

Esses acontecimentos adquirem relevância – além da objetiva gravidade dos fatos – também pelos problemas conexos, que causam preocupação à Igreja e Instituições religiosas. Acontece, às vezes, um alargamento anômalo do conceito de “abuso e moléstia sexual”, no qual possam vir a cair também atos apenas imprudentes. Não faltam exemplos conhecidos por todos.

Não nos foge o realce dado pela mídia às faltas de sacerdotes e consagrados, o mais das vezes em vista da denúncia legítima e da óbvia expectativa de coerência, mas, com freqüência, também com finalidades especulativas e difamadoras em relação à Igreja católica e outras Instituições. Tudo é agravado pela instrumentalização dos fatos na previsão do desembolso de ingentes somas em dinheiro pelos danos e despesas processuais.

Tudo isso faz ressoar em nós o eco das palavras dramáticas escritas por Dom Bosco em Roma no dia 5 de fevereiro de 1873: «A voz pública lamenta, muitas vezes, fatos morais cometidos contra os costumes e escândalos horríveis. É um grande mal, é um desastre: eu peço ao Senhor que sejam fechadas todas as nossas casas, antes que nelas aconteçam semelhantes desgraças»⁵⁷.

Os fatos que estão sob nossos olhos empenham-nos, de todas as maneiras possíveis, a intervir na defesa dos menores e contra a exploração das mulheres, e agradeço de coração aos irmãos empenhados nessas fronteiras.

⁵⁷ P. Pietro Ricaldone, *Santità è purezza*, in ACS n. 69 (31 de janeiro de 1935), p. 62

Esses fatos levam-nos, também, a perceber algum elemento do Sistema Preventivo, que Dom Bosco evidenciara ou sugerira, e que, talvez, tenha sido parcialmente desatendido em algum lugar.

É preciso recuperar algumas normas pedagógicas e de prudência – próprias da tradição salesiana – que merecem ser novamente apresentadas e que, a seu tempo, foram entregues aos superiores responsáveis, aos quais, também através destas páginas, peço uma colaboração firme e serena. Esta é uma parte não insignificante da preventividade, que estrutura ambientes e hábitos, para ajudar o florescimento de qualquer virtude humana e cristã.

Solicita-nos, sobretudo, à luz de conhecimentos adequados e da Palavra de Deus, uma nova compreensão do caminho de crescimento permanente que somos chamados a trilhar. A busca descontrolada de satisfações, embora seja o mais grave, não é a única manifestação de uma sexualidade imatura e reprimida. Há também a incapacidade da amizade, o fechamento à fraternidade, a dureza do coração, o apego incompreensível a pareceres, coisas ou vantagens, a aridez nas relações. É necessário, pois, que se mantenha a tensão para a plenitude da nossa doação e da nossa capacidade educativa.

Um caminho a assumir

A energia e a identidade sexual – que a castidade reconhece com alegria, acolhe sem hesitações e valoriza no próprio projeto de vida – estrutura a personalidade nos níveis mais profundos, dando conotação a todas as suas dimensões: pensamento, afetos, expressividade, capacidade de projeto, relação. Ela permanece marcada pelas mais significativas experiências de vida. O período pré-natal, os primeiros meses e o relacionamento mãe/filho, o clima e as relações familiares, os elementos de hereditariedade, a precocidade ou os atrasos

na educação e na auto-educação, as experiências traumáticas de não fácil elaboração e outras influem no processo de amadurecimento da afetividade e da sexualidade.

A castidade serena está ao final de um longo caminho, pela simples razão de a personalidade madura ser, também ela, o ponto de chegada de um longo percurso. Trata-se, então, de acolher – para nós mesmos e para aqueles que são confiados ao nosso cuidado educativo – os processos necessários para atingir essa maturidade, que gera alegria e paz, e se traduz em força de testemunho.

Somos chamados, ao mesmo tempo, a tomar consciência de que neste decisivo campo do crescimento humano, a vida religiosa, e mais ainda uma Congregação de educadores, é, por assim dizer, colocada à prova, não só quanto à moral sexual, mas sobretudo quanto à riqueza afetiva. «É necessário que a vida consagrada apresente ao mundo de hoje exemplos de uma castidade vivida por homens e mulheres que demonstrem equilíbrio, domínio de si, audácia, amadurecimento psicológico e afetivo»⁵⁸. Isso comporta o controle e a orientação das tendências espontâneas, mas ainda mais o desenvolvimento da capacidade de amar.

As Constituições fazem-nos advertir que «a castidade não é conquista feita de uma vez por todas. Tem momentos de paz e momentos de prova. É um dom que, por causa da fraqueza humana, exige esforço cotidiano na fidelidade»⁵⁹.

«Quer dizer – anota paternalmente o P. Ricceri – que não nos devemos admirar nem assustar, se em certos momentos de depressão, inatividade ou isolamento, soframos na carne e no coração. É um aspecto da nossa cruz. Alguma vez, quem sabe, até uma forma de participação da angústia de Cristo no horto do Getsêmani»⁶⁰. Dificuldades nas relações,

⁵⁸ VC 88

⁵⁹ C 84

⁶⁰ *Lettere circolari di don Ricceri ai salesiani (Roma 1966), Vivere oggi la castità consacrata, II, p. 974*

frustrações apostólicas, falta de compreensões comunitárias, ansiedades quanto à saúde própria ou dos caros, momentos de estresse: tudo é pontualmente registrado em nossa esfera afetiva, com contragolpes que devem ser avaliados e superados com a ajuda da graça e da oração, do espírito de mortificação, de uma serena determinação, de uma comunidade que acolhe e acompanha. Não se exclua, também, a necessidade de empreender pacientes itinerários para redescobrir motivações e mudar hábitos enraizados. As diversas estações da vida exigem outros processos de renovada compreensão do empenho assumido.

Devem-se recordar algumas indicações substanciais desse caminho.

O nosso ministério deve ser gerido com espírito de *humildade e prudência*, libertando-o de qualquer forma de presunção diante do que possa ferir a castidade: «Recordai-vos que vos mando pescar, e que não deveis ser pescados», dizia Dom Bosco aos seus, com uma ponta de humorismo, e, quando sabia que trabalhavam em ambientes com algum risco, avisava-os para «deixar os olhos em casa»⁶¹. Estas palavras repropõem, além de acenos materiais, a atenção a ser mantida em relação a amizades e familiaridades em nossos ambientes educativos e pastorais, marcados pelo encontro cotidiano com colaboradoras e com jovens de ambos os sexos.

O caminho para a serena maturidade é marcado pela cruz. Com a autoridade de testemunha ocular, o P. Albera escreve. «Não se creia que Dom Bosco tenha dado pouca importância ao *espírito de mortificação*; estude-se-lhe bem a vida e ver-se-á que todas as suas circunstâncias são uma excitação e uma lição à prática da mortificação»⁶². Pode parecer uma palavra não atual, contudo deve ser relacionada

⁶¹ MB V, 165

⁶² Lettere circolari di don Paolo Alberta ai Salesiani (Turim 1965), *Sulla castità*, p. 224

à fecundidade da cruz. A insídia mais perigosa do espírito burguês, não só à vida religiosa, mas antes ainda às mesmas raízes cristãs, talvez, seja a recusa da cruz: tácita, prática, sistemática. O conforto é tido como valor a almejar e *status* a atingir; os analgésicos passaram do mundo da medicina ao da vida cotidiana, desejosa de aliviar qualquer sofrimento. Foram então gerados atitudes e hábitos, pelos quais a satisfação do desejo torna-se um imperativo, a supressão dos riscos de sofrimento, tanto físico como moral e espiritual, um estilo de vida. O que é lícito no campo físico, e freqüentemente desejável, tende a transferir-se ao campo moral, anulando ou reduzindo o preço do esforço obrigatório que cada um é chamado a pagar em defesa dos valores, da fidelidade, da autenticidade da vida cristã. Esta, desde os inícios, esteve confrontando-se com a cruz, a perseguição, o martírio. A palavra de Paulo aos cristãos de Filipos continua de plena atualidade para nós, homens de hoje, imersos às vezes, num clima de falta de esforço moral: «Muitos procedem como inimigos da cruz de Cristo. Já vo-lo disse muitas vezes e agora torno a dizê-lo entre lágrimas»⁶³.

Quando discutiu-se bastante sobre o lema a ser inserido no brasão da Congregação, houve quem também propusesse *Trabalho e temperança*. É conhecida a insistência de Dom Bosco sobre o binômio, que convida a gastar-se com generosidade, sem esquecer-se, porém da medida. Nesse sentido, os dois elementos devem ser lidos não separados, mas unidos, significando que o próprio trabalho deve ser regulado pela temperança, para poder continuar a exprimir caridade para com Deus e para com o homem, evitando os excessos que possam levar ao estresse, ao “*burn out*” e à confusão afetiva.

⁶³ Fl 3,18

É preciso uma dosagem racional de tempos de trabalho e tempos de recuperação, de espaços de ação e de formação, de imersão entre o povo e de emersão espiritual em busca de nós mesmos e das motivações mais profundas da nossa vida e da nossa ação. Supere-se o ativismo e a desordem da vida, reconquistando o controle sobre o tempo, sobre as atividades e sobre si mesmos. Dê-se o relevo necessário aos exercícios espirituais anuais, ao retiro mensal, ao dia semanal do Senhor, aos momentos cotidianos de comunidade e de oração (compreendida a meditação!). O recolhimento pessoal deve, de novo, encontrar espaço na programação da nossa jornada. «O isolamento é negativo, mas a solidão é outra coisa: pode-se dizer que é o seu contrário. É como o silêncio, que precede e fecunda a palavra»⁶⁴.

As ajudas mais decisivas, entretanto, vêm-nos da graça do Senhor, que tem nos *sacramentos* e no amor a Maria Auxiliadora elementos que a nossa tradição sempre reconheceu de grande eficácia.

A Eucaristia, que nos nutre do Corpo e Sangue do Senhor, renova continuamente a nossa consciência de sermos Seus membros, dá-nos a força de viver como cristãos, evitando tudo o que seja contrário a esse nome.

A escuta cotidiana da Palavra de Deus contesta e desfaz os sofismas com que somos tentados a justificar eventuais condescendências ou abandonos a hábitos menos positivos.

O amor a Maria e a contemplação da sua incomparável existência mantêm altas e castas as intenções do coração e animam a uma maior docilidade às moções da graça.

P. Paolo Albera insistia na importância de confiar no diretor espiritual recomendando «escancarar a própria consciência ao confessor»⁶⁵. Trata-se de uma insistência em

⁶⁴ Lettere circolari di don Luigi Ricceri ai Salesiani, *Vivere oggi la castità consacrata*, (Roma 1996) II, p. 976

⁶⁵ Lettere circolari di don Paolo Alberta ai Salesiani, *Sulla castità*, (Turim, 1965), p. 222

fase de recuperação. A fim de manter a consciência sensível e vigilante, capaz de reconhecer de longe o bem e o mal e defender a própria liberdade espiritual é útil colocar a própria existência sob os olhos dos irmãos, saber confiar-se e valorizar as mediações que o Senhor coloca em nosso caminho.

Discernimento vocacional e formação inicial

O caminho ao qual acenamos exige uma atitude fundamental de partida, que é o sinal do chamado à vida salesiana e à aprendizagem interiorizada de atitudes, hábitos e práticas relativas à castidade. Ao se falar de caminho à maturidade, não se pode deixar de lado, então, o discurso do discernimento vocacional e da formação inicial. Nossos documentos já oferecem alguns critérios carismáticos de discernimento e opções pedagógicas para o acompanhamento dos candidatos. Não é o caso de voltar a apresentá-los aqui. Convém, em todo caso, apelar a algum ponto de particular atualidade.

A experiência, a reflexão e as orientações eclesiais dos últimos anos deram particular relevo ao amadurecimento afetivo e sexual de base como condição prévia à admissão aos votos religiosos e ao ministério ordenado, e como elemento indispensável para uma experiência vocacional serena e madura⁶⁶.

A formação específica à afetividade, que integre o aspecto humano com o mais propriamente espiritual, é particularmente necessária no contexto atual, que é, ao mesmo tempo, de grande abertura e de contínua exposição a variados estímulos. «Torna-se mais difícil, mas mais urgente, – afirma a *Pastores Dabo Vobis* – uma educação à sexualidade que seja real e plenamente pessoal e que dê lugar, portanto,

⁶⁶ cf. *Pastores Dabo Vobis* (PDV) e *Potissimum Institutioni* (PI)

à estima e ao amor pela castidade, como virtude que desenvolve o autêntico amadurecimento da pessoa tornando-a capaz de respeitar e promover o significado esponsal do corpo»⁶⁷.

Em versão contextualizada na fase que está sendo aberta para nós, o CG24 pede que «seja reservada uma atenção particular ao amadurecimento afetivo exigido pela colaboração com os leigos e com o mundo feminino»⁶⁸, e que se ajudem os irmãos desde a primeira profissão «a crescer numa atitude serena e madura diante da feminilidade»⁶⁹.

Trata-se de levar os candidatos a uma decisão madura e livre, fundada no conhecimento de si e do projeto vocacional ao qual são chamados; de garantir aquela idoneidade «graças à qual o consagrado ama a sua vocação e ama segundo a sua vocação»⁷⁰.

A área afetiva e sexual deve ser, no processo de discernimento e nos momentos de admissão, objeto de particular atenção, avaliada na globalidade da pessoa e da sua história, em relação com as características da vocação salesiana.

Entre os pontos a serem verificados e esclarecidos antes do noviciado, de acordo com um conhecimento adequado e uma avaliação prudente, há *o estado saudável da afetividade, particularmente o equilíbrio sexual*. O decreto *Perfectae Caritatis* do Vaticano II, retomado pela *Potissimum Institutioni*, pede que os candidatos à profissão da castidade não abracem este estado, nem a ele sejam admitidos, a não ser depois de uma prova suficiente e depois que tenha sido alcançada uma conveniente *maturidade psicológica e afetiva*.⁷¹

⁶⁷ PDV 44

⁶⁸ CG24 147

⁶⁹ CG24 178

⁷⁰ VFC 37

⁷¹ PC 12; PI 13

O discernimento inicial ou o percurso formativo podem evidenciar sérias inconsistências, experiências de vida que levem, pelo menos, a uma extrema prudência. O artigo 82 das Constituições apela à palavra de Dom Bosco: «Quem não tem fundada esperança de poder conservar, como auxílio divino, a virtude da castidade nas palavras, nas obras e nos pensamentos, não professe nesta Sociedade, porque muitas vezes se encontraria em perigo». É uma orientação que nos empenha a garantir a seriedade do discernimento e das admissões.

Existem personalidades que demonstram, desde o início, elementos que levantam séria preocupação: a vida salesiana não é a sua estrada⁷². A “fundada esperança”, sublinhada pelas palavras de Dom Bosco, não pode coexistir com situações que incidiram profundamente na pessoa, nem com inclinações que dificilmente se harmonizam com as características da vocação salesiana e com as exigências da missão de educador pastor, nem com uma vida precedente gravemente incorreta.

Conhecemos tais situações e tendências; penso, por exemplo, nas relações precoces, nas experiências sexuais, nas problemáticas em âmbito de homossexualidade, em situações de violência, e outras semelhantes. Discute-se sobre elas com abundância de dados antropológicos, pedagógicos e morais. A variedade dos sujeitos, a incidência diversa das situações e o estado desigual em que se podem encontrar essas tendências, desaconselha um tratamento sumário, para não cometer um erro contra a pessoa e não limitar-se ao fato da aceitação ou não. É conveniente saber, porém, que nós temos critérios próprios de uma Congregação de educadores, expressos em nossos documentos e com possibilidade de serem posteriormente especificados nos casos particulares.

Nem sempre é fácil discernir e avaliar com delicadeza e prudência. É necessário, por isso, o recurso a profissionais

⁷² cf. *Critérios e Normas*, 46-49

sérios, para servir-se de tudo aquilo que a ciência coloca à nossa disposição neste fundamental campo do amadurecimento humano.

Em todo caso, não se podem fechar os olhos sobre situações dúbias. Elas devem ser esclarecidas antes de admitir a empenhos que envolvem seriamente a pessoa e a Congregação. O formador, guia ou acompanhante deve ser capaz de não se iludir e de não iludir sobre a consistência do candidato⁷³.

Certos abandonos, em fase de experiência avançada, muitas vezes conseqüência de admissões pouco prudentes, e outras situações dolorosas (ambigüidade de vida, insatisfação permanente e inexplicável, compensações ilegítimas) convidam à vigilância no discernimento.

Sublinhada a atenção a ser dada à dimensão afetiva e sexual, e relevada a necessidade de uma atitude de base para a castidade “salesiana”, deve-se recordar que ela exige uma *formação mental, moral, espiritual e ascética*, desejando-se que ela leve à realização de pessoas maduras e alegres. É, pois, um ponto a ser enfrentado de forma serena, aberta e direta.

Torna-se hoje necessário o *conhecimento adequado, em termos reais, da sexualidade* em seus diversos aspectos, significados e realizações, sem descuidar a informação sobre fatos e tendências presentes em nossa cultura. Sejam apresentados, nesse sentido, o problema dos “abusos e moléstias” e suas implicações de natureza civil, eclesial, vocacional, sublinhando o sentido de justiça para com aqueles que são objeto deles, e cultivando uma cuidadosa preocupação pastoral tanto em relação às vítimas como aos culpáveis.

Será necessário apresentar, ao mesmo tempo, de forma “positiva” o celibato e a castidade pelo Reino, ajudando a

⁷³ cf. *Orientações sobre a preparação dos educadores nos seminários*, 57

assumi-la como *um bem* também do ponto de vista humano, com aquela liberdade que «se configura como obediência convicta e cordial à verdade do próprio ser, ao significado da própria existência»⁷⁴. A visão que se oferece dela, baseada sempre na Palavra de Deus, caracterizada pelo realismo, indicará critérios e parâmetros de autoavaliação que o sujeito possa aplicar-se sem ansiedade e sem ilusões.

Inserem-se harmoniosamente nesta perspectiva, sem dicotomias e ingenuidades, a *exigência* da vigilância espiritual de prudência e renúncia, o apelo à ascese e à disciplina de vida, ao esforço indispensável e contínuo para dominar e integrar os impulsos sexuais.

A abertura transparente no diálogo formativo (*direção espiritual*) e a prática freqüente do sacramento da reconciliação, as relações humanas e comunitárias de serena amizade e fraternidade, o sentido da missão e o amor pessoal a Jesus Cristo *sustentam* um caminho de fidelidade não destituído de insídias.

A formação à castidade consagrada constitui um desafio e um esforço para todos os que intervêm com títulos diversos no processo vocacional. Alguns contextos podem incluir, também, dificuldades vindas do ambiente cultural. Nesse sentido, uma atenção especial deve ser reservada à preparação inicial dos candidatos e à formação contínua, à renovação pedagógica e à unidade de critérios ao longo de todo o caminho formativo.

O ensinamento de Dom Bosco e a experiência da Congregação ajudam-nos a unir confiança educativa e exigência, sensibilidade pedagógica e responsabilidade carismática.

⁷⁴ PDV 44

O papel da comunidade

Tudo o que dissemos pode gerar a impressão de que a castidade se refira exclusivamente à esfera individual. Seria como aceitar a insinuação insistente das culturas atuais que relega determinados aspectos do comportamento ao incontestável “privado”, somente à consciência do indivíduo.

É verdade que neste âmbito, como em todo o processo vocacional, cada um de nós carrega uma responsabilidade intransferível e única. Contudo, a comunidade tem uma função muito mais que secundária.

Cada um é chamado pessoalmente a inserir-se na comunidade com maturidade e a tornar-se disponível para o intercâmbio fraterno de dons e experiências. A comunidade, por outro lado, cria o clima, apóia, estimula e sustenta. A qualidade do nosso testemunho de castidade está ligada à qualidade do nosso ser e construir comunidade, do nosso viver e trabalhar juntos. Podemos explicitar alguns motivos desta interdependência.

«Na comunidade – dizem as Constituições – encontramos uma resposta às aspirações profundas do coração»⁷⁵, ou seja, à necessidade de amar e ser amados. No afeto dado e trocado tornamo-nos conscientes do nosso valor como pessoas e exprimimos as mais profundas potencialidades do nosso ser. A comunidade é a nossa família. Na comunicação serena e na amizade adulta cresce e manifesta-se a nossa capacidade de doação, construimos relações de colaboração eficaz. Quanto mais forte e sincera for a nossa vida em comum, tanto maior será o sentido da nossa castidade, também em seus evidentes aspectos de renúncia, tonificará a nossa necessidade de amor humano e dará testemunho crível de que o amor de Deus enche a nossa existência. Torna-se evidente, então, sobretudo para os jovens e o povo que vive

⁷⁵ C 49

junto de nós, que a virgindade que professamos é escolhida por um amor autêntico, sincero, envolvente, rico de humanidade e aberto a todos. É certo que o amor fraterno previne, neutraliza, tempera e orienta novamente, em tempo, eventuais quedas afetivas. A dissolução comunitária, ao contrário, que tem suas manifestações na frieza, na fuga para o externo, no individualismo apostólico, leva a evasões e satisfações alternativas.

Um segundo motivo do entrelaçamento estreito entre responsabilidade pessoal e experiência comunitária refere-se à nossa missão de educadores. A vida comunitária é uma escola e um ginásio. A comunicação educativa é eficaz quando realizada através de uma relação correta e intensa, capaz de transmitir experiências válidas e visões de vida. A partilha comunitária, a capacidade e disponibilidade a integrar-nos e completar-nos reciprocamente fornecem um banco de prova para relacionar-nos de modo equilibrado e eficaz também em relação aos jovens. Talvez esconda-se, atrás de muitas tensões comunitárias, a incapacidade ao confronto, à renúncia a integrar-se na missão, a teimosia de querer fazer a nossa caminhada contra tudo e contra todos. A fragilidade do tecido comunitário repercute negativamente na eficácia da nossa presença junto aos jovens, que se podem tornar o objeto de nossos desabafos e de nossas tensões. Uma experiência de vida comunitária serena torna-se educativa por si mesma, sobretudo na esfera do amor, da amizade, da afetividade, em que os jovens são particularmente sensíveis.

Por último, a comunidade guia-nos e sustenta-nos em nosso caminho de fidelidade, oferecendo-nos um espaço humano de inter-relações, circunstâncias, acontecimentos e contatos que fazem com que nos sintamos humanamente realizados, inseridos positivamente na sociedade e no mundo. Uma comunidade bem integrada comunica força, energia a cada um de seus membros, motivando-o ulteriormente na

vivência do próprio chamado, apoiando-o nos momentos de dificuldade, dando-lhe um amplo espaço de compreensão para enfrentar também situações difíceis, momentos de crise e de desânimo. A proximidade amigável e discreta dos irmãos é apoio para quem vive as tensões da juventude e as crises da maturidade, as preocupações da doença e da senilidade.

A comunidade tem, pois, uma tarefa delicada: *assistir e discernir*. *Assistir* no sentido salesiano significa prevenir, perceber prontamente os sinais de um estado de ânimo ou insatisfação, advertir com uma palavra fraterna ambigüidades e riscos nascentes, apresentar um corajoso e franco esclarecimento a quem disso precisasse.

Discernir quer dizer resolver situações insustentáveis com respeito fraterno, mas com igual firmeza e tempestividade. É tarefa do superior, mas não só. O testemunho de cada um influi sobre toda a comunidade e, portanto, a ela pertence. Ela deve sentir-se investida do dever de cuidar desse testemunho. A isso apela o nosso empenho religioso e, de certa forma, também a lei civil.

Conclusão: a força de uma profecia

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata* sublinha o fato que os religiosos «enquanto buscam a santidade para si mesmos, propõem, por assim dizer, uma “terapia espiritual” para a humanidade, pois recusam a idolatria do criado e tornam, de algum modo, visível o Deus vivo»⁷⁶.

Urs Von Balthasar, retomando uma expressão de Nietzsche, escreve: «A frase mais sensata que eu jamais tenha ouvido é: no verdadeiro amor, é a alma que envolve o corpo», isto é: «A irradiação do corpo por obra da pureza da alma é efetivamente a castidade absoluta»⁷⁷. O homem, novamente plasmado pelo Batismo, através do dom da castidade, assume

⁷⁶ VC 87

⁷⁷ cit. de Von Balthasar, *Gli stati di vita del cristiano* (Jaca Book 1995), p. 86

de um novo modo a própria corporeidade na graça, para dela fazer sinal, não de domínio, nem só de prazer ou simples prestação física e estética, mas de uma vida que se entrega incondicionalmente ao Senhor e aos irmãos.

Estamos conscientes de que não basta “raciocinar” sobre a castidade. Dom Bosco ensinou-nos a irradiá-la: «A educação à pureza desenvolve-se, como condição básica, a partir de uma irradiação pessoal dos educadores»⁷⁸.

Nem se pode falar de castidade salesiana, separando-a do clima que a gerava e exprimia. Naquela experiência de Espírito Santo, Jesus Eucarístico nutria a vida dos educadores e dos jovens fazendo-os cristãos, iluminava as almas com o fogo da caridade e conferia à presença e aos gestos a capacidade de comunicar a graça. Criava assim uma escola de espiritualidade, que continua a dar, em todas as partes do mundo, frutos de santidade apostólica e educativa. O seu “reino” é o da alegria, em que Dom Bosco via a versão salesiana da “boa nova” evangélica. A castidade salesiana, sublinhava o P. Ricceri, «é habitualmente vivida com uma espécie de serenidade e de alegria, com um ardor juvenil, com o frescor do espírito, com a clareza do olhar, com uma confiança invencível na vida, com a percepção da presença secreta de Deus»⁷⁹.

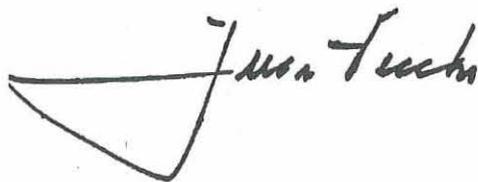
A festividade hodierna da Imaculada está cheia da memória daquele ambiente que nos serve sempre de inspiração. Sob seus olhares solícitos e o fascínio de sua maternidade virginal, nasceu e cresceu aquele grupo de jovens, futuros pilares da Congregação Salesiana que constituiu a Companhia da Imaculada. O carinho de Dom Bosco suscitara neles o desejo de consagração total.

⁷⁸ P. Braido in *Il sistema preventivo di Don Bosco* (PAS-Verlag 1964), p. 292

⁷⁹ *Lettere circolari di don Luigi Ricceri ai Salesiani* (Roma 1966), *Vivere oggi la castità consacrata*, II, p. 984

Ajude-nos também a amadurecer no amor e a orientar os jovens aos propósitos de santidade.

Com os votos de um ano novo enriquecido pela graça do Pai, ao qual nos voltamos com amor de filhos⁸⁰ à vigília do terceiro milênio,

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left.

P. Juan Edmundo Vecchi
Reitor-Mor

⁸⁰ cf. Estréia 1999

2.1. LEIGOS DA FAMÍLIA SALESIANA E RENOVAÇÃO CAPITULAR

P. Antonio MARTINELLI

Conselheiro para a Família Salesiana

Premissa

É comum falar, hoje, de leigos na ação e no carisma salesiano. O Capítulo Geral 24 recolheu a experiência de toda a Congregação e sistematizou os dados numa articulação sintetizada ao redor de quatro aspectos: comunhão, participação, espírito e missão de Dom Bosco.

Os Sínodos dos Bispos, que estudaram as várias modalidades de ser e realizar a Igreja, ajudaram a reflexão do Capítulo, que teve presente o ensinamento pontifício da *Christifideles Laici* e de tudo que surgiu nos anos após o Concílio.

Examino o CG24 em vista de uma reflexão sobre o tema dos Leigos, ou seja, daqueles que são parte viva e reconhecida da Família Salesiana.

As considerações referem-se à Comunidade SDB e, particularmente, aos irmãos que têm algum trabalho específico com os grupos da Família.

Como reflexo, o que se oferece aqui interessa, também, aos grupos de leigos da Família. O horizonte, porém, no qual me movo é dado pelas Constituições e pelos Regulamentos Gerais.

As visitas que tenho feito nas Regiões, juntamente com os colaboradores do dicastério, levaram-me a escolher o tema e os conteúdos.

Será um empenho do Inspetor com o seu Conselho, com a ajuda dos Delegados, Assistentes e Animadores salesianos nos diversos Grupos, fazer com que circule nas comunidades e entre os irmãos as exigências e orientações recolhidas nesta reflexão.

De quem se fala?

A fim de tirar qualquer forma de incerteza, elenco os grupos da Família Salesiana, chamando-os por nome (a referência é aos grupos já reconhecidos; são muitos os grupos que esperam reconhecimento oficial do Reitor-Mor e são constituídos por leigos):

- os membros da Associação dos Cooperadores Salesianos (embora contem com sacerdotes em suas fileiras),
- os associados à Confederação Mundial dos Ex-alunos e Ex-alunas de Dom Bosco (não falo aqui de duas categorias particulares: os Ex-alunos presbíteros e as Ex-alunas das Filhas de Maria Auxiliadora, enquanto com estas últimas as comunidades e os irmãos não têm responsabilidades indicadas pelos textos das Constituições e Regulamentos),
- os membros da Associação de Maria Auxiliadora,
- as associadas Damas Salesianas,
- as Voluntárias de Dom Bosco,
- os Voluntários com Dom Bosco,
- as Filhas da Realeza de Maria Imaculada.

Os três últimos Grupos são leigos com consagração secular ou secularidade consagrada; as Filhas da Realeza, enfim, têm características originais em sua vida e organização de Instituto Secular.

Estas diferentes colocações no panorama eclesial têm conseqüências concretas e operativas na animação.

Poder-se-ia tirar, então, uma **primeira conclusão**: os Salesianos que trabalham nos grupos com o título de **de-**

legado (como acontece com os Cooperadores e Ex-alunos), ou com o título de **assistente** (como com os grupos das Voluntárias e dos Voluntários), com o título de **animador** (como com os grupos das Damas e da Associação de Maria Auxiliadora), ou com o título de **capelão** (como verifica-se com as Filhas da Realeza de Maria Imaculada, com as Ex-alunas das FMA, etc.), devem estar bem conscientes do papel a que são chamados.

Os Salesianos não devem trabalhar com uma presença indiferenciada nos diversos grupos. Cada grupo merece a própria animação, ligada à originalidade e à forma de realizar o carisma de Dom Bosco.

Este é o primeiro empenho da comunidade salesiana e dos encarregados, e deve ser deduzido dos textos que regulam a vida e a ação dos Grupos.

Não se pode inventar uma presença e uma animação que não sejam contempladas nos textos oficiais. Criar-se-iam confusões e desarmonias.

Isso torna-se possível somente quando se conhece a história e a organização do grupo.

A primeira impressão após a leitura do CG24

Alguns Salesianos, talvez apoiados por vozes de membros da Família Salesiana, manifestaram um sentimento de... surpresa. Pareceu-lhes que a Família Salesiana não recebera uma consideração suficiente no CG24. Como se o discurso sobre os leigos se tivesse descuidado de uma referência mais explícita e mais operativa aos leigos da Família.

É preciso afirmar, antes de tudo, que se trata de “impressão”. O discurso todo sobre os leigos e dos leigos deve ser aplicado, primeiramente, aos leigos da Família Salesiana.

Basta considerar a voz “leigos” (além das vozes “Família Salesiana”, “Cooperadores – Cooperadoras”, “Ex-alunos/as de Dom Bosco”, “Voluntárias de Dom Bosco”) no índice dos Atos, para perceber a riqueza das indicações surgidas.

Apresento três afirmações capitulares, com que desejo chamar a atenção das comunidades salesianas e dos encarregados dos vários grupos. Elas indicam um empenho da Congregação e exigem uma organização para serem operativas. São:

- a comunidade salesiana cuide da própria consistência qualitativa para poder acompanhar a Família Salesiana (CG24, 174): é evidente o condicionamento da comunidade salesiana sobre os desenvolvimentos da Família e dos grupos;
- a comunidade salesiana faça a proposta vocacional concreta de adesão a um dos grupos da Família Salesiana (CG24, 124): trata-se de uma orientação concreta, diante da qual o salesiano não deve esconder-se atrás do pára-vento da liberdade de cada um;
- na escolha de pessoas às quais confiar responsabilidades oriente-se possivelmente sobre os membros que pertencem à Família Salesiana (CG24, 180): a afirmação tem uma só condição que não pode ser descuidada, ou seja, a qualificação dos membros da Família Salesiana. Em paridade de condições com outros leigos, a escolha, sem dúvida, deve voltar-se na direção de um membro da Família.

Afirmações não faltam. Será necessário passar ao plano das realizações!

Há, porém, outra coisa a notar, e que representa o aspecto de novidade.

A comunidade salesiana, em seu novo modelo operativo, encontra-se rodeada de inúmeros leigos. São numerosos tanto pela quantidade como pela qualidade; ainda em relação ao índice dos Atos capitulares, veja-se a voz “leigos” no parágrafo: “variedades e níveis relativamente aos leigos”.

A Congregação assumiu nos últimos Capítulos Gerais uma sempre maior consciência da sua missão e da conver-

gência sobre os leigos, a partir da Família Salesiana: cf. CG24, 17.19.253.287.

Isso exige um novo estilo de participação entre SDB e leigos.

Também nesta situação, é evidente a referência à Família Salesiana:

a Família Salesiana é uma estrutura de participação: CG24, 48;

o Conselho Inspetorial da Família Salesiana é instrumento de participação: CG24, 125.

Uma das tarefas fundamentais será, pois, a formação dos leigos.

Poderá uma comunidade salesiana agir sozinha?

A quem pedirá ajuda para a formação dos leigos?

Primariamente aos leigos formados da Família Salesiana!

A análise do CG24 poderia continuar e encontrar os muitos elementos que se referem à Família Salesiana.

O recurso tão abundante aos textos do CG24 foi desejado para limpar o terreno das impressões... nem sempre objetivas.

Garantido o correto ponto de partida, devem-se, porém, dar os passos necessários para tornar operativo aquilo que foi dito pelo Capítulo Geral.

Facilitar o processo de renovação dos leigos da Família Salesiana

A análise, na verdade um tanto rápida e geral, do que os Capítulos Inspetoriais fizeram chegar aqui, ao Conselho Geral, sobre os seus trabalhos, sugerem-me este parágrafo: facilitar o processo de renovação.

Como?

Existem, antes de tudo, dois horizontes “novos” em que colocar-se e dos quais partir para o processo de renovação, tanto da comunidade salesiana como dos grupos da Família Salesiana.

Refiro-me às convicções muitas vezes expressas pelo CG24:

- o carisma salesiano supera o limite da comunidade salesiana, estendendo-se além do contexto da comunidade religiosa, enquanto muitos outros participam conosco do espírito e da missão de Dom Bosco;
- esta participação coloca, também, o fundamento e a justificação da co-responsabilidade de outros grupos, enquanto resultam complementares diante do espírito e da missão de Dom Bosco.

Considerando os leigos da Família Salesiana, sugiro à comunidade e aos irmãos encarregados da animação dos Grupos, alguns empenhos muito específicos, conexos com a renovação da nossa presença entre eles.

Eis duas pistas que confio às Inspetorias.

Primeira pista: AJUDAR OS LEIGOS A SEREM LEIGOS

Ajudar os grupos leigos a serem leigos, tanto na organização interna do grupo como nas intervenções fora do grupo.

Entendo por **organização interna**:

- o respeito aos regulamentos de cada grupo como dever dos membros e do animador salesiano;
- o funcionamento dos órgãos diretivos com a responsabilidade que lhes compete nas opções da vida e das atividades de cada grupo. Ter órgãos diretivos que não dirigem é um contra-senso. Ter órgãos diretivos que esperam “a embocadura” do salesiano antes de qualquer movimento, significa não respeitar os papéis previstos. Isso comporta uma opção cuidadosa do presidente ou responsável do grupo e

dos demais que formam o órgão diretivo ou conselho. Trata-se de animadores; por isso devem saber e querer animar. Devem, porém, encontrar também o espaço para exprimir-se como animadores. Não sobrepor-se, pois, nem condicionar como Salesianos de Dom Bosco, a organização e as atividades dos leigos. Por muitos aspectos, em conclusão, a nossa deverá ser uma presença e ação de subsidiariedade. Ela não deve ser considerada como diminuição de importância e valor. Pelo contrário. O resultado dos verdadeiros educadores é preparar as coisas de modo que eles não se sintam indispensáveis!

- Reconhecer, na prova dos fatos, a autonomia dos vários grupos.

O ponto central da questão é a **autonomia** do grupo. Justamente porque central, está relacionado com muitos outros aspectos, como por exemplo:

- cada grupo seja reconhecido pela comunidade salesiana em sua consistência numérica e qualitativa, dando a ajuda que as Constituições e Regulamentos salesianos confiam a nós salesianos;
- cada grupo não só queira ser autônomo, com palavras e desejos, mas saiba assumir a animação que garanta o desenvolvimento e o relacionamento com os demais grupos da Família.

O ponto da autonomia merece uma outra palavra.

Gera-se, freqüentemente, um círculo vicioso na experiência da comunidade salesiana e do irmão encarregado de um grupo. Não se dá autonomia, porque, diz-se, os leigos não estão adequadamente preparados. Não são preparados para assumirem responsabilidades e, por isso, não poderão viver e agir autonomamente.

O círculo... vicioso... deve ser rompido!

A estrada mestra para superar a dificuldade é a da **formação** dos leigos da nossa Família.

Não se deduz dos Capítulos Inspetoriais que exista um empenho específico e expresso correspondente a esta exigência primária indicada pelo CG24.

Muitos irmãos, nos encontros regionais de Família Salesiana, expressaram-se afirmando a necessidade de... ter números menores, para poder contar mais... com pessoas mais preparadas.

Em âmbito de formação, o salesiano, a comunidade e cada irmão não podem demandar, fugir, buscar pequenos ajustes que não facilitam a renovação do grupo.

Deixo de passar em exame os grupos leigos da Família. Cada comunidade, inspetorial e local, faça a sua revisão, para ver se a formação foi até hoje o centro da animação e do desenvolvimento dos grupos da Família.

Permanecendo ainda em contexto de autonomia, sinto como urgente sublinhar a outra face que é a **comunhão**.

Também a comunhão tem as suas exigências, expressas nos textos dos vários grupos.

Jamais autonomia sem comunhão!

Jamais comunhão sem autonomia!

As duas exigências não estão em contradição, muito menos em oposição.

O oposto é verdadeiro.

A autonomia cresce onde existe comunhão.

A comunhão exprime-se onde dá-se espaço à autonomia.

A autonomia é uma realidade organizativa.

A comunhão é uma alma espiritual.

Devem estar sempre juntas.

Exprimi os três termos fundamentais que qualificam a organização interna dos grupos da Família Salesiana: autonomia, formação e comunhão.

Em alguns casos, tem-se a impressão que os Salesianos busquem uma situação de dependência dos grupos leigos; e, em outros casos, que possa ser cômodo aos grupos leigos de-

pendar da comunidade salesiana ou do salesiano encarregado do grupo.

A **organização externa**, compreende entre outras coisas o **relacionamento**:

- com a comunidade dos salesianos;
- com o conjunto da Família Salesiana, para apresentar a imagem de Dom Bosco;
- com a comunidade educativa da obra salesiana e de suas várias presenças, para participar ativamente da missão e dos projetos salesianos;
- com os Conselhos pastorais presentes no território em que vivem os grupos da Família Salesiana;
- com a Igreja local, à qual deve exprimir, antes de tudo, a disponibilidade à colaboração nos planos salvíficos, particularmente os que se referem à juventude e à gente do povo;
- com a proposta de intervenções em sintonia com o próprio carisma, e não só com a disponibilidade;
- com o território civil, em vista da promoção do espírito de Dom Bosco e o crescimento do movimento salesiano.

Muitos outros aspectos poderiam ser assinalados. O apelo é pensado em vista do empenho da comunidade salesiana e dos encarregados dos grupos.

As tarefas confiadas à comunidade e irmãos são importantes e significativas.

É necessário, pois, dar maior atenção a estes aspectos.

Listo-os brevemente:

- abrir os grupos para além dos interesses ligados apenas à vida do grupo;
- ligar os grupos leigos entre si, e todos com a Família Salesiana;
- convidar a tomar contato com grupos eclesiais e civis que trabalham na mesma região, no mesmo âmbito, com os mesmos destinatários;
- ajudar a programar antes de agir.

Como utilizei para o ponto anterior, sobre a organização interna, três termos (autonomia, formação, comunhão), também aqui podem servir de apelo as seguintes referências essenciais: **abertura** às realidades circunstantes do ambiente civil e eclesial; **sensibilidade cultural** pelos jovens e pelo povo, aproximados diretamente e de modo sistemático, para conhecer a situação e responder de maneira adequada; **projeto** aberto às reais possibilidades do grupo e do ambiente.

Segunda pista: AJUDAR OS LEIGOS A SEREM LEIGOS SALESIANOS

É o aspecto mais difícil, mas também o mais necessário.

Ele comporta muitos tipos de intervenção, recolhidos ao redor de três eixos fundamentais da vida de um grupo: identidade, missão e espiritualidade.

A Família Salesiana nasce do carisma comum vivido com as originalidades de cada grupo.

Essa originalidade chama-se **identidade**.

Ajudar os leigos a serem leigos *salesianos* exige da comunidade e do animador a capacidade de suscitar um profundo sentido de *pertença* à Família de Dom Bosco. Ela é fruto da apresentação clara do significado e da vida de cada grupo e do conjunto da Família Salesiana.

Devem ser superadas, então, as *confusões* que nivelam todas as realidades reduzindo-as a uma só, privando cada uma de suas características. Pelo contrário, devem ser acen tuadas as particularidades, quando e porque servem para melhor definir o conjunto.

No caso concreto, o verdadeiro *rostro de Dom Bosco* nasce da riqueza do carisma. Nem todos somos chamados a fazer as mesmas coisas.

Existe uma complementaridade que deve ser reconhecida e valorizada. Existem na Família de Dom Bosco religio-

sos e leigos, leigos e seculares consagrados, homens e mulheres, jovens e adultos, casados e solteiros, viúvas e famílias, presbíteros.

Isso tudo não é só diversidade, mas também riqueza.

Cada grupo tem o seu significado e valor. Descobri-lo é o único passo para vivê-lo e manifestá-lo.

Os diversos grupos da Família Salesiana não representam uma hierarquia e uma divisão. São um *dom* do Espírito.

Não entram em concorrência, mas vivem e trabalham em convergência.

A referência ao CONJUNTO da Família ajudará a ir além do genérico, para realizar a identidade.

A evidência das características do GRUPO servirá para a relação de *intercâmbio* de dons que deve vigorar entre os componentes da Família.

Estas reflexões devem ser aplicadas aos grupos nomeados no parágrafo **“De quem se fala?”**.

Se a comunidade e os irmãos, por primeiros, não têm clara a identidade do grupo e dos grupos correm o risco de criar tensões e dificuldades.

A clareza alcançada deve ser, depois, comunicada aos membros do grupo.

O passo da identidade é indispensável para ulterior caminho de trabalho educativo e pastoral de todos os grupos.

Ser, viver, agir como salesianos não é uma questão intelectual, de simples conhecimento. Refere-se à compreensão operativa da missão que se deve desenvolver. Da identidade à **missão**.

Pode-se perguntar, então, e colocar a questão também aos outros, quando encontram-se os grupos da Família Salesiana:

- qual o âmbito apostólico em que cada grupo se coloca, na pastoral de conjunto?

- com qual metodologia apostólica se apresenta aos outros?
- qual o projeto ou programação que pretende realizar durante o ano?
- quais as características que sublinha com a própria presença e ação?

Todos na Família Salesiana vivem e trabalham à luz do *da mihi animas*.

Cada grupo, porém, realiza-o de maneira diversa.

É evidente a ligação que subsiste entre estas realidades: autonomia, identidade e missão.

Perguntemo-nos: por que as comunidades têm dificuldade de envolver os leigos da Família na missão local?

À parte o discurso já apresentado da autonomia, deve-se acrescentar aqui o discurso da identidade.

Em campo operativo e apostólico, a identidade é como o profissionalismo, a qualificação profissional. Não pediria a um engenheiro que participe de uma operação cirúrgica; e vice-versa, não pediria a um médico que intervenha na construção de uma casa. A cada um o seu âmbito!

Mas é preciso sabê-lo e querê-lo. Diversamente não se torna operativo.

A comunidade e cada irmão têm uma tarefa não secundária nesta perspectiva.

Torna-se indispensável ajudar os membros dos Grupos a aprofundarem em sintonia com as reflexões anteriores.

Nós Salesianos não podemos e não devemos pedir aquilo que os outros não podem ou não devem dar.

Os outros não devem exigir, em geral, o que excede à própria originalidade e qualificação de Família.

A harmonia apostólica gerará a comunhão!

Um terceiro elemento entra na salesianidade como preocupação em relação aos leigos: a **espiritualidade salesiana**.

A renovação indicada à Congregação pelo CG24 tem conseqüências significativas também para a Família Salesiana, particularmente quanto à espiritualidade.

Nos Atos do CG24, a segunda parte intitulada *Salesianos e Leigos: memória e profecia* refere-se, no capítulo terceiro, à espiritualidade (cf. números 87-105).

São muitas as indicações surgidas.

Não interessa, agora, chamar os elementos constitutivos fundamentais.

Dê-se atenção à nota 3 do número 88 dos Atos. Apresento antes o parágrafo ao qual se refere a nota, e depois a mesma nota que me dá ocasião para tirar uma conclusão muito simples, mas ao mesmo tempo, significativa.

Eis o texto dos Atos:

«Colhe-se logo a riqueza do espírito salesiano quando, traduzido em vida concreta, torna-se espiritualidade. Vamos reconsiderar algumas de suas principais características».

E eis a nota 3:

«Deparam-se válidos esforços de interpretação em textos autorizados: cf. as Constituições SDB, que são o nosso ponto principal de referência. Cf. também as Constituições FMA, o Regulamento de Vida Apostólica dos Cooperadores, a Carta de Comunhão da FS, os últimos Capítulos Gerais. Cf. ainda Don Egídio Viganò all'Università Salesiana (UPS Roma 1996), pp. 162-263.

O que se pode deduzir dessas palavras?

A espiritualidade salesiana é certamente objeto de interesse da nossa Família. Talvez seja um pouco menos objeto de reflexão por parte de cada grupo, particularmente dos grupos leigos.

Repetem-se, com frequência expressões da tradição, sem aprofundá-las. É fácil satisfazer-se com o denominador comum, e não buscar as características que contudo devem existir em cada grupo.

Exemplifico dizendo que estamos todos interessados na espiritualidade do Sistema Preventivo, mas não é igualmente claro em que ela consista nos vários grupos.

Existem elementos comuns. Existem, também, contudo, elementos específicos, relacionados às várias experiências de cada grupo.

Nos encontros regionais com os responsáveis inspetoriais da Família Salesiana, verificamos como é difícil exprimir as características espirituais de cada grupo. Não estamos suficientemente treinados a essa reflexão e busca.

Se a comunidade salesiana e cada salesiano não tomarem a iniciativa para os aprofundamentos necessários sobre o tema da espiritualidade, pode-se tornar um tanto difícil que a iniciativa parta dos grupos de leigos.

Gostaria de caminhar para a conclusão levando a atenção ao CG24.

Existem muitos aspectos de novidade.

Referem-se diretamente à comunidade salesiana.

Não sejam descuidados os reflexos sobre a Família Salesiana.

Renovando a nossa animação, ajudaremos os demais a entrarem no novo contexto da relação de comunhão e participação no espírito e na missão de Dom Bosco.

Conclusão

O dicastério tem na ordem do dia uma **reunião** com os representantes leigos dos grupos da Família Salesiana, e será realizada no ano jubilar ou imediatamente depois.

Quanto tivermos amadurecido mais os conteúdos e a metodologia, as Inspetorias serão convidadas a colaborar para conseguir exprimir de maneira mais eficaz o rosto de Dom Bosco em sua dimensão leiga.

2.2 OS CENTROS DE FORMAÇÃO PARA CATEQUISTAS EM TERRITÓRIO DE MISSÃO

P. Luciano ODORICO

Conselheiro Geral para as Missões

Já apresentei no número anterior, n. 365, dos Atos do Conselho Geral uma reflexão sobre «*A formação dos catequistas em território de Missão*». A presente intervenção tem a finalidade de sublinhar as estruturas e a organização dos Centros de formação, especialmente em território de missão. Indicarei os aspectos mais comuns e mais universais, para que possam espelhar a diversidade e a unidade substancial desses Centros em todos os territórios missionários confiados à Congregação Salesiana.

A alegria e o empenho de anunciar o Evangelho a todas as nações tem encontrado sempre na Igreja a resposta generosa de pessoas prontas a darem a própria vida pela causa do Reino, sejam eles missionários sacerdotes, religiosos ou leigos.

A carta encíclica *Redemptoris Missio* (RM), retomando o Decreto conciliar *Ad Gentes* (AG), faz o elogio da *multidão digna de louvor* dos catequistas de pleno título, em primeira fila nas terras de missões, os quais, «animados pelo espírito apostólico e fazendo grandes sacrifícios, dão uma contribuição singular e insubstituível à propagação da fé e da Igreja»¹.

A Encíclica continua invocando o esforço da Igreja para garantir *uma mais cuidadosa preparação e uma renovação*

¹ AG 17

espiritual e apostólica dos catequistas, favorecendo «a criação e a potenciação de **escolas para catequistas**»².

O encorajamento da RM não é, certamente, uma novidade, mas uma insistência autorizada sobre aquilo que os Documentos anteriores já tinham claramente afirmado³.

Os povos ainda não evangelizados foram sempre objeto especial da preocupação e do impulso apostólico de Dom Bosco. «*Com a ação missionária, realizamos um trabalho de paciente evangelização e fundação da Igreja num grupo humano*»⁴. Agradecemos ao Senhor da messe pela fundação de Igrejas, vicariatos missionários e dioceses missionárias, ainda confiados aos Salesianos.

As opções programáticas do Dicastério para as Missões insistiram no empenho pela práxis e a formação dos irmãos missionários, particularmente dos catequistas em terra de missão, encorajando e apoiando o setor irrenunciável da primeira evangelização⁵.

A catequese é, decerto, um trabalho difícil pelo testemunho de vida que exige do catequista, não só pelo anúncio que deve levar, mas pela sua capacidade de «alcançar e quase transformar pela força do Evangelho os critérios de julgamento, os valores determinantes, os pontos de interesses, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade que estejam em contraste com a Palavra de Deus e com o plano de salvação»⁶.

Muitas missões, com a aprovação das Conferências Episcopais, têm potencializado suas escolas para catequistas. Segundo os dados estatísticos do CG24 (Roma 1996), os Centros Catequéticos atuantes na Congregação em territó-

² RM 73

³ cf. Documento de Base (n. 189), Diretório Catequético Geral (n. 126), Exortações Apostólicas *Evangelii Nuntiandi* (n. 73) e *Catechesi Tradendae* (n. 71)

⁴ C. 30

⁵ cf. ACG 358, *suplemento*

⁶ EN 19

rio de missão são 23 sobre um total de 34, excluindo as áreas de antiga cristandade. Os irmãos envolvidos com dedicação exclusiva são poucos, alguns trabalham parcialmente neles, muitos são leigos.

Baseando-nos em alguns **estatutos e programas**, notamos com prazer uma larga variedade na organização de programas, níveis – paroquiais, diocesanos e interdiocesanos – e currículos de estudo, às vezes integrados em programas de educação ao desenvolvimento e à promoção da mulher. Este é um esforço positivo quanto à sua colocação específica como resposta às necessidades eclesiais e às possibilidades logísticas concretas onde são chamados a atuar.

A duração desses Centros varia segundo as possibilidades das dioceses e das comunidades cristãs, da preparação dos formadores e animadores do Centro e do indispensável aparato logístico. A duração da formação varia em geral de dois a três anos. Existem também as convocações para sessões de três meses por ano, para os catequistas que se podem liberar ou que se impõem este ritmo de formação permanente⁷.

1. *A formação dos catequistas em nível paroquial*, que podemos chamar de *1º nível*, deveria compreender:

- A identidade do catequista, a sua pessoa como educador e testemunha, em relação à sua família, à comunidade e aos seus destinatários, à sua espiritualidade, às suas qualidades humanas, à sua necessidade de formação inicial e permanente, ao seu lugar específico na atividade profética da Igreja.
- O papel essencial da catequese na práxis evangeliza-

⁷ Uma apresentação sintética destes Centros de Formação é feita pelo Documento *Guia para os catequistas* da Congregação para a Evangelização dos Povos (CEP), EDB, 1994, n. 30.18

dora: ensinamento, empenho de vida cristã, “escrutínios” de tipo catecumenal nas passagens importantes do ano litúrgico ou no crescimento humano e experiencial da vida cristã (retiros, revisões, tirocínios, admissão à etapa sucessiva, etc.). A este propósito, alguns documentos insistem sobre a importância de uma mudança de mentalidade dos destinatários em vista de uma catequese permanente e não só funcional ao recebimento dos sacramentos. Se a catequese é encarnada, ela torna-se fonte de iluminação para todos os setores e para todas as idades da vida.

- O conhecimento direto dos *livros* essenciais ao seu trabalho: a Bíblia, os conteúdos do Catecismo e dos Documentos mais importantes da Igreja inerentes ao seu trabalho, as linhas essenciais de metodologia para as diversas faixas evolutivas, o essencial material didático funcional e atualizado.
2. O 2º e o 3º níveis, lá onde existem, abraçam raios pastorais mais extensos, na maioria das vezes em nível diocesano e/ou interdiocesano.
- Os programas prevêm a continuidade dos cursos de formação em círculos concêntricos de aprofundamento, interesse e itens sempre mais específicos, tanto em nível de formação intelectual como de experiência direta, algumas vezes difíceis pela inserção concreta dos catequistas nas paróquias limítrofes ao Centro.
 - Em geral, os cursos compreendem as áreas comuns de qualquer *ratio studiorum*: formação bíblica, dogmática, sacramental, litúrgica, moral, pastoral, cultural, metodológica.

- Elemento comum dos documentos é o critério de aceitação dos catequistas candidatos nos Centros de estudo. Insiste-se sobre o seu compromisso cristão, a carta de apresentação do pároco ou da diocese, o nível de estudo idôneo, a motivação pessoal, um certo amadurecimento humano e uma comprovada honestidade na vida social, a idade mínima de 18 anos, uma experiência no serviço da catequese de, ao menos, dois anos. (Citamos, por exemplo: o Centro Catequético MAKALALA – Tanzânia, e o Centro Catequético “MOAMOA Theological College” – Ilhas Samoa).
3. *O Centro Catequético distingue-se e qualifica-se* também pela sua capacidade de pesquisa e de produção editorial: catecismos, revistas de estudo e de ligação, pesquisas sobre a inculturação, frutos de estudos de seminários, experimentações, jornadas celebrativas anuais de catequese ou para catequistas.

Orientações conclusivas

1. Uma das tarefas do Centro de formação para catequistas em território de missão é, justamente, cuidar da sua **missionariedade**, do espírito que os deve motivar, da sua visão de Igreja universal, da disponibilidade à mudança de setor pastoral, sobretudo quando empenhados *com dedicação exclusiva*, lá onde a realidade pastoral registra setores com fortes carências de evangelização. É óbvio que na base dessa formação exista uma genuína espiritualidade missionária, ou seja: *«a comunhão íntima com Cristo, a abertura e a atenção a todos os povos e a todos os homens, particularmente aos mais pequenos e pobres»*⁸.

⁸ RM 88, 89

2. É preciso sublinhar, pois, que uma sólida **formação integral** dos catequistas deve caminhar *pari passu* com uma mentalidade renovada de Igreja “em estado de missão”, evangélica e evangelizadora, cujo Diretório Catequético, diocesano ou nacional, deveria ser um seu indicador significativo.
3. Atenção particular deve ser dada à relação, nem sempre linear, entre **demanda de catequistas** (exigências pastorais da Igreja local) e **oferta do Centro**. Não basta enviar para estudar nos Centros os amantes da catequese; é importante que existam catequistas motivados e, em certo sentido, já envolvidos na pastoral local ou diocesana. Os respectivos párocos devem ser ativamente envolvidos no projeto de formação. A importância do Centro não dependerá apenas do nível ótimo dos cursos acadêmicos, mas da sua capacidade de valorizar a experiência dos catequistas, sobretudo em relação aos seminários de pesquisa e à experimentação no vasto campo da inculturação da mensagem e da liturgia.
4. É bom que os catequistas saibam por que se encontram no Centro e que o Centro apresente aquilo que pode oferecer. A sintonia entre demanda e resposta fará aparecer o valor da experiência em si, a satisfação de catequistas e pastores em não terem sido desatendidos em suas pretensões, e que vale a pena o sacrifício que cada Centro comporta. Quanto mais o Centro valorizar-se, mais desenvolver-se-ão as suas prestações e especializações:
 - formação dos catequistas,
 - qualificação para os formadores de outros catequistas,
 - especialização em áreas específicas da intervenção catequética em relação às zonas rurais ou urbanas, às

- diversas faixas transversais da sociedade, a um determinado setor da pastoral, etc.,
- currículos especiais para animadores ou responsáveis de comunidades de base ou de setores pastorais.
5. Trata-se, a propósito, da **relação entre Centro catequético, projeto pastoral diocesano ou nacional e comunidade cristã**. Também esta última deverá estar atenta e solícita em corresponder, na medida de suas capacidades e do próprio ritmo pastoral, às propostas de intercâmbio e melhoramento na prática catequética, pronta a apoiar o trabalho dos catequistas particularmente no que respeita o material didático e os livros de uso imediato.
 6. O valor do Centro catequético, sobretudo em terra de missão, revela-se também pela sua capacidade de criar um ambiente em que catequistas e docentes façam uma **forte experiência de Igreja**⁹, pelo grau de acolhida das pessoas e culturas e das etnias que representam, pelo crescimento espiritual das pessoas e do grupo, pelo clima alegre apoiado por celebrações e encontros informais. Além de levar a tomar consciência da própria identidade, são justamente essas experiências em confronto que fazem do Centro uma escola de oração e de educação à missionariedade, um ponto de referência qualificado e interlocutor da pastoral da Igreja local.
 7. Em território de missão, a estrutura dos Centros para Catequistas prevê um estilo do tipo aldeia¹⁰, ou acampamento, que respeitem tanto a privacidade dos casais de catequistas, como o clima necessário ao estudo. A experi-

⁹ cf. o já citado Centro de Makalala

¹⁰ cf. o já citado Centro das Ilhas Samoa

ência das nossas casas de formação poderia ser de ajuda tanto para a manutenção das estruturas como para a organização interna, o clima de família, disponibilidade, colaboração e alegria que aí devem reinar. Coisas óbvias, mas que devem ser levadas em consideração quando se pretende favorecer resultados ótimos de convivência e de nível de qualidade do próprio Centro.

Concluo esta reflexão citando ainda a RM, n. 73: «*Os catequistas são agentes especializados, testemunhas diretas, evangelizadores insubstituíveis, que representam a força basilar das comunidades cristãs, sobretudo nas jovens Igrejas*». O nosso esforço de significatividade das nossas presenças missionárias e a qualidade da formação¹¹ solicitam a nossa atenção em manter de modo eminente o cuidado dos nossos primeiros colaboradores que são os catequistas.

¹¹ cf. Prioridades programáticas do Conselho Geral, com referência especial à práxis missionária, ACG 358, *suplemento*

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Concluídas as reuniões da sessão “intermédia” de setembro (cf. crônica do Reitor-Mor, ACG 365, p. 82), quinta-feira **17 de setembro**, o Reitor-Mor parte de Roma Fiumicino para uma viagem à África, que tem como finalidade, além da visita aos irmãos, a celebração da Festa anual do Reitor-Mor, como é tradição na Congregação.

Com uma escala em Joanesburgo, África do Sul, o Reitor-Mor dedica algumas horas à comunidade formadora (pré-noviciado e pós-noviciado) de **Rynfield**, onde celebra a santa missa. Em seguida, vai a Maputo, Moçambique, onde chega na tarde do dia 18, acolhido pelo Delegado P. Valentín de Pablo, com outros Salesianos e Filhas de Maria Auxiliadora, que o acompanham a **Matola**, casa dos aspirantes. Ali celebra a Eucaristia e, após o jantar, é homenageado com uma simpática academia apresentada pelos aspirantes. Retorna a **Maputo**, sede da Delegação, para o repouso noturno.

Na manhã do dia 19, o Reitor-Mor vai à paróquia de São José de Lhanguene, onde celebra a Missa, na presença de numerosos fiéis e representantes de todos os ramos da Família Salesiana, aos quais – durante a homilia – fala da Família Salesiana e do vasto campo que lhe está aberto em Moçambique.

Ao final da missa e antes do almoço, o Reitor-Mor faz uma breve visita à obra de São José. Participam do almoço o Nuncio Apostólico Dom Peter Zarbrighen e o Bispo Auxiliar de Maputo Dom Adriano Langa, franciscano, que representava o cardeal, impossibilitado de estar presente.

Após o almoço tem início a **Festa em homenagem ao Reitor-Mor** nos locais da escola elementar “Rainha Sofia” de Maputo.

Os vários números do entretenimento são apresentados pelo presidente do Movimento Juvenil Salesiano, que, iniciando, dirige algumas palavras de boas-vindas aos presentes. Depois dele, intervém o Delegado P. Valentín, para manifestar a

sua alegria, reconhecimento e admiração por Moçambique ter sido escolhido para a festa anual de agradecimento ao Reitor-Mor: Moçambique, de fato, é um país com uma presença salesiana não vastíssima, ainda jovem de anos. Conclui recordando que estão presentes todos os ramos da Família Salesiana, e comunica as mensagens de participação, que chegaram por fax ou telefone, um pouco de todos os lugares; gratíssimo o da Madre Geral das FMA, Ir. Antonia Colombo.

Têm início, em seguida, os vários números da festa, apresentados por grupos de todas as obras dos Salesianos e das FMA. Ao final, o Reitor-Mor toma a palavra, agradecendo aos presentes, particularmente ao Núncio Apostólico e a Dom Adriano. *Sublinha que foi escolhida a África e, particularmente, Moçambique para a festa porque em Moçambique completam-se os cinqüenta anos do primeiro contato com a comunidade cristã e porque os Salesianos em 1992, no movimento de evangelização da Igreja, deram início a um tempo de belas realizações. Deixa depois uma mensagem aos jovens, adultos e à toda a Família Salesiana.*

Domingo, 20 de setembro, pela manhã, o Reitor-Mor cele-

bra a eucaristia na paróquia do “Bom Pastor” para o encontro com os jovens animadores, perto de 300, vindos das diversas presenças de Moçambique. É um encontro juvenil, rico de cantos e danças, que o Reitor-Mor encerra com uma mensagem a partir justamente da animação que os jovens manifestaram: *o desenvolvimento da semente torna-se raiz, tronco, ramo, folhagem e, enfim, fruto.*

Pela manhã do dia 21, o Reitor-Mor encontra os diretores e o Conselho da Delegação de Moçambique. Estão presentes o Inspetor de Portugal P. Simão Cruz e o Conselheiro Regional para a África e Madagáscar P. Antonio Rodríguez Tallón.

Em seguida, vai visitar o Arcebispo de Maputo, Card. Alexandre José Maria dos Santos, franciscano. A parte da tarde é dedicada à visita das obras das FMA: “Casa Rosetta”, Centro de acolhida Dom Bosco em Infulene e, enfim, a casa inspetorial.

Terça-feira, 22 de setembro, o Reitor-Mor visita a casa salesiana de **Moamba**, onde preside a eucaristia, durante a qual dois jovens recebem o batismo. Em seguida abençoa os novos ambientes do Oratório e as oficinas do Centro de artes e ofícios. À tarde, durante um ato cultural em sua homenagem, é

expresso o agradecimento pela sua agradabilíssima visita aos Salesianos de Moçambique. Ele responde, agradecendo pela acolhida recebida e sublinhando *que notou o progresso feito, de 1992 até hoje, e que constatou fantasia e criatividade no desenvolvimento do trabalho. Admirou o apego à missão e a esperança no futuro que anima os irmãos: esperança que nasce das vocações locais que, graças a Deus, estão crescendo.*

Quarta-feira, **23 de setembro**, o Reitor-Mor parte de Moçambique e, fazendo nova escala em Joanesburgo, vai a **Luanda**, em **Angola**, o outro país no programa de visitas às presenças africanas. Recebido pelo Delegado P. Gino Favaro e outros Salesianos, é acompanhado à casa do **pós-noviciado** em Luanda-Palanca onde, à tarde, após o almoço, encontra os pré-noviços, pós-noviços e os salesianos de Luanda, trocando com eles impressões, avaliações e notícias. O Delegado, dando as boas-vindas ao P. Vecchi e agradecendo-lhe pela visita, apresenta brevemente a história e a situação da obra salesiana em Angola. Tendo chegado ao País em 1º de setembro de 1981, com o apoio das Inspetorias da Região “Atlântica”, no âmbito do

“Projeto África”, os salesianos hoje em Angola são 51, dos quais, 27 sacerdotes, 8 coadjutores e 16 em formação. 16 são angolanos, enquanto os demais provêm de várias nações: 15 argentinos, 12 brasileiros, 4 uruguaiois, 3 paraguaiois e 1 mexicano.

Quinta-feira, 24 de setembro, o Reitor-Mor vai a **Dondo**, a 180 quilômetros da capital, para visitar a obra salesiana. Ali, com Salesianos e FMA, celebra a missa em honra de Maria Auxiliadora na ocorrência do dia 24 do mês. Tem também a possibilidade de visitar a escola que se encontra na aldeia de Cassolala, a 25 quilômetros de Dondo, onde é acolhido pela população e pelos jovens e meninos que freqüentam a escola.

À tarde, o Reitor-Mor encontra os irmãos e fala-lhes das frentes missionárias. Entretém-se depois com o grupo de Cooperadores e algumas pessoas que se preparam para aderir à ADMA.

Sexta-feira, 25 de setembro, o Reitor-Mor celebra a missa em honra de Dom Bosco na igreja paroquial de Dondo. Vai depois a Luanda onde visita, na parte da tarde o Arcebispo Card. Alexandre do Nascimento, e o Núncio Apostólico, entretendo-se com eles sobre interessantes

argumentos que se referem à Igreja e à Congregação em Angola. À tarde, P. Vecchi visita a comunidade das FMA de Luanda, onde faz uma conferência.

Sábado, 26 de setembro, via aérea, chega em **Luena** onde visita o Bispo e preside a eucaristia em honra de Maria Auxiliadora. À tarde, depois de visitar o cemitério e rezar no túmulo do salesiano coadjutor Humberto Michelino, que morreu em Angola em 1992, o Reitor-Mor participa de um espetáculo organizado pelos jovens em sua homenagem. Retorna a Luanda, onde à noite entretém-se com os pós-noviços, dando-lhes a “boa-noite”.

Domingo, 27 de setembro, o P. Vecchi preside a eucaristia na paróquia salesiana de São Paulo em Luanda, com a presença de 4.000 pessoas, numa celebração solenizada pelos cantos, danças e coreografias típicas do lugar. Depois da missa, visita duas zonas pobres onde trabalham os salesianos: o bairro **Motta**, que faz parte da paróquia São Paulo, e a paróquia de São José Operário no bairro **Lixeira**, onde os salesianos estão construindo um Centro de formação profissional. Deixada a paróquia da Lixeira, vai à aldeia de **Kakuako** onde as FMA animam um Oratório e Centro Ju-

venil, um Centro de alfabetização e um Centro profissional de costura, datilografia e informática. Ali é servido o almoço, ao qual são convidados os responsáveis dos Cooperadores e da ADMA.

À tarde retorna à paróquia São Paulo para o **encontro com os jovens**. Após a apresentação de numerosos grupos, o P. Vecchi responde às perguntas que os jovens lhe propõem.

Dia 27 de setembro, o Reitor-Mor preside a celebração eucarística na sede da Delegação com os irmãos da casa, encontra-se com o Conselho da Delegação e vai ao aeroporto para retornar a Roma.

Em Roma, recordam-se dois importantes encontros dos inícios de outubro: no dia 5 de outubro na **UPS** e no dia 7 no **Auxilium** para a inauguração do ano acadêmico. Em ambas as ocasiões preside a concelebração eucarística.

No dia 9, no Instituto “Sacro Cuore” da rua Marsala em Roma, participa da apresentação do livro de Saul Celora *Le vie del Signore sono infinite*.

Sábado, 10 de outubro, o Reitor-Mor vai à casa salesiana de **Figline Valdarno** para a celebração do **centenário da**

presença salesiana naquela cidade.

A celebração acontece no **domingo, 11 de outubro**, e compreende vários atos. Após uma breve visita ao “cemitério da Misericórdia” – para rezar no túmulo dos irmãos defuntos – e a alguns lugares significativos da cidade – entre os quais a igreja da Collegiata – às 9:30 o Reitor-Mor chega à Prefeitura, onde recebe as boas-vindas do Prefeito e da Junta. Agradecendo, P. Vecchi fala da *fidelidade dos Salesianos ao tipo de educação desejada por Dom Bosco, em constante relação de colaboração com a sociedade e as instituições. Agradece à comunidade civil de Figline Valdarno pelo que dá aos Salesianos, e conclui desejando que os Salesianos em Figline possam continuar o próprio serviço no espírito de Dom Bosco, com competência e incidência educativa, e que exista sempre uma eficaz colaboração por parte da hierarquia e das instituições civis.*

Retornando ao Oratório, o Reitor-Mor preside a eucaristia, ao final da qual os “agitadores de bandeiras” oferecem um momento de espetáculo e festa. Interessante a visita feita, à tarde, no distrito de Viesca, à casa de uma benfeitora da obra salesiana, Sra. Wanda Ferragamo,

onde é conservada a capela em que Dom Bosco celebrava a eucaristia em suas visitas à Toscana.

Em seguida, o Reitor-Mor, cumprimentado por jovens e salesianos do Oratório, parte para **Arezzo**, onde visita e inaugura oficialmente a obra que os salesianos aceitaram animar – no distrito de San Leo – a pedido de Dom Flavio Roberto Carraro. A obra, além do trabalho pastoral na paróquia de São Leão Magno, pretende ser ponto de referência para a juventude da região. Na eucaristia, presidida por Dom Carraro, o Reitor-Mor apresenta a comunidade salesiana e a ação que os salesianos querem desenvolver.

Retornando à noite a Roma, o Reitor-Mor parte na manhã seguinte, **12 de outubro**, para o Extremo Oriente, em visita aos irmãos e comunidades do **Vietnã**, visita desejada há tempo, que agora se pode realizar. São oito dias – de 12 a 20 de outubro – muito significativos, durante os quais o Reitor-Mor pode conhecer a realidade salesiana em crescimento, apesar das dificuldades, visitar as várias presenças, encontrar-se com as comunidades e com grupos de irmãos reunidos para isso. A realidade salesiana é re-

almente consoladora. No momento da visita, a Visitadoria conta com 157 professores e 13 noviços. Dos professores, 94 são perpétuos (46 padres, 13 diáconos, 17 coadjutores e 18 clérigos) e 63 temporários (43 pós-noviços e 20 teólogos); os tirocinantes são 13. Os salesianos vivem em 10 comunidades, mas cuidam de 28 presenças com 18 paróquias.

Entre os encontros significativos com grupos de irmãos, com os quais o Reitor-Mor entretém-se deixando uma mensagem específica para cada um, devem-se recordar – além da reunião com o Conselho da Visitadoria, no início da visita – o encontro com os estudantes de teologia em Xuan Hiep, com os pós-noviços em Dalat, com os noviços em Ba Thon, com os pré-noviços em Cau Bong e, enfim, com os diretores e párocos na conclusão da visita. Falando-lhes, o Reitor-Mor *sublinha alguns elementos positivos que acompanham e demonstram fidelidade no momento atual da Visitadoria do Vietnã: fidelidade comunitária, capacidade de adequação à situação, aumento numérico e o cuidado das comunidades formativas, trabalho na pastoral dos jovens, projetos de expansão. Indica também algumas insistências quanto ao fu-*

turo próximo: trabalho de primeira evangelização, qualidade e profundidade do serviço prestado, formação permanente.

Entre os encontros pessoais significativos, dois são com as autoridades civis: sábado 17 de outubro em Hanói com o Vice-Presidente dos Negócios Religiosos do Vietnã, Sr. Nguyen Van Ngoc, e segunda-feira, 19 de outubro, com o Encarregado dos Negócios Religiosos da cidade de Ho Chi Minh. São ocasiões para falar das relações entre Salesianos e sociedade civil e também para acenar a projetos e trabalhos educativos que estão na intenção dos salesianos (por ex.: o Centro profissional de Kenap, perto de Hanói).

Na vertente eclesial, muito cordiais e sentidas, as visitas que o Reitor-Mor fez ao Cardeal de Hanói, Dom Paulo Pham Dinh Tung (sábado, 17 de outubro) e ao Arcebispo de Ho Chi Minh, Dom João Batista Pham Mihn Man.

Muito interessante a *festa dos jovens* realizada no domingo 18 de outubro, com a presença de cerca de 700 jovens vindos das paróquias e centros salesianos. A festa tem como tema: *O Jovem: comunhão e participação no espírito e na missão de Dom Bosco*. Muito viva a academia, que se desenvolve em nove

quadros relacionados entre si, tendo como tema a presença e o desenvolvimento da obra salesiana no Vietnã.

À tarde do mesmo domingo, concluída a festa dos jovens, acontece o *encontro com a Família Salesiana*.

Assinale-se ainda, entre as visitas significativas, aquela realizada no dia 16 de outubro às **Filhas de Maria Auxiliadora** em sua casa de Tam Ha, onde está a sede da Delegação, o postulante, o noviciado e uma escola materna para 200 crianças. No mesmo dia, o Reitor-Mor visita também o grande centro mariano de Bai Dau.

Em 10 de outubro, o Reitor-Mor, acompanhado pelo Superior da Visitadoria, P. João Nguyen Van Ty, visita brevemente alguns lugares da cidade de Ho Chi Minh, a antiga Saigon, partindo em seguida para Roma, levando na memória, a vivacidade da vida e da missão salesiana nesta terra do Oriente.

De Roma, poucos dias depois do retorno do Vietnã, o Reitor-Mor parte novamente para três dias na **Calábria**, Inspetoria Meridional, nos dias 23-26 de outubro, convidado para três ocorrências diversas: a presença centenária dos salesianos em

Bova Marina, os noventa anos de vida salesiana em Soverato e a inauguração da nova obra de Lamerzia Terme.

A primeira etapa é em **Soverato**, onde o P. Vecchi chega acompanhado de um grupo de jovens em motocicletas, escoltados pela polícia. Pela manhã, no instituto de Soverato, dá-se o encontro festivo com os jovens, meninos e meninas, que lhe oferecem a própria homenagem e escutam a mensagem que ele lhes transmite, inspirando-se nas palavras escritas no fundo do palco: *SGS: Spiritualità Giovanile Salesiana* (EJS: Espiritualidade Juvenil Salesiana).

À tarde, no Instituto das FMA, faz uma conferência aos salesianos, FMA e um grupo de Irmãs Oblatas dos Sagrados Corações.

A festa comemorativa dos noventa anos tem o seu ponto culminante na celebração eucarística na paróquia salesiana às 18 horas. A igreja está lotada de pessoas: Família Salesiana, autoridades, amigos, paroquianos.

Ao final da missa, o Reitor-Mor encontra-se com o Bispo de Catanzaro, com quem vai em seguida à Prefeitura para receber a *cidadania honorária*.

A festa conclui-se com a ceia fraterna no Instituto das FMA.

Sábado 24 de outubro, o Reitor-Mor vai a **Locri**, onde também trabalham os salesianos. O primeiro ato desenvolve-se numa praça da cidade, onde – com a presença do Prefeito e de quase todos os Conselheiros municipais – é descoberta uma lápide com que a mesma praça é intitulada a São João Bosco.

Em seguida, no Centro Juvenil Salesiano, o Reitor-Mor encontra os jovens de sete Escolas de Locri, aos quais desenvolve um interessante tema cujo título é: *Os jovens: educandos ou educadores?* que o próprio Reitor-Mor modifica para: *Ser educandos e educadores.*

Após o encontro com os jovens, o P. Vecchi preside a celebração da missa, da qual participam muitos membros da Família Salesiana e durante a qual nove Cooperadores/as emitem a Profissão.

À tarde, parte para **Bova Marina** onde, no ingresso da cidade, é acolhido pelo diretor P. Mario Cipriani, pelos irmãos, pelo Prefeito, que lhe dá as boas-vindas, e por muita gente, que o acompanham ao Oratório salesiano. Aqui, como primeiro ato, o Reitor-Mor inaugura um alto-relevo comemorativo, colocado na fachada da igreja; em seguida, no teatro, acontece a comemoração oficial do centenário,

feita pelo Inspetor, à qual se segue um espetáculo de cantos e danças folclóricas e tradicionais, também no dialeto local, o grecânico.

Domingo, 25 de outubro, o Reitor-Mor é recebido na sede municipal, onde o Prefeito confere-lhe a *cidadania honorária*. Agradecendo pela honorificência recebida, P. Vecchi sublinha que se trata de *um reconhecimento por todos os Salesianos que se sucederam em Bova Marina, um sinal de agradecimento por aquilo que, irmãos e irmãs, fizeram nestes cem anos.*

Às 11 horas, na igreja paroquial, o Reitor-Mor preside a solene eucaristia, em que concelebram vários salesianos que trabalharam naquela cidade. Com muitos fiéis e membros da Família Salesiana, participa um grupo de Irmãs Oblatas dos Sagrados Corações, que viram nascer o próprio carisma justamente nesta cidade.

À tarde, o Reitor-Mor chega em **Lamezia Terme**, última etapa de sua viagem à Calábria, para visitar a nova obra que os salesianos iniciaram para a juventude da cidade, no âmbito do “Projeto Calábria”, apoiado pela CISI. Na paróquia São José Operário, confiada aos salesianos, o P. Vecchi é acolhido, junto com os salesianos, pelo bispo Dom

Vincenzo Rimedio, pela Prefeita Sra. Doris Lo Moro, pelos jovens e por uma grande multidão. Na Igreja acontece um ato de boas-vindas e de homenagem, com a intervenção do Bispo, da Prefeita e do Inspetor. Todos agradecem a visita e sublinham a importância da presença dos salesianos na ação pastoral e educativa pelos jovens da cidade. Ao final das intervenções, o Reitor-Mor abençoa a estátua de Maria Auxiliadora e toma a palavra, sublinhando que a inauguração de uma nova presença é sempre um momento emocionante, agradecendo a todos pela acolhida dada aos Salesianos, e evidenciando o significado desta presença.

Segue-se, no salão da igreja, a festa dos jovens. Na manhã de 26 de outubro, o Reitor-Mor celebra a missa em honra de Maria Auxiliadora na igreja paroquial e, depois de visitar alguns lugares da cidade, retorna a Roma.

Outra celebração centenária empenha o Reitor-Mor nos dias 7-8 de novembro: a da presença salesiana de **Zurique, Suíça**, na Missão Católica Italiana. A Missão nasceu para cuidar dos imigrantes italianos, trabalho que ainda continua a desenvolver; hoje, porém, a co-

munidade salesiana acompanha também os imigrantes vindos da Boêmia e da Eslováquia. A Missão Católica é paróquia pessoal com Oratório e Centro Juvenil.

À tarde de 7 de novembro, o Reitor-Mor, com o Inspetor e o Diretor, encontra o Cônsul Geral da Itália, Dr. Gianluigi Laiolo e o Delegado para os missionários italianos na Suíça, Dom Antonio Spadacini, tratando com eles do tema da imigração na Suíça. Segue-se na *Stathaus*, Prefeitura de Zurique, o encontro com o Prefeito Sr. Josef Estermann e outras autoridades da cidade, onde acontecem várias intervenções, com intervalos de trechos musicais. Em sua intervenção o Reitor-Mor *agradece à administração municipal pelo encontro querido para exprimir o reconhecimento pela Missão Católica pelo trabalho desenvolvido nestes cem anos. De sua parte, os salesianos querem agradecer pela proximidade e pelo apoio que as diversas instituições da cidade lhes têm dado.*

À ceia que se segue ao encontro, na Missão Católica, está presente o Bispo de Coira e Zurique, Dom Amedeo Grab.

No domingo, 8 de novembro, o Reitor-Mor preside duas celebrações eucarísticas: às 10 horas para os jovens e às 11 e meia para toda a população. São

ocasiões para agradecerem juntos ao Senhor pelo dom dos cem anos de vida e ação salesiana.

À tarde acontece uma simpática sessão acadêmica, em que com os trechos musicais executados com maestria, surgem pequenas cenas e danças apresentadas pelos garotos e garotas do Oratório e Centro Juvenil. O Reitor-Mor, depois de ter-se congratulado com os atores e organizadores, sublinha que *o centenário faz olhar para o futuro. Ressalta o fato que é importante poder contar, numa cidade, com um Centro Juvenil que ajude a crescer. Ele é um centro que atrai os jovens, mas também uma plataforma da qual os jovens partem para a cidade para convidar outros a virem e participarem da vida desta comunidade juvenil. Conclui afirmando que parte com uma impressão muito otimista.*

Retorna a Roma, em seguida, para retomar as atividades na sede.

Em **19 de novembro**, no **Auxilium**, o Reitor-Mor participa de solene ato para a entrega do Doutorado "Honoris Causa" a Dom Francesco Marchisano e Ir. Fabiola Ochoa.

Em **20 de novembro**, vai ao Colégio Espanhol onde faz uma conferência aos estudantes

e professores sobre o tema: *Para onde o Espírito Santo está conduzindo a Igreja.*

De **23 a 28 de novembro**, o Reitor-Mor está empenhado no trabalho da União dos Superiores Gerais (USG): dia 24 participa da reunião do "Conselho dos 16", dia 23, do "Conselho Executivo", dias 25 a 28, da Assembléia Geral que se realiza em Ariccia.

Em **30 de novembro**, P. Vecchi encontra-se, no Instituto "Sacro Cuore" de Roma, com os diretores do **Boletim Salesiano**, vindos das várias partes do mundo, reunidos num encontro organizativo em vista da "renovação e relançamento do Boletim no mundo". Faz-lhes uma conferência sobre o tema: *Horizontes, atitudes e tarefas do diretor do Boletim Salesiano* (o texto é apresentado no n. 5.2 deste número dos ACG). O encontro termina com a concelebração eucarística.

Na manhã do dia **7 de novembro**, o Reitor-Mor participa do início do *Meeting* internacional sobre "meninos de rua", organizado pelo VIS e pelo Dicastério para a Pastoral Juvenil, que tem suas reuniões plenárias na sala Esquilino da Estação Termini de Roma. Após a introdução do P. Antonio

Domenech, vários oradores tomam a palavra para breves intervenções de saudação. Em seguida, o Reitor-Mor apresenta o tema: *Salesianos e jovens em perigo*.

À tarde do mesmo dia 7 de dezembro, o Reitor-Mor vai a Morlupo, localidade próxima a Roma, na casa de espiritualidade mantida pelos Rogacionistas, para cumprimentar as VDB reunidas para o Encontro anual das responsáveis regionais e delegadas da formação. Celebra a missa e, em seguida, num breve encontro, apresenta algumas reflexões sobre a caminhada da Família Salesiana no sexênio.

Em **8 de dezembro**, solenidade da Imaculada, o Reitor-Mor vai ao **Borgo Ragazzi Don Bosco**, em Roma, para as celebrações conclusivas do cinqüentenário da obra. Encontra várias autoridades, entre as quais o Prefeito de Roma, Francesco Rutelli.

O Reitor-Mor preside a eucaristia e, depois, encontra-se com os grupos dos Ex-alunos, dos Cooperadores, do Conselho Pastoral e dos animadores. Participa, antes do almoço, com os oratorianos, do *Círculo Mariano*, e lança uma mensagem através da Rádio "Meridiano 12".

4.2 Crônica dos Conselheiros Gerais

O Vigário do Reitor-Mor

Concluídas as reuniões do Conselho Geral, o P. Van Looy com o P. Domenech e o P. Van Hecke, vai a Hechtel, Bélgica, para participar do encerramento do *Eurofórum*. Estavam reunidos 900 jovens, vindos de toda a Europa salesiana, para uma semana bem organizada. Foi interessante o encontro na sede da Comunidade Européia em Bruxelas, com várias autoridades do Conselho da Europa. Estavam presentes ao encerramento o Cardeal Danneels e cinco bispos, além dos vigários gerais das demais dioceses, dois ministros e numerosos deputados do parlamento.

De 28 de julho a 5 de agosto, o P. Van Looy prega os exercícios espirituais às Filhas de Maria Auxiliadora em Forno de Coazze, e no dia 5 de agosto, na Basílica de Maria Auxiliadora, em Turim, preside a celebração do aniversário da profissão de muitas FMA, particularmente o 50º de profissão de Madre Marinella Castagno.

No dia 6 de agosto, em Contra di Missaglia participa, presidindo a eucaristia, da pri-

meira profissão das FMA, retornando em seguida a Roma.

Depois de um período de repouso em família, de 16 a 23 de agosto, está em Courmayeur, Vale D'Aosta, para o encontro anual do VIS sobre o tema: *Educação como caminho de desenvolvimento*.

Nos dias 29 de agosto a 3 de setembro está na República Checa, na casa de Frysták, para vários encontros com jovens animadores, diretores salesianos, cooperadores, curso de teologia, etc.

Retornando a Roma, participa no dia 5 de setembro da celebração em memória de Madre Teresa de Calcutá, na sala Paulo VI do Vaticano. De 7 a 12 de setembro participa da sessão intermédia do Conselho Geral. Preside, no dia 8, a celebração da primeira profissão dos novícios na basílica do Sagrado Coração de Roma. Em Porto Recanati, Inspeção Adriática, no dia 12, recebe a profissão perpétua de um irmão de Belarus e, no dia 13, vai ao Colle Don Bosco para a festa centenária da primeira estátua pública dedicada a Dom Bosco, na praça de Castelnuovo, com a presença das autoridades da Província, prefeitos das cidades limítrofes, de muitos habitantes da cidade e numerosos jovens.

Os dias 19-20 são dedicados à participação no encontro nacional dos Cooperadores da Polônia, em Wrocław, pregando também, nos dias 21-26, os exercícios espirituais aos diretores e membros do Conselho inspetorial daquela Inspeção. Percorre, nesses exercícios, vários textos de São Paulo, para iluminar o carisma de Dom Bosco.

Retornando a Roma, a convite das Irmãs de Notre Dame passa os dias 29-30, orientando a reflexão pastoral em seu Capítulo Geral, com o tema: *Quem somos nós, segundo as jovens*.

Participa no dia 2 de outubro de um encontro dos dois Conselhos inspetoriais de Veneza e Verona, na Casa Geral de Roma.

Dia 4 de outubro parte para uma longa viagem ao Oriente: primeiramente às Filipinas onde dirige três dias de reflexão para os diretores das Inspetorias do Extremo Oriente, tratando particularmente do papel do diretor na CEP e do seu trabalho de diretor espiritual. Em seguida, passa um dia em Tóquio para um encontro com a Madre e o Conselho Geral da Congregação das Irmãs da Caridade de Miyasaki, recentemente eleitos, e para um encontro com o Conselho Inspeção salesiano.

De 9 de outubro a 3 de novembro está na Coreia para a *visita extraordinária à Visitadoria*. Visita também nova obra aberta no início de outubro em Yanjii, nordeste da China.

Terminada a visita à Coreia, retornando do Extremo Oriente, passa cinco dias na Indonésia e em Timor, onde encontra as comunidades e muitos ex-alunos e amigos das obras salesianas.

Em 15 de novembro, com a comunidade de Ortona, Inspeção Adriática, celebra o cinquentenário da fundação da obra, que atualmente compreende centro profissional, paróquia e oratório.

Dia 27 de novembro participa da abertura dos trabalhos do encontro mundial dos diretores de Boletins Salesianos, realizado no "Sacro Cuore" de Roma, e conclui o mês de novembro em Rimini, no encontro nacional das PGS italianas, onde fala sobre o tema: *Educação salesiana e esporte*.

O Conselheiro para a Formação

Um dos objetivos da programação do sexênio é a "qualidade da formação intelectual", objetivo sublinhado pelo Reitor-Mor na carta "*por vós estudo*" (ACG 361). Devem-se ver nessa

perspectiva os encontros de responsáveis da formação intelectual das duas regiões da América e da região Ásia e Austrália, organizados pelo dicastério para a formação.

De 9 a 15 de agosto realizou-se em São Paulo o seminário continental para os responsáveis dos estudos de teologia das duas regiões da América. Participaram cerca de trinta irmãos representando 17 comunidades de formação teológica, 10 inspetoriais e 7 interinspetoriais. Para a mesma região, realizou-se, próximo a Caracas, de 1º a 7 de novembro, o seminário continental sobre os estudos do pós-noviciado. Os participantes eram uns quarenta, vindos de 27 comunidades de pós-noviciado. Existem no continente americano 4 centros salesianos de estudos teológicos e 18 centros salesianos de estudos "filosóficos". Outros centros de estudos são geridos em co-responsabilidade com dioceses ou outras congregações. Em alguns casos frequentam-se centros não salesianos com a presença de algum professor salesiano.

Realizaram-se na Ásia dois seminários durante o mês de setembro. Em Hyderabad de 15 a 19, para as oito Inspeções da Índia, e em Canlubang, próximo a Manila, de 22 a 26 de

setembro, com a participação dos responsáveis dos estudos de pós-noviciado e de teologia das Inspetorias da Ásia Leste. Na região Ásia e Austrália existem 17 comunidades de pós-noviciado e 11 centros salesianos de estudo; 10 comunidades de teologia e 4 centros salesianos de estudos teológicos.

Os seminários deram ao Conselheiro para a formação a possibilidade de tomar contato com a realidade formativa de algumas Inspetorias: visitas a comunidades de formação, encontro com Conselhos Inspetoriais e com formadores, etc. Isso foi possível, por exemplo, nas Inspetorias do Brasil-Recife (5-8 de agosto), Japão (29 de setembro), Venezuela (30-31 de outubro), México-México (8-11 de novembro), México-Guadalajara (12-14 de novembro).

Continuou-se no dicastério a reflexão sobre a revisão da "Ratio - FSDB", enquanto são esperadas as contribuições das Inspetorias, e sobre a organização do estudo da questão "perseverança e abandonos".

No início de outubro, o Conselheiro tomou contato com algumas das comunidades internacionais de irmãos que estudam em Roma.

No final de novembro já tinham chegado ao dicastério a

maior parte dos planos inspetoriais para a qualificação do pessoal, pedidos pelo Reitor-Mor.

O Conselheiro para a Pastoral Juvenil

Em 7 de agosto, o Conselheiro para a Pastoral Juvenil parte para a Índia a fim de participar de diversos encontros da Pastoral Juvenil: 9-10 de agosto, em Nitika-Dom Bosco (Calcutá), encontro da Comissão Nacional de Pastoral Juvenil que prepara o projeto nacional de animação pastoral para o próximo triênio; 11-17 de agosto, na mesma sede, animação do Curso de formação para Delegados e membros das equipes inspetoriais de pastoral juvenil, com a participação de 46 SDB e FMA; 18-19 de agosto, com os mesmos Delegados e os encarregados inspetoriais das escolas e Centros Profissionais das Inspetorias SDE e FMA da Índia. Nesta reunião predispõe-se uma proposta de trabalho para as Inspetorias, em vista da preparação de um encontro nacional sobre a escola salesiana no próximo ano.

Depois de participar em Roma das reuniões intermédias do Conselho Geral, o P. Antonio Domenech com um membro do Dicastério anima três cursos de formação para Delegados das

equipes inspetoriais de Pastoral Juvenil: 13-18 de setembro em Montreal, para as Inspetorias dos Estados Unidos e Canadá; 20-26 de setembro em Guadalajara (México) para as Inspetorias do México, América Central, Antilhas e Venezuela; 27 de setembro a 3 de outubro, em Cumbayá (Equador) para as Inspetorias da Colômbia, Equador, Peru e Bolívia. Durante esses cursos são aprofundados os conteúdos do livro sobre a Pastoral Juvenil, elaborado pelo Dicastério, e buscam-se caminhos de sua aplicação às diversas realidades.

Em 5 de outubro, o Conselheiro começa a *Visita Extraordinária*, em nome do Reitor-Mor, à Inspetoria de *Porto Alegre* (Brasil), que o empenha até o dia 25 de novembro.

Durante a visita participa também do encontro sobre as escolas salesianas do Brasil, em que se estuda a sua situação e se procuram vias de coordenação e colaboração na animação desse importante setor da atividade pastoral no Brasil.

No retorno a Roma, participa nos dias 5-6 de dezembro em Sanlúcar (Espanha) do en-

contro nacional das Paróquias, desenvolvendo o tema principal: *Terceiro milênio e evangelização. Contribuição das paróquias confiadas aos Salesianos*. De 7 a 11 de dezembro anima com o VIS o *Primeiro Meeting Internacional sobre meninos de rua*, que reúne em Roma quase 100 salesianos e leigos que trabalham com esse tipo de obra no mundo todo.

Em nome do Conselheiro, outros membros do Dicastério participaram do segundo encontro dos encarregados inspetoriais do setor escolas e centros profissionais do "Mesoamerica" (Queretalo, México, de 6 a 9 de agosto) e do grupo Andino (Quito, Equador, de 12 a 14 de agosto). De 20 a 24 de setembro, a convite do Pontifício Conselho para os Leigos, o Dicastério esteve presente em Paderborn (Alemanha) no terceiro Encontro Europeu de Pastoral Juvenil, com uma FMA e dois jovens do MJS. Enfim, de 9 a 12 de outubro, o Dicastério participou em Campo Grande (Brasil) do VII Seminário de pastoral do menor em perigo, sobre o tema: *Família Salesiana que atua ao lado dos jovens em situação de necessidade especial*.

*O Conselheiro para a
Família Salesiana
e a Comunicação Social*

I. FAMÍLIA SALESIANA

Os *trabalhos ordinários* do dicastério, no período agosto-novembro de 1998, foram:

- preparação do encontro dos VOLUNTÁRIOS COM DOM BOSCO no próximo mês de dezembro, em Roma, após sua aprovação eclesial e salesiana, como Associação pública de fiéis, em vista de vir a ser um Instituto Secular;
- aplicação das conclusões da assembléia mundial dos EX-ALUNOS à vida das Uniões locais, que resultam ser as mais necessitadas de apoio e animação;
- tradução operativa para os Centros locais e Inspetorias das indicações surgidas na consulta mundial de julho da ASSOCIAÇÃO DOS COOPERADORES SALESIANOS: autonomia da associação, formação, organização da economia;
- estudo para a realização de um encontro mundial dos assistentes regionais das VOLUNTÁRIAS DE DOM BOSCO, a realizar-se em 1999.

Continuaram-se, também, as iniciativas previstas pela **programação: encontros regionais** com os responsáveis da Família Salesiana:

1. em SÃO PAULO, Brasil, dias 21-23 de setembro, com a participação de todas as Inspetorias do Brasil;
2. em CÓRDOBA, Argentina, dias 25-27 de setembro, com a participação de todas as Inspetorias do Cone Sul;
3. em MADRI, Espanha, dias 20-22 de outubro, com a participação de todas as Inspetorias da Europa Oeste.

Foram convocados: os delegados inspetoriais para a Família Salesiana, os delegados nacionais e inspetoriais dos cooperadores, os delegados nacionais e inspetoriais dos Ex-alunos, os assistentes eclesialísticos regionais das Voluntárias de Dom Bosco e os animadores (para utilizar uma terminologia ampla que se possa referir a todos) dos demais grupos da Família Salesiana com organização nacional e inspetorial.

Os encontros ocuparam três dias inteiros:

- Os **temas** foram sobre:
 - o CONJUNTO da Família Salesiana: uma **perspectiva** a ser desenvolvida no in-

terior da vida e da organização de cada grupo, como contribuição particularmente cuidadosa devido à presença do salesiano delegado, assistente, animador;

- a **ESPIRITUALIDADE** da Família Salesiana: uma **condição** indispensável para o crescimento em comunhão de todos os grupos. Cuidou-se particularmente da reflexão sobre a espiritualidade, como brota dos textos fundamentais dos grupos dos Cooperadores, dos Ex-alunos e do Conjunto;
- a **ORGANIZAÇÃO** da Família Salesiana: um **COMPROMISSO** que deve ser assumido de forma mais eficaz para garantir, além do desenvolvimento dos grupos e do conjunto, a continuidade nas mudanças que se verificam ordinariamente, não só por parte do salesiano, mas também dos próprios leigos.

As **urgências** que surgiram se referem particularmente a dois âmbitos:

- do **conhecimento** mais aprofundado dos diversos grupos e da sua originalidade, para ser um serviço eficaz ao crescimento das pessoas e grupos;

- da **espiritualidade salesiana** vivida em cada grupo, para ajudar cada um a reapropriar-se de afirmações e conteúdos típicos do espírito de Dom Bosco.

Merecem menção particular, alguns **encontros**: a visita à Rússia e Lituânia, a Aleppo (Síria), a Lanusei (Sardenha), a Córdoba e Buenos Aires (Argentina), a Manila: foram úteis os encontros com os jovens irmãos. Interessante os inícios das VDB na Rússia.

A reunião de toda a Família Salesiana da **Venezuela** teve um desenvolvimento original, com a duração de três dias inteiros. Encontraram-se numerosos representantes dos vários grupos da Família Salesiana (cerca de 150 pessoas de 10 grupos diversos, com a presença também dos jovens irmãos - noviços, pós-noviços e teólogos - e das jovens irmãs - noviças e junioristas - para uma reflexão aprofundada sobre a **CARTA DE COMUNHÃO**.

Foi um trabalho muito interessante para todos, porque buscaram suas raízes na Carta e as possibilidades de desenvolvimento nela contidas.

O encontro foi concluído no Templo nacional dedicado a Dom Bosco, em Altamira.

II. COMUNICAÇÃO SOCIAL

Os vários setores do dicastério trabalharam em vista da realização do **programa** do Reitor-Mor e do Conselho.

- Setor FORMAÇÃO E ANIMAÇÃO

Concluiu-se um subsídio de formação à comunicação social e trabalha-se no momento em coletar os documentos das “Jornadas Mundiais de Comunicação Social”.

- Setor INFORMAÇÃO

Além dos produtos ANS, pensou-se na preparação do encontro mundial com os diretores do Boletim Salesiano.

- Setor EMPRESAS

Foi repensado o “Projeto Fusagasugá”, para o qual é previsto um relançamento nos vários âmbitos da presença salesiana em comunicação social.

Foram realizados os seguintes **encontros regionais**, segundo o calendário da programação:

1. em BOMBAIM, dias 25-27 de agosto, durante a reunião da Conferência das Inspetorias Salesianas da Índia, com a participação do Conselheiro Regional, P. Joaquim D’Souza;
2. em BUENOS AIRES, dias 29 de setembro – 1º de outu-

bro, durante a reunião da Região Cone Sul, com a participação do Conselheiro Regional, P. Helvécio Baruffi;

3. em CARACAS, dias 12-14 de outubro, durante a reunião da Região Interamericana, com a participação do Conselheiro Regional, P. Pascual Chávez;
4. em ROMA, dias 3-5 de outubro, durante a conferência das Inspetorias Salesianas da Itália, com a presença do Conselheiro Regional, P. Giovanni Fedrigotti.

Os **participantes** do encontro vinham com experiências e qualificações diferentes. Estavam presentes: o Conselheiro Regional, os Inspetores da região interessada, o delegado inspetorial da comunicação social e o delegado nacional (para as regiões que têm também uma organização nacional), o diretor do Boletim Salesiano ou os diretores dos Boletins Salesianos, quando a reunião tinha a participação de vários Países, o diretor editorial (para as Inspetorias que têm editoras), outros irmãos cuja participação, a juízo de cada Inspetor, era útil.

Os **conteúdos** foram desenvolvidos durante três jornadas:

1. PRIMEIRA jornada: estudo da situação da comunicação na área de presença salesiana. Foram envolvidos especialistas, profissionais e leigos da região;
2. SEGUNDA jornada: reviu-se a resposta salesiana ao influxo e influência da comunicação social no território de vida e ação. O ponto de referência foi o CG24;
3. TERCEIRA jornada: dedicada à perspectiva operativa em vista do próximo futuro, levando em conta tanto os conteúdos sobre os quais intervir, como a organização a ser prevista.

As *conclusões* evidenciaram:

- a necessidade de uma organização do setor, que torne a Comunicação Social mais significativa nas Inspetorias, colhendo as diversas ocasiões para utilizá-la da melhor forma no trabalho salesiano;
- a urgência de pensar, no interior do plano inspetorial da formação do pessoal, em irmãos salesianamente vivazes e profissionalmente preparados, que assumam a animação nas Inspetorias;

- caminho indispensável de convergência, que é preciso criar, entre os vários meios da comunicação social numa Inspetoria, mas também entre as forças das Inspetorias vizinhas ou da mesma área cultural.

O Conselheiro manteve outros **encontros** com jovens irmãos em primeira formação, com diretores de comunidade e com Conselhos Inspetoriais em várias regiões. Recordam-se entre os encontros mais significativos, os da Rússia, Argentina, Venezuela e Filipinas. Valorizou-se a presença nas Inspetorias, também por motivos diferentes, para introduzir o tema da comunicação social.

O Conselheiro para as Missões

Concluída a sessão de verão das reuniões do Conselho Geral, o P. Luciano Odorico foi ao Quênia, para uma visita de animação missionária e orientação sobre a práxis missionária. Visitou as missões de Nzaikoni, Makuyu, Siakago, Embu, e inaugurou a nova sede do “Savio Centre” de Nairobi, para meninos de rua. Acompanhado pelo Inspetor da África Leste, foi também a Uganda em visita às

missões de Kamuli e Bombo.

Como conclusão da visita percebeu a significativa consolidação das estruturas, dos projetos pastorais, do crescimento das vocações locais e da urgência da primeira evangelização.

O Conselheiro foi em seguida, no dia 5 de agosto, à Índia, para a *Visita Extraordinária à Inspeção de Mumbai* (INB). Não é obviamente possível, nesta sede, fazer a crônica da visita em suas várias etapas, mas parece oportuno sublinhar algumas impressões mais salientes, colhidas durante a visita, sobre a Inspeção e sua missão:

- a enorme extensão geográfica (5 Estados);
- o inteligente e dinâmico trabalho de promoção, educação e evangelização nos diversos contextos;
- a preocupação peculiar com a formação inicial e permanente;
- a preocupação específica pelas missões e pela marginalização.

A visita prolongou-se de 6 de agosto a 31 de outubro, e teve início e conclusão na Basílica dedicada a Maria Auxiliadora de Matunga, Mumbai.

No final de setembro, 20-28, o P. Odorico interrompeu a Visita e fez uma rápida viagem a

Roma para acompanhar os missionários que partiam. O curso e a peregrinação culminaram com a entrega do Crucifixo e o envio missionário celebrado em Turim, na Basílica de Maria Auxiliadora, em 27 de setembro. O próprio P. Odorico presidiu esta 128ª Expedição Missionária, que compreendia 24 Salesianos, 7 FMA e 5 candidatos Voluntários. Os Países de origem eram 17 e 15, os de destinação. Entre os missionários, alguns eram destinados à China, mas por motivos evidentes não se fornecem ulteriores informações.

De 2 a 5 de novembro, o Conselheiro para as Missões visitou a missão salesiana de Tetero, Ilhas Salomão, que pertencem à Inspeção do Japão. O início foi bom e favoreceu as atividades estritamente missionárias paroquiais, juvenis e as experiências de Voluntariado.

De 6 a 16 de novembro, fez uma visita missionária, acompanhado do Inspetor de Manila, às 7 presenças de Papua Nova Guiné. Constatou o significativo desenvolvimento:

- das estruturas,
- da animação vocacional e missionária,
- do início do pré-noviciado e do aspirantado,
- e do crescente interesse em vista de um serviço adequado

do de educação dos jovens ao trabalho.

Os Bispos pedem uma maior expansão, que dependerá do aumento do pessoal (atualmente os Salesianos são 31).

Em Manila, Filipinas, o Conselheiro fez uma breve relação ao Conselho Inspetorial e presidiu uma reunião da Comissão de Animação Missionária. O interesse missionário nessa Inspetoria está verdadeiramente em crescimento, não só em vista de Papua Nova Guiné, mas também das outras missões da Congregação.

Em 25 de novembro, o P. Odorico retornou a Roma. Não lhe foi possível ir à Mongólia para uma visita de exploração.

O Ecônomo Geral

O primeiro compromisso do Ecônomo Geral, após a conclusão da sessão plenária do Conselho Geral, foi a pregação dos Exercícios Espirituais a um grupo de irmãos salesianos da Inspetoria de New Rochelle, na casa de espiritualidade de West Haverstraw, Stony Point, de 2 a 8 de agosto. Aproveitando a circunstância, o P. Mazzali fez também uma rápida visita à casa inspetorial de San Francisco para algumas questões financei-

ras e legais. Tanto em New Rochelle como em San Francisco, nos breves retalhos de tempo disponível, foi-lhe possível visitar algumas comunidades e encontrar os Conselhos Inspetoriais das duas Inspetorias.

Após a festa da Assunção, nos dias 21 e 22, participou do "Capítulo Jovens" da Inspetoria Ligure-Toscana com uma intervenção sobre o envolvimento e co-responsabilidade dos jovens no apostolado juvenil. Foi, em seguida, a Cesana (montanha nas proximidades de Turim) onde, de 23 a 29 de agosto, animou um acampamento de jovens cooperadores e famílias sobre temáticas do Holocausto e da Encíclica *Dies Domini*. Na semana posterior, de 30 de agosto a 5 de setembro, o P. Mazzali dirigiu a décima segunda edição do acampamento do Oratório Dom Bosco de Sangano (Turim), na casa salesiana de Col di Nava (Ímola).

Retornando a Roma, participou da sessão intermédia do Conselho Geral e, imediatamente depois, passou uma semana de repouso em família.

As semanas sucessivas foram dedicadas à administração ordinária, à presença junto à SEI e, particularmente, ao encaminhamento operativo dos

projetos de reestruturação do "Salesianum", UPS e Testaccio. Foram freqüentes, no período, os contatos, no Colle Don Bosco, com o pintor Mario Bogani e com o mosaicista Bernasconi, para a definição dos projetos de mosaicos a serem realizados exteriormente ao Templo de Dom Bosco.

De 20 a 31 de outubro, o P. Mazzali fez uma visita às Inspetorias de Manaus e de Recife, Brasil, ocupando-se sobretudo, em diálogo com os responsáveis, da situação econômica e financeira dessas Inspetorias, e visitando algumas obras, nos restritos limites de tempo.

Em 6 de novembro, junto à Direção Geral das Filhas de Maria Auxiliadora, em Roma, celebrou a eucaristia que dava início ao curso para ecônomas inspetoriais vindas do mundo todo.

Em seguida, de 8 a 19 de novembro, o P. Mazzali visitou, com um ritmo muito intenso de transferências, boa parte das presenças e obras salesianas da Circunscrição Leste, encontrando comunidades e irmãos, e entretendo-se, sobretudo com o Conselho Inspetorial, sobre a situação financeira, os projetos em desenvolvimento e os projetos futuros nas várias nações.

O Conselheiro regional para a África e Madagáscar

Depois de alguns dias de repouso em família, o P. Antonio Rodríguez Tallón, Conselheiro para a África e Madagáscar, parte, no dia 4 de agosto, para a República da Guiné (Conacri) onde visita, pela primeira vez, as três presenças salesianas (Conacri: tipografia; Kan Kan: escola profissional; Siguiri: centro missionário), compartilhando com os irmãos projetos e expectativas de futuro.

No dia 24 do mesmo mês vai a Serra Leoa, visitando também pela primeira vez, devido aos acontecimentos políticos que não lhe tinham permitido diversamente, as presenças de Lungui (paróquia, escola primária e secundária e centro profissional em seus inícios) e as atividades com os meninos de rua de Freetown.

Deve cancelar a breve permanência que tinha prevista na Libéria, devido ao atraso nos vôos de Freetown. Já conhecia a atividade salesiana naquele País.

Em 31 de agosto vai a Abidjan (Costa do Marfim) e, em 3 de setembro, à Etiópia para participar do início da *Visitadoria*, constituída pelo

Reitor-Mor, unindo Etiópia e Eritréia. Participa, no dia 7, da reunião dos diretores e, à noite, preside o ato de início da Visitadoria *Maria Kidame Meheret* (“Maria Pacto de Misericórdia”), denominação muito antiga e cara na Etiópia. Dedicada a semana seguinte à visita das casas de Dilla, Zway e Adis-Abeba.

No dia 15 de setembro vai a *Moçambique* para receber o Reitor-Mor e acompanhá-lo em sua primeira visita às obras salesianas naquele País e em Angola. Em Moçambique celebra com os irmãos a *Festa do Reitor-Mor* e acompanha-o nas visitas de animação às diversas casas do sul do País.

Sucessivamente, acompanha o Reitor-Mor também na visita de animação às obras de Angola. Detém-se no País alguns dias a mais para conhecer também a obra de Benguela, recentemente iniciada.

Participa, nos dias 2-3 de outubro, da reunião de todos os Inspetores e Superiores de Circunscrições da África de língua francesa e dos Delegados de Angola e Moçambique, que acontece em Libreville (Gabão). A reu-

nião tem como finalidade iniciar a preparação da “Visita de Conjunto” desta parte da Região, prevista para fevereiro de 2000. Apesar das dificuldades na República Democrática do Congo (RDC), podem participar todos os convocados.

Logo depois do encontro, o Conselheiro vai ao Malauí para iniciar a *Visita Extraordinária à Circunscrição Especial ZMB*, que compreende o Malauí, Namíbia, Zâmbia e Zimbábue. Os dias 4 de outubro a 21 de novembro foram dedicados à visita das casas dos quatro países. Em 20 de novembro reúne-se com o Superior da Circunscrição e seu Conselho para compartilhar as primeiras impressões sobre a visita feita.

A última semana de permanência do Regional na África foi dedicada ao Egito, para visitar, também neste caso pela primeira vez, as três comunidades e obras salesianas: Cairo, escola profissional; Cairo-Zeitun, casa de acolhida vocacional; Alexandria do Egito, colégio e escola profissional.

Em 28 de novembro retorna a Roma para as sessões plenárias do Conselho Geral.

*O Conselheiro para a
Região América Latina –
Cone Sul*

Logo após as reuniões do Conselho Geral, o Conselheiro para a Região América Cone Sul, participou nos dias 25-27 de julho da reunião da *CISBRASIL*, realizada em São Paulo, em que foram submetidos à revisão os encontros interinspetoriais, foi aprovado o Plano Interinspetorial de Formação para o período 1999-2000 e foram planejados os futuros encontros de formação permanente. Toda uma jornada foi dedicada à reunião conjunta da *CISBRASIL* (Salesianos) e *CIB* (Filhas de Maria Auxiliadora), em que foi aprovado o *Plano de Ação Conjunta* a ser realizado nos próximos anos.

O Regional realizou, em seguida, de 1º de agosto a 18 de setembro, a *Visita Extraordinária à Inspeção do Uruguai*, passando por todas as comunidades. Além do encontro pessoal com cada irmão, reuniu-se com o Conselho Inspetorial, com os diretores e párocos, e com diversos grupos da Família Salesiana.

Sucessivamente, de 19 de setembro a 21 de novembro, fez a *Visita Extraordinária à Inspeção Nossa Senhora do Rosário*,

Argentina. Sendo em coincidência com o término do mandato do atual Inspetor, foram realizados durante a *Visita*, cinco retiros de discernimento, em cinco diversas partes da Inspeção, com a participação quase total dos irmãos, para ajudar na indicação dos nomes a serem propostos ao Reitor-Mor em vista da nomeação do novo Inspetor.

Em Ramos Mejía, de 28 de setembro a 2 de outubro, o P. Baruffi participou do Encontro sobre a comunicação, organizado pelo dicastério da comunicação social. Além dos Inspetores estavam presentes os encarregados inspetoriais do setor da comunicação. Em seguida, o Regional presidiu a reunião da *CISUR* para a revisão do programa interinspetorial de formação permanente e para a programação de 1999. Um tempo substancial foi dedicado à preparação da próxima “*Visita de Conjunto*”. Os Inspetores da Argentina reuniram-se, também, para tratar alguns assuntos específicos, como o início da Procuradoria argentina, o noviciado, a nomeação dos responsáveis da animação de setores de âmbito nacional.

Em Cachoeira do Campo, nos dias 7-11 de outubro, o Regional participou da segunda reunião anual da *CISBRASIL*.

Entre os temas da ordem do dia, a preparação da próxima Visita de Conjunto, programada para abril de 1999 em Campo Grande, a aprovação do Plano de formação permanente para os salesianos e o estudo de um estatuto para a criação da entidade jurídica CISBRASIL. Foram também revistos os encontros feitos e deu-se encaminhamento aos próximos.

O Regional participou, no dia 10, do sétimo seminário da Família Salesiana sobre o menor, com o tema: *Juntos para o novo Milênio, na contramão da exclusão*, organizado pela Inspeção de São João Bosco com a participação de 119 educadores SDB e FMA, cooperadores e ex-alunos. Participaram nove Inspeções, inclusive as da Argentina, Uruguai e Paraguai.

Após o final da Visita à Inspeção de Rosário, o P. Baruffi celebrou o seu 25º de sacerdócio na terra natal, retornando no mesmo dia a Roma.

O Conselheiro para a Região Interamérica

Após a reunião do Conselho Geral, o Conselheiro para a Região Interamérica passou um dia no pós-noviciado de Guada-

lajara, México, onde aconteceu a troca do diretor.

Em seguida foi à *Inspetoria da Bolívia* para orientar o processo de discernimento comunitário em vista da nomeação do novo Inspetor. Encontrou-se, nos dias 3-8 de agosto, com todos os irmãos em três sedes: Santa Cruz, Cochabamba e La Paz. Aproveitou a visita a Cochabamba para encontrar-se com os irmãos das casas de formação: pré-noviciado, pós-noviciado e teologado, que mudava de sede.

Visitou nos dias 9-13 do mesmo mês a *Inspetoria das Antilhas*, particularmente os irmãos de Porto Rico com os quais manteve uma jornada de encontro, por ocasião da celebração dos 50 anos da chegada dos Salesianos àquela ilha, e com os irmãos de Santo Domingo, onde reuniu-se com o Conselho Inspeccional, com os formandos e com os participantes dos exercícios espirituais em Jarabacoa.

Em seguida, o Regional foi aos Estados Unidos para uma *visita de animação às duas Inspeções* (14-21 de agosto). Em Los Angeles, recebeu no dia 14, a profissão perpétua de três salesianos da Inspeção de San Francisco e, no dia seguinte, a primeira profissão dos noviços, dois de San Francisco e três de

New Rochelle. Reuniu-se com o Conselho Inspetorial SUO e com os dois Inspectores.

Passou, depois, uma jornada em Chicago, para visitar a comunidade que está levando avante a nova presença em favor dos hispânicos, avaliando juntos a experiência iniciada. Visitou nos dias seguintes as duas comunidades de Ramsey e de Paterson, nova sede do pós-noviciado, reuniu-se com a comunidade da Procuradoria das Missões e com o Conselho Inspetorial.

Promoveu, também na Inspeção da *América Central*, a *consulta para a nomeação do novo Inspetor* (23-30 de agosto), passando em cada um dos países que compõem a Inspeção, onde reuniu-se com todos os irmãos. Em El Salvador visitou os irmãos Coadjuutores que fazem a experiência de formação no CRESCO.

De 3 de setembro a 21 de novembro, o Regional realizou a *Visita Extraordinária à Inspeção do Equador*. Durante os dois meses e meio pôde constatar a riqueza da presença salesiana naquela Inspeção, que conta com obras muito significativas: missões na Amazônia e na região andina, onde se faz um relevante trabalho no campo da

inculturação, promoção humana e educação intercultural bilíngüe; presença no mundo afro-equatoriano; trabalho com os meninos de rua; Editoras: de livros de texto, de antropologia aplicada e de material catequético; enfim, o desenvolvimento da "Universidade Politécnica Salesiana", com várias sedes e "campus".

A visita à Inspeção do Equador foi intercalada com a *reunião dos Inspectores da Região*, em Los Teques, Venezuela, nos dias 11-18 de outubro. A primeira parte da reunião, 11-14, foi dedicada à Comunicação Social, com a coordenação do Conselheiro para a Comunicação Social, P. Antonio Martinelli, e seu dicastério. Participaram dessas jornadas os responsáveis do Boletim Salesiano de cada Inspeção e os representantes dos diversos setores da Comunicação Social.

A segunda parte da reunião foi centrada nos temas da Região, a começar da situação pessoal dos Inspectores, a preparação da "Visita de Conjunto", a informação sobre os centros de formação da Região, a presença missionária na África, as conclusões das jornadas sobre comunicação social, materiais sobre a formação dos leigos, o processo

de constituição de “sub-regiões”, a apresentação dos projetos operativos inspetoriais e a revisão da programação da Região.

A visita à Inspetoria do Equador foi concluída com alguns dias de exercícios espirituais para os diretores e com a apresentação oficial da relação final.

Na última semana de novembro, o Regional esteve em Guadalajara, onde participou das duas jornadas conclusivas do curso de formação permanente para os Salesianos da Região, celebrando, também, com os companheiros de ordenação, os seus 25 anos de sacerdócio salesiano.

Outras atividades organizadas em nível regional ou continental, em coordenação com outros Conselheiros, são por eles apresentadas em suas crônicas: os seminários sobre a formação intelectual no pós-noviciado e no teologado, que aconteceram respectivamente em Caracas e São Paulo, e os cursos para os delegados inspetoriais da Pastoral Juvenil realizados em Montreal, Guadalajara e Cumbayá.

Em 30 de novembro, o P. Pascual Chávez retornava à Casa Geral para o período invernal de Conselho.

O Conselheiro para a Região Austrália – Ásia

Após a sessão de verão do Conselho Geral, o Regional foi a Nova York, a convite do Inspetor P. Patrick Angelucci, para pregar um curso de Exercícios Espirituais aos irmãos da Inspetoria dos Estados Unidos Leste, uma das iniciativas da Inspetoria por ocasião da celebração centenária da presença salesiana naquele País.

Concluídos os Exercícios, o Conselheiro retornou à sede de Roma para, em seguida, ir às Filipinas, onde promoveu a consulta para a nomeação do novo Inspetor da Inspetoria Filipinas Norte.

No final de agosto, o P. D’Souza foi a Mumbai para a reunião do Conselho Executivo da Conferência Inspetorial Indiana (SPCI), na qual, entre outras coisas, discutiu-se sobre a próxima festa do Reitor-Mor que se fará em Shillong no final de fevereiro de 1999. Em seguida, o Regional participou, com os Inspetores da Índia, dos três dias de Comunicação Social (25-27 de agosto), organizados pela Comissão Nacional de Comunicação Social (*BOSCOM Índia*) sob o impulso do Dicastério da Comunicação Social. Participou

também da reunião do Conselho para a Comunicação Social e Família Salesiana P. Antonio Martinelli e sua equipe.

O Regional foi, nos inícios de setembro, ao Nordeste da Índia, para iniciar no dia 2 a *Visita Canônica Extraordinária à Inspeção de Dimapur*. Visitou as 41 casas e presenças espalhadas por 4 Estados da região, e encontrou-se com os 204 irmãos da Inspeção. Retornando a Roma, o P. Joaquin D'Souza fez uma breve escala de dois dias em Nova Délhi, para encontrar o Secretário da Conferência Inspeccional Indiana e a equipe nacional de Pastoral Juvenil em sua nova sede. Passou também uma semana no pós-noviciado de Nashik, Inspeção de Bombaim, antes de retornar à sede romana para a sessão de inverno.

O Conselheiro para a Região Europa Norte

O Conselheiro Regional presidiu, nos dias 5-8 de junho na sede de Roma, o encontro dos Inspectores das cinco Inspeccionalas da Região Europa Norte: CEP, CRO, SLK, SLO, UNG. O encontro tinha como objetivos: definir os objetivos para uma colaboração mais estreita entre as Inspeccionalas; ressaltar as ati-

vidades comuns existentes no âmbito dos cinco dicastérios; estabelecer os ambientes de colaboração a serem melhorados; definir estratégias e intervenções para o desenvolvimento; fixar temas e datas para os futuros encontros, particularmente determinar o tema e o itinerário de preparação do próximo encontro. Foi constituído o novo Conselho CIMEC (Conselho "Cirilo e Metódio"), do qual fazem parte o Regional P. Albert Van Hecke como presidente, os Inspectores das cinco Inspeccionalas, o secretário P. Marian Stempel.

Nos dias 13-15 de junho, o Regional acompanhando o Reitor-Mor e outros hóspedes de Roma, participou em Oswiecim (PLS) das celebrações do centenário da presença salesiana na Polônia. Antes das celebrações deu-se o encontro do Reitor-Mor com os Inspectores da Polônia, no qual se tratou das urgências imediatas, de problemáticas concretas e da perspectiva missionária em vista do terceiro milênio. A celebração do centenário reuniu perto de 4 mil pessoas entre Salesianos, FMA, membros da Família Salesiana e jovens. Foi uma celebração muito sentida, com forte sentido de solidariedade na memória da mesma celebração.

O Regional retornou à Polônia, Swobnica (noviciado de PLN), nos dias 27-29 de junho, onde presidiu a celebração da vestidura de 16 noviços, e em Twardogóra (PLO) onde participou da posse do novo Inspetor de Wrocław P. Franciszek Krason.

Em 24 de julho P. Van Hecke vai à Bélgica onde, em Hecthel (Bélgica Norte) participa do encerramento do *Euroforum*, encontro do qual participaram 900 jovens de 14 países da Europa, com o tema: *O movimento educativo ao redor de Dom Bosco "pelos jovens e com os jovens", companheiro qualificado na construção da Europa.*

Vai à Alemanha nos dias 1º-22 de agosto para freqüentar um curso de língua alemã. Encontra-se nos dias 14-15 em Jünkerath, onde participa das primeiras profissões dos noviços e da renovação dos votos de alguns jovens irmãos.

Em seguida, por uma semana – 23-29 de agosto – está em Moscou, onde entre outras coisas, com o Conselho Inspetorial, faz uma revisão da Visita Extraordinária na Circunscrição do LESTE, realizada no ano passado. Em Oktiabrskij, noviciado da Circunscrição, preside a celebração das profissões religiosas dos noviços e da renovação

dos votos de outros irmãos.

O Regional transcorreu o período 29 de agosto–11 de setembro na sede de Roma. Participou, nos dias 7-11, da sessão intermédia do Conselho Geral, dedicada ao estudo do setor Leste da Região Europa Norte.

Após a sessão intermédia, passa os dias 11 a 14 de setembro em Lviv, Ucrânia, para uma breve visita de animação entre os irmãos de rito bizantino e latino. Em seguida, 18-20 de setembro, está na Eslováquia para participar da festa dos jovens em Zilina: 4.300 jovens presentes. Aproveitou a ocasião para um encontro com o Conselho Inspetorial.

Sucessivamente, na Inspetoria da Holanda, de 21 a 25 de setembro, faz uma visita de animação entre os irmãos e encontra-se com o Conselho Inspetorial e vários grupos de leigos envolvidos na missão salesiana.

Vai novamente à Polônia, onde preside, de 26 a 30 de setembro, em Szczyrk, o Conselho das Inspetorias Polonesas. Entre os vários temas, tratou-se particularmente da constituição da Federação das Escolas Salesianas da Polônia, do Boletim Salesiano em língua polonesa, da preparação da Visita de Conjunto, marcada para Czestochowa nos dias 5-9 de ou-

tubro de 1999, com o tema escolhido pelas Inspetorias: *A Espiritualidade Salesiana na Igreja polonesa*. Tratou-se, também da constituição da Comissão Interinspetorial de Formação e da proposta de elaborar um Diretório Inspetorial (R 87). Foi também aprovado o Regulamento do Conselho dos Inspetores da Polônia e constituída a Sessão Polonesa dos Cultores de História Salesiana com sede em Lublin.

Transcorridos os primeiros dias de outubro na sede de Roma, o Regional iniciou em 4 de outubro a *Visita Extraordinária à Inspetoria da Alemanha Sul, com sede em Munique*. Entre os vários encontros havidos durante a Visita destacam-se: a reunião do Curatorium de Benediktbeuern, em 17 de outubro; a participação na ordenação dos cinco diáconos das Inspetorias da Alemanha e da Áustria; a participação no encontro dos dois Conselhos inspetoriais (GEK e GEM); a participação no 1º Congresso dos Ex-alunos/as da Alemanha, realizado em Munique no dia 28 de novembro.

Em 28 de novembro, o Regional retornava à sede de Roma.

O Conselheiro para a Região Europa Oeste

O Conselheiro Regional para a Europa Oeste viajou na tarde de 24 de julho para iniciar, no dia seguinte, festa de São Tiago Apóstolo, uma visita de animação às comunidades da Inspetoria de Bilbao. São numerosas as colônias de férias e acampamentos de verão, organizados nessa época na Inspetoria, promovidos pela Delegação Inspetorial de pastoral juvenil e pelas casas. É interessante ver que são sempre mais aproveitadas essas atividades de tempo livre como espaço educativo e pastoral e que se dê sempre mais importância aos aspectos explicitamente formativos e à proposta religiosa.

O Regional passa depois a primeira semana de agosto em visita a algumas obras da Inspetoria de León, sobretudo na região da Galícia. Tanto em Bilbao como em León encontra-se com os irmãos, aproveitando os cursos e exercícios espirituais em andamento.

Em 16 de agosto o P. Filiberto Rodríguez recebe as primeiras profissões de todos os noviços da Espanha, em Sanlúcar La Mayor. Desde tempos imemoráveis, este é o primeiro ano em que houve apenas

um noviciado na Espanha. Aproveita a ocasião para encontrar-se com os representantes de todas as Inspetorias, com o objetivo de definir melhor a co-responsabilidade de cada uma delas nas casas de formação em comum e particularmente na casa de Noviciado que, pelo menos em 1999, continuará a ser comum para todas as Inspetorias.

Depois de alguns dias em família, assiste na Inspetoria de Madri às *jornadas de programação* do novo ano, realizadas em três diversas regiões: Aranjuez, Moherando e Arévalo. Apresenta nessas jornadas a carta escrita pelo Reitor-Mor aos Inspetores de Portugal e Espanha.

Chega a *Valência* no dia 31 de agosto para iniciar a *Visita Extraordinária* à Inspetoria de “São José” (SVA), realizada segundo o programa previsto: conversações pessoais e comunitárias com os irmãos, encontros com os vários grupos da Família Salesiana, “bons-dias” a alunos, encontros e mensagens a professores, pais, conselhos paroquiais, conselhos dos oratórios e centros juvenis, etc. O Visitador pôde apreciar a boa organização da Inspetoria, o alto nível de conhecimento e assimilação dos documentos salesianos e diretrizes do Reitor-Mor, a criatividade em campo pastoral, a

vitalidade do associacionismo, a abertura das obras aos respectivos bairros, o crescente trabalho comunitário na pastoral vocacional, o envolvimento dos leigos em tarefas organizativas e diretivas, as interessantes iniciativas em campo formativo, que estão sendo levadas avante em todos os ambientes: salesianos, leigos, jovens... A Visita concluiu-se em 7 de novembro, depois de um encontro com o Conselho Inspetorial e com os Diretores das várias comunidades.

Nos dias 17-19 de outubro, o Regional participa em Madri (El Plantío) da *XLVIII Sessão da Conferência Ibérica*. Durante o encontro, foram inauguradas as reestruturações da “Casa Dom Bosco” e os novos locais destinados ao Centro Nacional de Pastoral Juvenil. Um dos principais temas da Conferência foi a preparação da *Visita de Conjunto* que acontecerá no próximo ano, em Santiago de Compostela.

Participa, no mesmo lugar – 20-22 de outubro – das *Jornadas sobre a Família Salesiana*, organizadas pelo Dicastério da FS para toda a Região. Presentes, com o Conselheiro para a Família Salesiana P. Antonio Martinelli e equipe do Dicastério, alguns Delegados Inspetoriais de grupos da Famí-

lia Salesiana da Bélgica, França, Portugal e Espanha.

Concluída a visita em Valência, o Regional vai à França, onde realiza algumas jornadas de *discernimento* para a nomeação do novo Inspetor da próxima única Inspeção, que se projeta para a França. No dia 9, prega um retiro de discernimento aos diretores de Lião, e no dia 10 para os de Paris.

Assiste no dia 13 a uma das habituais reuniões da *CIFO* que se dá em Farnières (Bélgica) e, nos dias 14-15 participa do *Encontro anual dos Conselhos Inspeccionais das três Inspeções de língua francesa*. As reuniões tinham também a finalidade de preparar a *Visita de Conjunto* que será única para toda a Região, em Santiago de Compostela. Para ambientar a reflexão valeu-se da ajuda do P. Schepens SDB, que desenvolveu o tema: *A vida religiosa e o carisma salesiano num mundo secularizado: situação, discernimento e perspectivas*, com uma apresentação clara e interessante. Seguiu-se uma reflexão rica e propositiva.

Em 16 de novembro o Regional parte para Lisboa. Tem um encontro com o Conselho Inspeccional e com os Diretores, reunidos em Fátima, e promove um exercício de discernimento

em vista da consulta para a nomeação do próximo Inspetor. Dedicada, depois, alguns dias à visita de várias casas da Inspeção de Portugal, procurando animar os irmãos na vida salesiana em sintonia com as orientações que o Reitor-Mor enviou às Inspeções de Portugal e Espanha.

Visita, no dia 25 de novembro, o estudantado teológico de Madri. Fala com os irmãos de Valência e apresenta-lhes as conclusões da Visita Extraordinária apenas concluída. Visita, no dia 26 as comunidades formadoras de Burgos, onde encontram-se os estudantes de filosofia das Inspeções de Portugal, Bilbao, Madri e León. Tanto em Madri como em Burgos apresenta aos irmãos de Portugal a consulta para a nomeação do novo Inspetor.

Em 28 de novembro, participa do início das celebrações do Centenário da casa de Segunto (Valência). Trata-se do primeiro centenário da presença salesiana naquela Inspeção. A celebração inaugural foi um ato muito sentido, solene e delicado ao mesmo tempo, no qual se procurou colocar em realce, com gratidão da parte de todos, o extraordinário trabalho realizado pelos salesianos neste século de vida em Valência, sobre-

tudo no campo da educação das classes mais necessitadas.

O Regional retornava a Roma no dia 29 de novembro para participar das reuniões do Conselho Geral.

O Conselheiro Regional para a Itália e Oriente Médio

O Regional da Itália e Oriente Médio P. Giovanni Fedrigotti participou, na segunda metade de agosto, de encontros nacionais e inspetoriais: 22-23 de agosto, em Belluno, encontro de formação para padres e coadjutores do “Quinquênio”; 25, em Roma, encontro de um grupo de FMA promotoras da revista juvenil *Primavera*, apresentando uma reflexão sobre o tema *A importância da imprensa no carisma salesiano*; 28 de agosto, Mestre, assembleia da Inspeção São Marcos de Veneza com uma reflexão e diálogo em preparação ao Capítulo Inspeção; 29, Roma São Tarcísio, encontro dos irmãos da área CISI em preparação à profissão perpétua; 31 de agosto, Roma-Villa Sora, assembleia inspeção da Inspeção de Roma, em vista do novo ano pastoral.

Inicia, no dia 2 de setembro, em nome do Reitor-Mor, a *Visita Extraordinária à Inspeção “San Zeno” de Verona* que

perdurará até 22 de novembro. Em 13 de setembro, Milão-Santo Ambrósio, encontra os jovens animadores da Inspeção Lombardo-Emiliana para o lançamento da proposta pastoral. Em 27-28 de setembro, Turim, participa durante o *Harambee*, da entrega do crucifixo aos missionários que partiam e do encontro da consulta missionária.

Em Roma-Pisana, 2 de outubro, participa do encontro do Reitor-Mor e seu Vigário com os dois Conselhos Inspeção de Verona e de Veneza, para revisão e avaliação do diálogo em curso, entre o Conselho Geral e as duas Inspeções IVE/IVO, sobre um itinerário progressivo de colaboração e convergência.

Em Roma-Sacro Cuore, 3-6 de outubro, participa da assembleia CISI sobre *Comunicação social*, promovida pelo homônimo dicastério e pelo setor nacional. Sublinha-se na Presidência da CISI, 6 de outubro, a urgência de uma maior colaboração entre CNOS-FAP e CNOS-ESCOLA. Dá início, em linha de máxima, ao *Plano de formação do pessoal diretivo das escolas salesianas*. Depois de amplo debate, decide-se atrasar de um ano a eventual aprovação do *Projeto qualidade escolas salesianas*. Escolhe-se o tema proposto pela CISI para a “Visita de

Conjunto” do ano 2000: *Animação vocacional na Itália, com atenção especial às vocações adultas e à vocação de coadjutor.*

18 de outubro, em Trieste, o Conselheiro representa o Reitor-Mor na conclusão das celebrações do centenário daquela obra. Dia 20, em Roma, na sede da CEI, participa do *Conselho Nacional da Escola Católica*. Dia 27, em Como-Salesianum, encontra o Capítulo Inspecorial da Inspecoria Lombardo-Emiliana para apresentar a consulta em vista da nomeação do novo Inspetor.

22 de novembro, em Monteortone, encontra o Capítulo Inspecorial da Inspecoria de Verona para a conclusão da vi-

sita extraordinária. De 23 a 27, em Roma-Sacro Cuore, preside o encontro nacional do setor de Pastoral Juvenil, que faz uma ampla revisão do panorama nacional, evidenciando alguns pontos e dimensões que precisam de uma consideração especial, como: equipe inspetorial de PJ, função da revista *Spazio animatori*, antecipação da aprovação do calendário das atividades de PJ, apoio e valorização pastoral das revistas *Dimensione* e *Mondo Erre*, presença de leigos salesianos nas associações para garantir o carisma, caminho do MJS, e relação entre secretaria nacional e secretaria inspetorial.

5.1 Estréia 1999

Apresenta-se novamente a Estréia do Reitor-Mor para 1999, inspirada no terceiro ano em preparação ao Jubileu de 2000.

O texto é o seguinte:

«**BENDITO SEJA DEUS,
PAI DE NOSSO SENHOR
JESUS CRISTO**» (Ef 1,3)
**VOLTEMO-NOS PARA ELE
COM AMOR DE FILHOS
PARA SERMOS COM OS
JOVENS CONSTRUTORES
DE SOLIDARIEDADE
FRATERNAL.**

5.2 Horizontes, atitudes e tarefas do diretor do Boletim Salesiano

Apresenta-se, na íntegra, a intervenção programática do Reitor-Mor aos diretores do Boletim Salesiano, reunidos no Instituto "Sacro Cuore" de Roma. Em sua in-

tervenção, o Reitor-Mor delinea a figura e as tarefas do diretor, mas também dá indicações daquilo que o Boletim representa para a Congregação e para a Família Salesiana, segundo o pensamento de Dom Bosco e no tempo que estamos vivendo:

Bom-dia a cada um de vós, com o sentido de bom trabalho e de resultados substanciais e duradouros para o Boletim Salesiano mundial, a partir das jornadas que estais vivendo. Congratulo-me com o P. Antonio Martinelli e seu Dicastério pela preparação desta reunião e pelas finalidades que pretende alcançar com ela.

Estamos vivendo uma espécie de rearticulação em vista do futuro. Com frequência ressoam algumas palavras que anunciam o cenário do terceiro milênio: *transversalidade, globalização, multimedialidade*. O desafio

do terceiro milênio pede-nos também que repensemos não poucas realidades. Entre elas o humilde instrumento que, todavia, é muito importante para a Congregação: o Boletim Salesiano.

1. Recordando pontos adquiridos

Abro a conversação recordando alguns pontos que, certamente, já tereis refletido, mas aos quais, é sempre interessante voltar novamente a atenção.

a. Importância do Boletim no projeto de Dom Bosco

O primeiro desses pontos é a importância que o Boletim teve no projeto de Dom Bosco. Existiram, na vida de Dom Bosco, momentos de fecundas intuições e, em seguida, longos tempos nos quais as intuições eram paciente-mente realizadas. Por exemplo, é de intuição e criação o momento em que o oratório lhe pareceu “o seu sistema e a sua obra”. Seguiram-se, depois, os longos tempos em

que o oratório tomou a sua forma completa. Podemos dizer o mesmo da Basílica de Maria Auxiliadora: ela foi preparada pela devoção a Nossa Senhora, presente desde os primeiros anos na vida de Dom Bosco; a idéia, porém, do Título e do Santuário veio-lhe num momento determinado; em seguida, os longos tempos de realização do fenómeno acontecido com e ao redor do Santuário: a dimensão mariana popular da pastoral salesiana. Algo semelhante aconteceu com a idéia de fundar a Congregação: um momento de intuição que a fez cintilar, depois o lento processo de convocar e formar os candidatos, redigir a Regra, dar “fisionomia” à comunidade.

Devemos colocar o Boletim nessa mesma ordem de coisas. Brilhou-lhe a idéia de ter um órgão de imprensa a serviço do seu movimento e da sua Família; dessa intuição começaram a articular-se os trabalhos, os esforços, as mínimas organizações, etc.

Dom Bosco intuiu uma coisa que, depois, aconteceu

de fato: o Boletim deu uma nova existência à Congregação e ao movimento salesiano. Diríamos hoje, com uma expressão apenas análoga, que lhe deu uma existência virtual num espaço que não o físico, mas social, em que criou uma rede de sintonia, conhecimento, colaboração.

Poder-se-ia fazer uma conferência sobre essa passagem da vida do nosso Pai. Cabe aos historiadores aprofundá-la. O que conta para nós no momento é distinguir bem a consistência diversa das iniciativas empreendidas por Dom Bosco. De fato, uma coisa é algum trabalho ocasional assumido por ele, outra coisa são as iniciativas que aparecem como determinantes e que têm uma continuidade, com desenvolvimento permanente em seu pensamento e em sua obra: a decisão pela juventude, a concepção do oratório, as escolas profissionais, a Basílica de Maria Auxiliadora, a fundação da Congregação, o Boletim Salesiano.

O Boletim, na verdade, está ligado à sua sensibilidade

de pela boa imprensa mas, ao mesmo tempo, no interior da boa imprensa, ele tem uma existência e configuração própria, e uma finalidade particular em relação à Congregação. Por isso, não só Dom Bosco, mas depois dele, todos os seus sucessores, sem exceção, falaram da sua importância e identidade; por isso, como lê-se no artigo 41 dos Regulamentos, a sua redação foi colocada sob a responsabilidade do Reitor-Mor e do seu Conselho.

b. Finalidade específica do Boletim

A importância dada ao Boletim, em todas as fases percorridas até agora pela Família Salesiana, deve-se às funções desenvolvidas por ele. Podemos resumi-las, acompanhando as palavras do próprio Dom Bosco, nas seguintes:

- estender, não digo a glória e a fama, mas as possibilidades apostólicas da Congregação, a sua imagem para além do que podiam fazer as obras e as pessoas;

- unir espiritualmente todos os que, de algum modo, se sentem ligados à obra salesiana, criando sentido de pertença e disponibilidade à colaboração;
- as duas finalidades anteriores deviam ser alcançadas através da difusão do espírito salesiano, expresso nas obras e na mentalidade educativa da Família Salesiana.

Esses efeitos estavam nas perspectivas de Dom Bosco e a história confirmaram-nos pontualmente.

Não pretendo delongar-me nesses pontos. Estou certo que já os haveis tratado ou os tratareis. Desejava simplesmente recordá-los.

2. Referências para a atual orientação do Boletim Salesiano

Quando pensamos sobre o modo de realizar hoje as mesmas finalidades, a mente vai primeiramente, não aos meios ou instrumentos, mas ao contexto em que vivemos. Os meios, de fato, serviriam

pouco, sem a nossa colocação consciente nas coordenadas da cultura, da Igreja e da Congregação. Comportariam um investimento com pouco retorno. Não se trata, com efeito, de ter um órgão para dizer qualquer coisa, mesmo que seja boa. É urgente e necessário entrar em diálogo com a sociedade atual e na Igreja. Por isso, a primeira coisa indispensável é saber qual o contexto em que falamos hoje sobre o fato salesiano.

Quero dizer-vos como sinto o contexto atual, para justificar também as diretrizes que, como Reitor-Mor, vos indicarei. Não posso desenvolver muito nem sequer este aspecto. Cada ponto ao qual aceno exigiria um longo comentário, mas o nosso tempo é limitado. Trata-se dos sinais do tempo que estamos vivendo e que deverão inspirar a orientação do Boletim nos próximos anos.

Por quantos anos? Não podemos nem mesmo fixar de modo preciso a duração dos sinais e, portanto, das diretrizes; poderão ser válidas

para três, seis ou dez anos: tudo depende da velocidade da mudança. O importante, porém, é olhar para a realidade e o propósito de não trabalhar ou ficar à sua margem.

Quais são, então, os sinais ou coordenadas, isto é, o clima salesiano, eclesial e cultural, que estamos vivendo e que tomamos como ponto de referência?

a. O "tempo" da Congregação: Salesianos e leigos

O grande espaço em que nos devemos hoje colocar, do ponto de vista salesiano, é a reflexão do CG24 e, para ser ainda mais concretos, as inspirações e horizontes contidos na programação do Reitor-Mor com o seu Conselho (cf. ACG 358, *número especial*).

Devemos entender-nos bem sobre isso. Não se trata de apresentar literalmente os pontos da programação, mas de colocar-nos mentalmente no espaço criado e prospectado por ela.

A programação e o Ca-

pítulo sublinham o valor das realidades laicais.

Quais são essas realidades laicais? Os acontecimentos, temas e sujeitos que interessam à pessoa humana e favorecem a dignidade da convivência entre os homens, e que a Igreja assume como próprios para esclarecê-los, aprofundá-los e fazer emergir o sentido de salvação que trazem.

A realidade laical é, pois, a nova participação do laicato na missão da Igreja, indicada por seus documentos autorizados, tomada pela Congregação como principal horizonte do sexênio.

Que consequência pode ter isso para o Boletim Salesiano? Uma, de imediato: não fazer do Boletim Salesiano uma revista clerical. E isso é verdadeiramente o mínimo. Ou seja, colocar-se nas realidades que os homens vivem. Não fazer, então, uma coletânea em todos os números, com fotografias e palavras, do Papa, do Bispo, do Reitor-Mor, da Superiora Geral, da Inspetora, do Inspetor e dos Diretores de turno da revista.

Essa é uma primeira consequência: colocar-se no mundo, nos acontecimentos gerais tratados pela própria Igreja porque representam o caminho do homem.

Falando de laicato, nós Salesianos, com o CG24, olhamos àquela rede de pessoas, cristãos e de outras religiões, que por colaboração, simpatia, amizade, ou porque são atraídas por projetos generosos, têm Dom Bosco como ponto de referência e agregação. Uma das nossas primeiras intenções, não a única porém, é alcançar essas pessoas para aumentar o seu número e comunicação. Não nos detemos aqui. Queremos falar também a outros, não só para garantir novos simpatizantes, mas para dizer uma palavra, talvez esperada, sobre questões que interessam à vida.

Entre essas pessoas a palavra "leigos" recorda-nos aquele círculo particularmente próximo formado pelos grupos da Família Salesiana.

À indicação de preocupar-se com a realidade laical,

é preciso, então, unir a de ter em mente a Família Salesiana, o movimento salesiano, os numerosos amigos de Dom Bosco.

Para que chegue uma mensagem a essas pessoas, devemos selecionar os acontecimentos com o critério da significatividade, isto é, ter presente que muitas coisas podem ser belas e dignas de serem contadas, mas é preciso preferir as que conseguem apresentar a realidade salesiana com mais clareza e imediatismo. Não tiro conclusões disso, porque sois diretores de revista e capazes, então, de fazê-lo por vós mesmos. Isso, porém, entendi-o bem, quer dizer que ao escolher o material não se pode deixar levar pela necessidade de satisfazer amizades ou solicitações de gente "ansiosa" de ver a própria obra apresentada no Boletim. A isso podem prover os noticiários inspetoriais, não o Boletim Salesiano, que se dirige, por assim dizer, à opinião pública.

b. O clima eclesial

Dizendo clima eclesial entendo indicar a atmosfera, as macrotendências, o momento vivido pela Igreja. Além de perceber o tempo salesiano, é importante manter a atenção voltada aos acontecimentos da Igreja.

Refiro-me apenas a um deles. A Igreja vive uma grande tensão, que é também um grande desafio: a *nova evangelização*. É importante que o diretor de uma revista católica entenda bem quais as implicações da nova evangelização. Ouvireis a expressão a cada passo, à esquerda e à direita, para recomendar devoções, propagar iniciativas e aprofundar complexas questões atuais.

Nova evangelização quer dizer presença eclesial e anúncio de Cristo nos espaços geográficos abertos pelos últimos acontecimentos; quer dizer também intervenção nos areópagos modernos, como diz-se com frequência, e diálogo com os questionamentos e problemas do homem. Palavras todas que

parecem muito difíceis, mas que, na realidade, referem-se a coisas que se fazem no cotidiano. Os problemas do homem são a vida e a morte, o trabalho e o lucro, a cultura e as questões éticas, a educação e a paz.

Quando o diretor de uma revista entende bem qual é o movimento atual da Igreja e coloca-se adequadamente em seu caminho, melhora as mensagens e os comentários que oferece em sua revista.

Imagino, às vezes, que o diretor do Boletim Salesiano é uma daquelas pessoas em quem se pensa quando se procura alguém para fazer uma conferência interessante sobre a nova evangelização. As pessoas, de fato, pensam: «Se aquele tal dirige uma revista que traz mensagens cristãs, deve conhecer bem a linha em que a Igreja se está movendo hoje».

O clima eclesial é marcado, também, pelas dimensões atuais da *comunhão*. Considerem-se, pelo menos dois aspectos: a comunhão

entre as vocações sacerdotais, laicais e consagradas – esclarecida e proposta nas três Exortações Apostólicas que se referem a esses estados: *Christifideles Laici, Pastores Dabo Vobis, Vita Consecrata* – e, depois, a comunhão, hoje possível, em diversos raios, especialmente nos mais amplos.

O Papa foi chamado de “pároco do mundo”, porque, assim como temos a aldeia global em âmbito civil, temos também a paróquia global em âmbito eclesial.

Podemos tirar logo uma consequência disso: não é mais o caso de falar apenas das coisas locais, com o pretexto de que as coisas distantes não interessam. Não existe mais qualquer coisa distante na vida da Igreja. Algumas podem acontecer em Roma, na Índia ou na China e serem muito importantes para a Terra do Fogo, porque são grandes sinais de vitalidade eclesial. A distância geográfica não marca mais a importância de uma informação para o povo do lugar. Das notícias pequenas do lugar

podem interessar-se os noticiários redigidos e difundidos várias vezes ao dia. A eles cabe comunicar as pequenas notícias do lugar, além das grandes notícias.

Para uma revista mensal como o Boletim, a dimensão da comunicação é a mesma do clima eclesial: o diálogo com o mundo. Isso significa levar em consideração os fatos salientes que fazem história, porque se referem ao homem. Ontem o Papa falou da imigração, dos que especulam sobre ela e colocam a vida dos pobres em risco. Existem acontecimentos que se repetem cá e acolá, e que são sinais de grandes fenômenos sobre os quais a Igreja tem uma palavra a dizer, para oferecer o ponto de vista cristão sobre eles. E, talvez, também a Congregação tenha uma experiência a comunicar ou uma iniciativa a apresentar.

Evangelização e comunhão estão sendo vividas com intensidade particular no tempo jubilar, iniciado ontem, primeiro domingo de Advento (29 de novembro),

com a proclamação da Bula de convocação. Também a respeito do Jubileu, não se trata de acenar-lhe repetidamente, mas de assumir suas grandes motivações, levadas à humanidade e às pessoas, ou seja, entrar espiritualmente nele para mover-se em seu interior.

c. A emergência da comunicação social

O terceiro sinal a evidenciar refere-se justamente ao vosso mundo; a emergência da comunicação social, capaz de chegar simultaneamente, e com a mesma mensagem, a um grande número de sujeitos, e de modificar a modalidade da comunicação interpessoal e de grupo.

Interessa-nos sublinhar que se trata de um fenómeno invasor; que existe concorrência, sobreposição e confusão de mensagens; e, sobretudo, que é multimídia, isto é, serve-se ao mesmo tempo de variados tipos de linguagens e meios.

Difícilmente, por exemplo, uma revista é apenas re-

vista. Ela possui outros instrumentos e canais que funcionam juntos de maneira desordenada: a *Internet*, o disco sem valor que ela oferece, a televisão, os centros culturais.

Um folheto isolado nessa realidade tão invasora, não consegue fazer muita coisa, mesmo sendo endereçado a sujeitos escolhidos e selecionados. Tudo isso deve-nos fazer entender que não se deve separar o Boletim das demais formas de comunicação que possam existir nas Inspetorias ou na Igreja. É preciso coligá-los em rede.

Outro aspecto a levar-se em conta é que a comunicação social é um espaço de diálogo. Não é possível estar satisfeitos só como envio de mensagens, falando numa única direção. A interatividade é, hoje, norma de quase todo o mundo multimídia: enviam-se mensagens e recebem-se as reações. Colocam-se questões e recolhem-se respostas. Pode-se interagir até mesmo na TV, que está se tornando digital.

A comunicação quer ser lugar de diálogo para criar imagem, mas também para dar vida e animar iniciativas. Algumas revistas e emissoras de rádio tornaram-se centros de proposta em que as pessoas podem colaborar a favor de alguma causa que interesse o ambiente imediato ou distante: são freqüentes as iniciativas "ocasionais", os apelos, as coletas de ajuda, promovidas por iniciativa da redação ou com o favorecimento dos pedidos de grupos particulares: a comunicação é ação, e não só palavra pronunciada ou escrita.

d. A mundialização

Outro sinal do tempo que vivemos é a *mundialização*. Com ela, em geral, quer-se indicar que os fenômenos se manifestam simultaneamente nas partes mais distantes do mundo. Uma variação na Bolsa é sentida em Manila ao mesmo tempo que em Londres; vende-se Coca Cola em Samoa e em Edimburgo, e pelas mesmas razões. São exemplos co-

tidianos ao alcance de todos. Existem também macrotendências de pensamento e cultura que atravessam todos os continentes.

A mundialização indica ainda a possibilidade de alguma coisa, local e particular, revestir ou suscitar interesse mundial.

O que se afirma da mundialização dos acontecimentos seculares em geral, pode-se dizer da Congregação em particular. Também para nós, Salesianos, os fatos têm dimensões mundiais, e não só porque já estamos em 120 países. Interessam-nos as coisas acontecidas em lugares distantes em relação àqueles nos quais vivemos, por exemplo, na China ou no Vietnã. Se a situação daquelas partes do mundo é singular, causa curiosidade em todos. Quando o Reitor-Mor passa cá e lá, irmãos e membros da Família Salesiana perguntam como vão as coisas no Leste ou na China. Devo dizer, para a vossa consolação, que perguntam também como vão as coisas na Europa centro e norte, porque to-

dos estão sumariamente informados sobre o movimento vocacional e a condição da fé nessas áreas.

Também nós, então, vivemos a mundialização, no sentido em que muitos fenômenos são comuns, e que um fato, acontecido numa parte, interessa àqueles que estão vivendo numa outra parte do mundo.

É preciso recordar além disso que a mundialização representa ainda uma possibilidade de coligação em raio amplo para trabalhar juntos em determinadas frentes. Não faltam os exemplos.

3. Orientações para o Boletim Salesiano

À luz desse quadro de referência, dessas coordenadas, quais são as orientações que vos poderia dar para o Boletim Salesiano? Propo-nho-as à conversação, como cumprimento do artigo 41 dos Regulamentos, que diz: «*O Boletim Salesiano é redigido conforme as diretrizes do Reitor-Mor e do seu Conselho, em várias línguas*».

a. Perspectiva salesiana

Em primeiro lugar, recomendo-vos que assumam e mantenham o seu caráter salesiano. No título “Boletim Salesiano”, o termo *salesiano* é um adjetivo, do ponto de vista gramatical; na realidade, porém, é um substantivo. Ou seja, o Boletim caracteriza-se na avaliação das coisas com visão salesiana e representa a sensibilidade daquele conjunto de pessoas que se reconhecem no carisma e na missão salesiana.

Poderíamos colocar uma outra palavra do lugar de “Boletim”. Somos apegados à palavra “Boletim” porque nos vem de Dom Bosco; mas ela é apenas a sua definição material, exprime apenas o tipo de publicação: é um Boletim, não um jornal.

A substância, entretanto, é indicada pelo adjetivo *salesiano*; com ele quer-se dizer que lemos os acontecimentos humanos do ponto de vista salesiano e damos uma contribuição no debate dos temas que nos interessam segundo o critério salesiano.

Se *salesiano* é a substância, quer dizer que, decaindo a salesianidade, decai a revista. Se a salesianidade não aparece, ou até mesmo desaparece, a revista perde a sua identidade. É necessário, pois, que seja não só materialmente fiel, mas substancialmente e profundo na visão salesiana.

O visual salesiano deve ser retomado de várias formas e de maneira criativa; não repetindo-o verbalmente, mas modulando-o e enriquecendo-o. Pode colocar-se da perspectiva pedagógica, da espiritualidade, às vezes simplesmente da sensibilidade humana por determinados problemas; tudo depende do público ao qual se dirige e do tema que se trata...

Acrescento que esse visual e perspectiva salesiana deve caracterizar todos os artigos. Não se refere só ao editorial, mas à escolha de cada fato e mensagem, até dos chistes e vinhetas. Tem-se, de fato, uma sensação estranha quando o Boletim todo caminha num determi-

nado modo e, de improviso, defronta-se com um “quadrinho” ou uma fotografia que nada tem a ver com tudo o mais, que obedece apenas à vontade de querer fazer rir a qualquer custo. A *salesianidade* deve caracterizar todos os artigos como perspectiva; deve caracterizar cada número em seu conjunto; deve caracterizar a seqüência dos números que dá fisionomia ao título.

Fique claro, para evitar equívocos, que ao falar de *salesianidade* não nos referimos à quantidade dos acontecimentos salesianos narrados; não é necessário apresentar todas as comemorações que se fazem na Inspeção ou no mundo. Não nos referimos nem mesmo à transcrição de textos dos Salesianos ou das Filhas de Maria Auxiliadora, e nem sequer à apresentação de obras salesianas. Materialmente, isso estará presente na medida suficiente e discreta. Nós, porém, visamos sobretudo o *critério com que se escolhem os sujeitos ou temas dos mais diversos ambientes.*

Podem-se escolher acontecimentos ou argumentos de Igreja, mas é preciso saber quais e por que são escolhidos. Pode-se escolher um fato ou opinião difusa no contexto leigo, mesmo em relação a aspectos de política. Atualmente estamos discutindo na Itália, sobre a escola: recordo-me ter escrito no Boletim Salesiano um editorial também sobre a liberdade e a paridade escolar. Pode-se dar espaço, pois, a uma discussão desse tipo: também aí, trata-se de ver quais temas e por que. Podem-se escolher, como sempre se faz, fatos de Congregação e de Família Salesiana. Para eles, igualmente, é interessante conhecer o critério salesiano que determina a sua presença na economia do Boletim.

Além do critério com que se escolhem os temas, os sujeitos ou acontecimentos, a perspectiva salesiana indica *a chave para interpretá-los*. Temos interesses, cultura e sensibilidade específica: sensibilidade de educadores, interesses pelas questões juvenis, abertura humanista. Não

é necessário repetir as palavras, é importante ter presentes os referimentos. Repetindo as palavras, acaba-se por cansar o leitor. O que conta é o ponto de vista de onde se olha, que não deve ser fechado, mas original.

Ninguém dá uma informação asséptica; não existe uma informação nua; ela sempre sublinha alguns elementos, ordena-os, coloca-os numa certa cadência de modo que os mais importantes estejam no centro da atenção; alguns elementos da notícia comenta-os, outros não. Isso acontece também com a nossa elaboração de notícias. Existe uma chave para colocar os seus elementos numa certa ordem, para comentar mais alguns e passar por cima de outros, para elaborar seus títulos.

Digo-vos duas impressões que tiro da leitura dos Boletins. Confesso-lhes, porém, que não tenho tempo para ler todos eles inteiramente; de vez em quando, em turnos, tomo algum deles. Noto, às vezes, pobreza de elaboração, ou seja, que al-

gum acontecimento é apresentado apenas materialmente, como aconteceu. O leitor inteligente, certamente, tirará as conseqüências, mas não se nota que quem escreveu tenha pensado e refletido sobre ele; referiu-o apenas, e com muita pressa.

Em outros Boletins a elaboração é variável; nota-se em alguns artigos a sensibilidade educativa e a atenção à história salesiana; outros, porém, são mais genéricos, não trazem nada de específico, são quase sem personalidade. Deve-se, então, perguntar: com qual critério são escolhidos, quais as chaves em que são narrados, com qual material são elaborados?

Um mestre que nos ensinava o gênero jornalístico, dizia-nos que, num artigo mesmo breve, apenas uns 30% provêm do acontecimento observado, outros 35% devem ser tirados da inspiração pessoal, outros 35% da capacidade de comparar com outras fontes que devem ser aproximadas.

A primeira coisa, portanto, na realização dos Bo-

letins Salesianos é manter a especificidade salesiana, o visual, a perspectiva, o ponto de observação salesiana.

b. Abertura universal

A segunda coisa que vos recomendo é esta: dai ao Boletim uma *abertura universal*. Acenamos anteriormente à globalização, à mundialização, ao interesse que podem suscitar fatos que acontecem no extremo do mundo, oposto àquele em que escreveis, à interculturalidade. Não vivemos mais na paróquia, não vivemos mais na aldeia.

Atenção e abertura ao universal em três sentidos.

Em sentido *geográfico*: visão de todos os contextos em que os Salesianos trabalham. Não se pode naturalmente colocar tudo num só número. O diretor preocupe-se, porém, em ter duas coisas: sensibilidade, não sendo, por isso, homem de aldeia ou de paróquia, mas homem do mundo, e disponibilidade material em aspecto amplo. Se alguém não tem sensibili-

dade por pensar que o Boletim deva responder apenas a interesses de uma nação, pequena ou grande que seja, ou se não tem material à mão, isto é, informação, não poderá fazer um Boletim aberto à universalidade.

Acenei-vos ao interesse demonstrado pela gente e, particularmente, pelos nossos cooperadores e amigos, em ter notícias do mundo salesiano. A inclusão, hoje, de notícias do mundo é motivada também por uma outra exigência: educar à mundialidade. Dizemo-lo aos jovens, mas vale para todos.

Além de voltar o olhar ao mundo para colher notícias significativas de todas as partes, conforme a hora que vivem a Congregação, a Igreja e o mundo, abertura universal quer dizer *contextualizar de forma ampla os fatos reportados*. Sirvo-me de uma provocação para expressá-lo: salesianidade sim, salesianismo e bairrismo, não. Salesianidade quer dizer que no diálogo, feito na Igreja, oferecemos a nossa visão carismática. Bairrismo é dar

a impressão de que a única coisa importante para nós somos nós e o que nos pertence ou nos cabe.

A exigência deve ser aplicada também ao âmbito eclesial: contextualizar os fatos na vida da Igreja. Não se trata, novamente, de fazer artigos explícitos sobre a dimensão eclesial, mas ver como se organizam as notícias que queremos dar, com quais confrontos e referências. Isso poder-se-ia chamar “educar à catolicidade”: saber inserir a Família Salesiana na grande comunhão eclesial. A impressão mais forte dos Sínodos, que se estão celebrando em contexto de nova evangelização, é esta: a Igreja está convencendo-se de que poderá ter um influxo sem par sobre o mundo, se a sua comunhão encontrar novas formas de ser operativa. Pensai no que pode significar o fato de todas as Conferências episcopais da América unirem-se para dar uma determinada linha à evangelização ou para influir sobre determinados temas e orientações da sociedade. Nós de-

vemos entrar nessa linha “católica” de comunhão.

O terceiro sentido do universal, enfim, é estar *atentos aos variados âmbitos humanos*. Ou seja, sem fazer do Boletim Salesiano uma revista “social”, existem problemas sociais que não podem ser descuidados; ou preocupações pastorais, como a família e o matrimônio, que deveriam aparecer de tanto em tanto também nos Boletins Salesianos; ou ainda questões políticas que interessam de perto à evangelização. A legislação sobre a vida e a família não será tratada por nós como pelo Parlamento, mas se não quisermos ficar fora do mundo, alguma coisa devemos exprimir do nosso ponto de vista. Existem, igualmente, as questões morais. O Boletim Salesiano está interessado em tudo isso, mesmo não sendo uma revista juvenil, ou uma revista catequética, ou uma revista pastoral: ele apresenta a experiência salesiana e exprime a sua reflexão e sensibilidade sobre os problemas do homem e a vida da Igreja.

c. *Sentido de unidade*

Após a perspectiva salesiana e a abertura universal, colocaria como ponto de atenção particular o *sentido de unidade*.

Cabe aqui a pergunta: um ou muitos Boletins? Já resolvestes: um Boletim com diversas edições. As diversas edições têm a própria conveniente autonomia e ninguém quer limitá-las. Fomos sempre muito generosos ao dar espaço à criatividade. Ao mesmo tempo, contudo, as diversas edições são coligadas, têm uma unidade carismática, uma identidade comum como órgão da Família e do movimento salesiano.

A unidade carismática poderia ter hoje novas expressões institucionais e operativas para evidenciar que os diversos Boletins são edições nacionais de uma revista mundial. Isso deveria ser percebido pelo leitor. E não há muito para escandalizar-se, como se se tratasse de uma excessiva centralização. Quem lê o *Rider's Digest* no Mato Grosso, por exemplo,

sabe que é uma edição que retoma, adapta ou acrescenta, de acordo com o próprio mercado, mas sabe que existe um grupo editor que assume a responsabilidade da edição inglesa, francesa ou outras. O grupo editor marca o endereçamento e o estilo, e quem lê a revista, em qualquer língua, percebe que é a mesma pelas tendências e critérios que segue.

Imagino, para os Boletins, algo de análogo: a autonomia, a escolha de alguns materiais, a elaboração são diversas, mas as características e a orientação são as mesmas, em italiano, em inglês, em francês ou em espanhol: uma revista mundial capaz de responder a interesses regionais, mas coligada em raio internacional por um certo endereçamento.

A unidade dos Boletins, que é de conteúdo e de identidade, poderia ter ulteriores manifestações, como um logotipo comum, uma plataforma programática comum, a palavra do Reitor-Mor retomada regularmente ou quando convier.

Isso tudo seria concordado por vós, olhando para o futuro.

d. Linha editorial

A quarta orientação que vos recomendo refere-se à linha editorial.

Os três pontos anteriores dizem que não podemos ir adiante com o risco da falta de continuidade e do individualismo, pelo que o diretor de turno dá ao Boletim o seu endereço: juvenil, teológico, na linha das tendências mais modernas, como feminismo ou teologia da libertação ou, se outro é o diretor, na linha devocional, defensiva, apologética. São paradoxos para sublinhar que não é possível uma instituição ter uma revista desse peso e não ter uma linha editorial garantida.

A *linha editorial* pode variar, porque os tempos apresentam variações; mas deve ser *consciente*, isto é, fundada; *explicitada*, ou seja, branco sobre preto, de modo que seja pública e conhecida, ao menos por aqueles que

participam ou se sucedem na redação; *coerente*, de tal modo que suas diversas declarações possam ser colocadas uma ao lado das outras; e *mantida* tanto por aqueles que escrevem os artigos, como na sucessão dos diretores.

O nosso sucesso nos diversos campos da Congregação deve-se, até agora, ao fato de combinarmos bem duas coisas: a criatividade com um certo individualismo a ela relacionado. Nossos missionários são singularmente capazes de conceber uma obra, procurar dinheiro e construir o edifício. São criativos e, ao mesmo tempo, pendem na vertente individual, pelo que se diz muitas vezes: «Quando chegar o próximo gestor, terá tantos amigos, receberá tantos meios, saberá gerir a estrutura?». É uma incógnita. O individualismo é o risco da criatividade, mas pode ser temperado ou neutralizado sem mortificar a criatividade.

Aconteceria algo semelhante com o Boletim, se cada um se movesse conforme à própria genialidade e às próprias possibilidades; se pro-

curasse colaboradores, se se tornasse amigo dos jornalistas, sonhasse uma nova capa sem regra e sem referências normativas.

Dizia-me alguém: «Quero fazer uma revista juvenil», e eu respondia: «Será muito bom tratando-se do tom, da veste ou também de buscar um centro para o conjunto do conteúdo; mas quanto ao resto, não. O Boletim não é uma revista de pastoral juvenil ou de educação da Congregação Salesiana». O Boletim Salesiano é mais amplo e variado como interesse: dirigido a um público mais popular.

É importante, então, ter uma linha editorial consciente, explicitada, coerente e conservada na passagem de uma redação a outra, que deixe espaço à criatividade e, ao mesmo tempo, regule-a e oriente-a.

e. Interatividade

Dizia-vos, antes, que hoje quase nenhuma revista ou órgão de comunicação envia mensagens sem expor-se

também à reação e ao diálogo. As emissoras de rádio organizam muitos programas sobre o diálogo; as revistas têm um correio de leitores e encontros periódicos; algumas têm um site na *Internet*.

O Boletim Salesiano, igualmente, não deve ser um produto acabado em laboratório e expedido, mas uma obra apostólica e pastoral, em que se encontram interlocutores de diversas formas. Nem sempre o diálogo será verbal. A atenção do diretor aos humores dos leitores, a comunicação ocasional, com a totalidade dos leitores, e regular, com alguns deles, são formas complementares do diálogo articulado.

É desejável, nessa interatividade, a participação da Família Salesiana; ocorre superar a gestão puramente individual. Faço, porém, duas breves observações sobre essa participação. Não convém dizer: «Eu faço por todos»; é melhor dizer: «Façamos juntos». O segundo comentário é para esclarecer que a participação não é feita pela divisão em lotes ou representa-

ção, mas por competência. Trabalhamos com toda a Família Salesiana; quem for competente venha: competente na direção, na redação, na distribuição.

Pode-se fazer, de vez em quando, um encontro de revisão do qual poderão participar alguns representantes. Mas é inútil, na redação ordinária, ter representantes não competentes, que defendam o próprio ramo, reivindicando espaço material ou certa quantidade de artigos. É preciso estar abertos, oferecer espaço à colaboração e aceitar colaboração; mas, ao mesmo tempo, manter o seu critério justo, que é o da competência. A redação não é organismo político, mas profissional.

Inserimos, enfim, na interatividade, o que comentamos antes: comunicação entre os Boletins Salesianos. Não me delongo porque estou certo que este encontro mundial volta-se também para um maior intercâmbio.

4. Disposições necessárias aos diretores do Boletim Salesiano

Insistimos sobre a originalidade salesiana, a abertura, a universalidade, a unidade do Boletim. Se tudo isso é verdade, quais são as disposições necessárias ao diretor do Boletim Salesiano para realizar o que lhe é pedido?

Terei o cuidado de não vos fazer uma lista muito longa, que poderia levar-vos a dizer: «Se é assim... demitome!». Indicarei apenas algumas exigências do papel que sois chamados a desenvolver. Segundo o meu modo de ver, são disposições que todos temos, pelo fato de sermos salesianos; mas que devem ser redescobertas e desenvolvidas conforme a situação particular em que vos encontrais.

a. Personificar Dom Bosco

Coloco em primeiro lugar a disposição interior, o desejo que é também atitude: *personificar Dom Bosco* na

escolha, interpretação e comunicação das mensagens e, mais em geral, na gestão do Boletim. Dizemos aos Inspectores: «És Dom Bosco na Inspetoria e na região, debes pensar o que faria Dom Bosco, quais os espaços que se esforçaria por ocupar, que imagem daria da Congregação». Dizemos o mesmo aos diretores. «Personificas Dom Bosco como diretor de uma escola ou de um centro profissional; pensa o que faria Dom Bosco com os jovens...».

Há o Dom Bosco histórico, isto é, aquela pessoa que viveu entre 1815 e 1888. Compreendemo-lo através da biografia e dos estudos históricos. E há o Dom Bosco carismático atual, que é a realidade da Congregação e da Família Salesiana, com a comunhão orgânica em que as mediações e os tempos de discernimento têm a sua importância. São todas coisas que sabeis fazer sempre com estilo e amplitude jornalística.

b. Cultura e formação salesiana

O diretor do Boletim deve ter, para personificar Dom Bosco, *uma boa cultura e formação salesiana*. Penso muitas vezes que se um determinado ambiente ou grupo quisesse saber como é a Congregação, como funciona a pastoral salesiana ou qual é a nossa espiritualidade, deveria pensar quase automaticamente no diretor do Boletim, como um seu profundo e atualizado conhecedor.

Assim como para informar sobre o andamento do Banco da Itália chama-se o seu Governador, de quem seria preciso aproximar-se para saber como caminha o nosso mundo salesiano? Deveria ser espontâneo pensar que o dirigente de uma revista salesiana sabe tudo isso, que não pode ser ignorante da história, das intenções atuais, das frentes de expansão ou dos critérios que orientam a sociedade cujo órgão de imprensa é dirigido por ele. As pessoas supõem, de fato, que o diretor de uma revista co-

nheça bem as coisas de que a revista se ocupa.

Cultura e formação salesiana são, pois, competências específicas do diretor do Boletim Salesiano. Isso requer sensibilidade e estudo: sensibilidade significa interesse e atenção; estudo quer dizer leitura assídua e atenta, conhecimento da salesianidade interiorizada e acumulada. Não imagino um jornalista sem arquivo pessoal em que recolha, anote e mantenha à mão observações e dados; de outra forma, como elaboraria seus serviços?

Visitei certa vez um jornal, umas das coisas que cada um de nós procurou fazer na vida. Mostraram-me o arquivo dizendo: «Vê, se o Papa morrer amanhã, o que Deus não permita, puxamos esta pasta e, em duas horas, podemos escrever sobre onde viveu, onde formou-se, quantas viagens fez, onde esteve, etc.». Em algumas horas, um grupo de jornalistas são capazes de fazer toda a edição, porque têm tudo à mão. E não escrevem qualquer coisa: raciocinam sobre o assunto.

Não me escapam, naturalmente, as diferenças que existem entre um jornal e um Boletim; mas é impensável que um Boletim com vinte, trinta ou cinquenta anos de existência não tenha deixado nada arquivado. E, depois, podendo dispor de meios técnicos melhores pode-se enfrentar a questão de forma um pouco mais eficaz e completa.

Havia, na mesma redação do jornal de que falei, uma biblioteca especializada. Podemos pensar também numa biblioteca do Boletim super especializada, onde alguém pode encontrar e pegar rapidamente aquilo que lhe serve. Pode ser também uma biblioteca salesiana próxima, mas não deve faltar, e deve obedecer à especificidade do Boletim.

Enfim, é preciso vencer-se que dificilmente se trabalha bem hoje sem instrumentos de consulta. A salesianidade, por exemplo, desenvolveu-se muito do ponto de vista histórico. Percebe-se logo quem domina a história e quem não a conhece. Al-

guns artigos são muito pobres de referências: não se relacionam a Dom Bosco e ao seu espírito a não ser através das genericidades que qualquer um saberia dizer. Não se publica, também, na revista tudo o que ficamos sabendo através das consultas, porque o espaço é aquele que é, mas percebe-se o essencial no artigo, como seu fundo em cada palavra, ficando como cultura salesiana para outros artigos.

Há também, com o que disse antes, o diálogo com os responsáveis da missão salesiana *in loco*; não se trata, igualmente, de reproduzir as palavras do Inspetor ou do Conselho. Falar frequentemente com eles, porém, coloca-vos em órbita, ajuda-vos a entender para onde vai a sensibilidade da Congregação neste momento.

c. Senso pastoral

‘A última disposição do diretor à qual desejo acenar é o *senso pastoral*. Deveríamos referir-nos aqui à espiritualidade do comunicador,

que comporta reviver e sentir interiormente o que quer comunicar, meditá-lo, também rezando; procurar a forma para chegar ao coração das pessoas, ou seja, tocar justamente aquele ponto lá onde nascem convicções, sentimentos e propósitos.

É preciso aceitar, então, o esforço, o trabalho assíduo, a paciência de estudar, pensar, escrever e melhorar. Tudo isso vai contra a improvisação. É claro que nos jornais há artigos que se devem escrever numa penada, pois o fato aconteceu poucas horas antes e é preciso mandar para impressão. Mas, como dizia-me um editor, a alguns textos, mesmo breves, dá-se tempo; ele é preparado com calma, procuram-se acenos ou ligações, lêem-se e relêem-se para corrigi-los e dar-lhes uma forma incisiva. Isso pode ser verificado: alguns editoriais são magistrais. Em nível de elaboração existe, portanto, a forma rápida e aquela que consente dias de reflexão. Buscar a forma adequada e chegar a ela deve ser considerado como participação

na comunicação da Palavra de Deus.

Juntamente com isso, o vosso senso pastoral inclui o profissionalismo jornalístico, na subespécie pastoral. Existem-se igualmente no jornalismo setores que têm uma base comum. Quando, entretanto, essa base refere-se a âmbitos específicos, não é mais genérica. Se alguém apresenta-se ao exame de jornalismo esportivo, fazem-lhe um exame sobre aquela área; se apresenta-se como comentarista político, além das generalidades verificam seus conhecimentos a sua perspicácia sobre o aspecto político. Seria preciso, então, ver o que pode significar jornalismo pastoral no interior no fenômeno da comunicação social da Igreja.

Há, depois, a capacidade vocacional, capacidade de formar colaboradores e sucessores, em duas frentes: a primeira é a salesiana. Direis, certamente, que isso depende dos Inspectores, que devem colocar alguém ao vosso lado, que vos ajude por algum tempo. Reconheço que essa é uma

observação justa. Acrescento, porém, que em algum caso, mesmo tendo alguém ao lado não se conseguiu formar um sucessor por incompatibilidade ou devido ao trabalho individualista.

Além dos Salesianos que vos possam colocar ao lado para ajudar, e que deveríeis solicitar, fazendo ver a exigência de uma sucessão preparada, deve-se realizar toda a formação dos colaboradores leigos. É preciso não só pedir-lhes uma colaboração material, mas inseri-los gradualmente na mentalidade da revista, comunicando-lhes o espírito e o visual salesiano.

Por último, como um aspecto do senso pastoral, sublinho a comunhão com a Inspeção: comunhão de missão, comunhão pessoal e comunhão de sensibilidade.

Aí está; são essas as coisas que me preocupei em dizer-vos em relação à expressão do artigo 41 dos Regulamentos: «*O Boletim Salesiano é redigido conforme as diretrizes do Reitor-Mor e do*

seu Conselho, em várias edições e línguas».

Obrigado pela vossa atenção.

Roma, Sacro Cuore, 30 de novembro de 1998.

5.3 Bispos Salesianos

1. *Dom Friedrich HEIMLER, Bispo Coadjutor de UMUARAMA (Brasil)*

Em 9 de dezembro de 1998 foi publicada a nomeação – por parte do Sumo Pontífice – do sacerdote salesiano *Friedrich HEIMLER* a Bispo Coadjutor da Diocese de UMUARAMA, no estado do Paraná, Brasil.

Friedrich Heimler é originário da Baviera, Alemanha, onde nasceu – em Unterlauntherthal – em 17 de fevereiro de 1942. Fez, na Alemanha, os estudos elementares e médios e, com 17 anos, atraído pela vocação salesiana, entrou no Noviciado de Ens Dorf, onde emitiu a sua primeira profissão em 15 de agosto de 1960.

Partiu, pouco depois, para o Brasil, Inspetoria de Mato Grosso, onde fez os estudos filosóficos e a experiência do tirocínio, emitindo a profissão perpétua em Campo Grande em 1966. Retornou à Alemanha para o curso de teologia, feito em Benediktbeuern, onde foi ordenado presbítero em 12 de julho de 1970.

Retornando ao Brasil, completou os estudos civis, conseguindo a licença em Letras. Desenvolveu, em seguida, por vários anos, as atividades de animador e educador, e de coordenador dos estudos. De 1982 a 1985 foi diretor do Colégio Santa Teresa, Corumbá. Em 1985 foi nomeado Ecônomo Inspetorial, encargo que exerceu com competência por 12 anos, até dezembro de 1994.

Em dezembro de 1994, ao final do serviço de ecôno-

mo, foi novamente nomeado diretor da casa de Corumbá – Santa Teresa – casa que está se preparando para celebrar os seus 100 anos de vida. Aqui alcançou-o a nomeação episcopal.

2. *Dom Nicola COTUGNO, Arcebispo de MONTEVIDÉU (Uruguai)*

O *Osservatore Romano* de 4 de dezembro de 1998 trazia a notícia que o santo Padre promovera o nosso irmão Bispo *Dom Nicola COTUGNO* à Sede Metropolitana de *MONTEVIDÉU*, no Uruguai, transferindo-o da Diocese de Melo, também no Uruguai, para a qual fora nomeado em junho de 1996.

Como Arcebispo de Montevidéu, Dom Nicola Cotugno sucede a Dom José Gottardi, também salesiano (cf. os dados pessoais em ACG n. 357, p. 66).

5.4 Irmãos falecidos (1998 – 4º elenco)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (Const. 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
L ANDALORO Agostino	Palermo	17-10-98	88	ISI
L ARIN SALSAMENDI Germán	Barcelona	19-10-98	86	SBI
P BARAUT OBIOLS Luis	Sucre	19-10-98	86	BOL
P BELLO LOURO Fernando	Madri	19-12-98	82	SMA
P BEM Józef	Cracóvia	16-12-98	63	PLS
P BERNARDI Eduardo	Rivera	11-11-98	60	URU
L BIEGANSKI Franciszek	Lódz	19-12-98	81	PLE
L BLESGRAAF Nico	Gravenhage	14-11-98	71	OLA
L BONGIORNO Angelo	Turim	11-10-98	81	ICP
P BUCCIERI Antonio	Shillong	03-11-98	85	ING
P CALDERONI Enzo	Florença	30-11-98	83	ILT
P CANDIA ALSINA Edmundo	Assunção	05-11-98	77	PAR
P CAÑETE MARTINEZ Jesús	Villena	22-12-98	75	SVV
P CARCABELOS Luis Alberto	Paysandú	09-08-98	68	URU
L CASIRAGHI Domenico	Tampa	10-11-98	83	SUE
P CASTEJON BLAZQUEZ Benigno	Madri	20-10-98	74	SMA
E CECCARELLI Enzo	Caracas	15-11-98	80	-
<i>Eleito Bispo em 1974, foi por 15 anos Vigário Apostólico de Puerto Ayacucho (Venezuela)</i>				
L CHERIN Francesco	Panamá	28-09-98	92	CAM
P CIMINI Lino	Roma	23-11-98	84	IRO
L CIU LOKAVIT Mark	Banpong	14-10-98	88	THA
P CIURCIOLA Mario Tarcisio	Civitanova Marche Alta	04-11-98	85	IAD
P COMETTI Pietro	Cuiabá	27-10-98	80	BCG
P CORCORAN Denis	Cork	15-10-98	76	IRL
S CORNEJO CAMPOS César	Lima	12-11-98	25	PER
S da COSTA Inacio	Los Palos (Timor)	26-12-98	25	ITM
P DE MARIA Costanzo	Bra (CN)	10-10-98	61	ICP
P FARINA Pio	Carrasquero	06-12-98	87	VEN
L FERRERO Giovanni	Roma	23-11-98	82	UPS
P GARCIA GONZALEZ Ernesto	Granada	26-11-98	74	SCO
P GARCÍA GUITIÁN Luis	Madri	27-10-98	77	SMA
P GENTILINI Giovanni Battista	Belluno	12-11-98	67	ILE
P GILARDONI Roberto	Buenos Aires	09-11-98	72	ABA
P GUZMÁN Juan José	San Salvador	16-11-98	74	CAM
P HOFFMANN Alfred	Amstetten	04-07-98	84	AUS
P HUGHES Francis	Kendal	16-10-98	83	GBR
L KAUL Johannes	Neudstadt	28-11-98	85	GEM
P KEIJERS Alphonse	Tournai	18-11-98	82	BES
P LAIMINGER Johann	Oberthalheim	25-08-98	86	AUS
P LICORDARI Salvatore	Pedara (CT)	15-11-98	78	ISI
P MADDEN James	Glasgow	26-12-98	82	GBR

L MASSI Salvatore	Roma	03-11-98	85	IRO
P McFERRAN Sean	Belfast	12-11-98	80	IRL
P MELOTTI Luigi	Verona	06-12-98	75	IVO
P MORCELLI Geremia	Sesto San Giovanni (MI)	31-10-98	77	ILE
P MUSIELAK Leon	Poznan	24-12-98	88	PLO
L NATOLI Benjamin	Orange, NJ	30-09-98	73	SUE
L NEGRISOLO Eliseo	Sesto San Giovanni (MI)	14-10-98	75	ILE
P ORLANDI Natale	Turim	21-10-98	77	ICP
L PASSERA Mario	Roma	13-10-98	71	ISA
P PASZENDA Wojciech	Oswiecim	28-12-98	67	PLS
P PATHIYIL James Joseph	Calcutá	08-11-98	33	INC
P PAZZINI Gerardo	Campinas	27-11-98	83	BSP
P PERONO Lorenzo	Chiari	13-10-98	75	ILE
P PHALIPPOU Émile	Toulon	03-11-98	93	FLY
<i>Foi Inspetor por seis anos</i>				
P PITTAVINO Maurizio	Lanzo Torinese	01-12-98	86	ICP
P PONTI Benigno	Arese (MI)	09-10-98	78	ILE
P RIZZANTE Giovanni	Alessandria	28-11-98	94	ICP
P RIZZI Ferdinando	Negrar (Verona)	20-12-98	86	IVO
P ROMANI Mario	Savona	23-11-98	87	ICP
P RYDEL Josef	Brno	27-10-98	73	CEP
P SANNA Terenzio	Turim	29-10-98	85	ICP
P SCHMID Alois	Fulpmes, Tirol	05-09-98	81	AUS
P SILBERBAUER Johann	Wien	03-09-98	75	AUS
P SPEZIA Licério João	Blumenau (SC)	26-11-98	49	BPA
P STOLLMEIER José Carlos	Porto Alegre	08-09-98	49	BPA
P TEIXEIRA Raimundo	Belo Horizonte	23-12-98	76	BBH
P TEUGELS Filemon	Hoboken	17-11-98	80	BEN
P WELTER Paul	Marselha	06-12-98	74	FLY
P WIJSMAN Peter	Rijswijk	12-11-98	86	OLA
P WILESCHEK Otto	Heiligenstadt	06-12-98	61	GEK
P WINSTANLEY Albert	Bolton	10-10-98	80	GBR
n WOCHNER Walter Ivan Edil	Santiago do Chile	22-08-98	20	PAR
L WRIGLEY John	Farnborough	30-10-98	95	GBR
P ZAPPELLI Oreste	Roma	17-12-98	84	IRO